

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Desporto

MARIO JORGE LOBO ZAGALLO:
ENTRE O SAGRADO E O PROFANO
UMA HISTÓRIA DE VIDA

por

Jayme Pimenta Valente Filho

Orientador: Prof. Dr. Rui Manuel Proença de Campos Garcia

Porto, 2006

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre **Mario Jorge Lobo Zagallo**, razão de ser deste trabalho, pela compreensão, paciência e inestimável colaboração.

Ao Prof. Dr. **Jorge Olímpio Bento**, amigo de todas as horas e artífice essencial das relações luso-brasileiras no campo do saber e do afeto.

Ao Prof. Dr. **Rui Manuel Proença de Campos Garcia**, pela amizade e competência na orientação do nosso trabalho acadêmico.

Ao Dr. **Álvaro Santos**, por ter disponibilizado a sua casa para os incontáveis e prazerosos encontros com Zagallo.

Ao Prof. Dr. **Jeferson Moebus Retondar**, pelo incentivo nos momentos decisivos.

À minha família, pela cessão de seu tempo.

ÍNDICE GERAL

Capítulo	Página
I. INTRODUÇÃO AO ESTUDO	1
1.1 - Objetivo do Estudo	4
1.2 - Justificativa	6
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	10
2.1 - Aspectos Conceituais do Fenômeno Religioso	10
2.2 - Relações Genéricas do Sagrado com o Profano	17
2.3 - A Secularização	24
2.4 - A Religião sob os Olhares da Modernidade e da Contemporaneidade	35
2.5 - Desporto e Religião	44
2.6 - Visão Religiosa no Brasil	58
2.7 - Sincretismo Religioso no Futebol Brasileiro	65
III. METODOLOGIA	74
3.1 - Evolução Histórica e Aspectos Conceituais do Método Biográfico	75
3.2 - Histórias de Vida e Educação Física e Desportos	80
3.3 - Procedimentos de Coleta dos Dados	81
IV. NARRATIVA DE VIDA DE MARIO JORGE LOBO ZAGALLO	86

Capítulo	Página
V. TRATAMENTO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	130
5.1 - Sobre a Análise do Discurso da Escola Francesa	131
5.2 - Compreensão dos Sentidos Contidos na Narrativa de Mario Jorge Lobo Zagallo e nos Depoimentos dos Entrevistados	137
A) O homem Mario Jorge Lobo Zagallo ...	139
B) O jogador de futebol	160
C) O treinador / coordenador técnico ..	171
D) O <i>Homo religiosus</i>	184
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199
 ANEXO	
I. ENTREVISTAS	208
II. MARIO JORGE LOBO ZAGALLO: DADOS SOBRE A ATIVIDADE PROFISSIONAL	237
III. MATRIZ ANALÍTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO	240

RESUMO

Este estudo, de natureza qualitativa, tem por objetivo pesquisar como é que o sagrado se manifesta nas atuações de Mario Jorge Lobo Zagallo como técnico e coordenador técnico, e quais as relações existentes entre o sagrado e o seu êxito profissional. Para tal, nos utilizamos dos instrumentos necessários para o estabelecimento da História de Vida e dos demais recursos que ela oferece. Nesse sentido, solicitamos que Zagallo fizesse um relato sobre os eventos mais significativos de sua vida profissional, além de gravarmos depoimentos de diferentes pessoas do entorno desportivo de Zagallo. Para que pudéssemos analisar a materialidade lingüística no *corpus* da narrativa do principal sujeito deste trabalho, assim como dos depoimentos dos entrevistados, contamos com o aporte técnico da Análise do Discurso, na perspectiva de Eny Puccinelli Orlandi, visto que esta é uma técnica que trabalha as relações do sujeito com a língua buscando não somente compreender o sentido contido em qualquer exemplar de linguagem, mas também o implícito, o não-dito mas que poderia ser dito, e o silêncio contido nas palavras.

Palavras-chave: FUTEBOL; SAGRADO; PROFANO; RELIGIOSIDADE; SINCRETISMO.

ABSTRACT

The present study is of a qualitative nature and it has a objective to investigate as the sacred manifests it self in the work of Mario Jorge Lobo Zagallo as coach and team coordinator and which are the relation between the sacred and his professional success. We made use of the necessary tools in order to establish his life history and of the tools that such history required. We interviewed Zagallo, who gave us an account of the most important events of his professional life, and different people from his The aim of this research is to describe how the sacred appears sportive environment.

To make a linguistic analysis of the narrative *corpus* in this research we counted on theoretical support of the Discourse Analysis in the Eny Puccinelli Orlandi perspective, since it is a technique which copes with the relations towards the language, by seeking not only the comprehension of the meaning in any extract of the language, but also the implicit, not-said which, nevertheless, could be said, and the silence in the words.

Key words: FOOTBALL; SACRED; PROFANE; RELIGIOSITY; SINCRETISM

RÉSUMÉ

Le but de cette recherche est de décrire comment le sacré apparaît dans le travail de Mario Jorge Lobo Zagallo en tant que entraîneur et coordinateur d'équipe et les relations entre le sacré et son succès professionnel. Nous avons fait usage des outils nécessaires pour établir son histoire de vie et des outils que tel histoire a requis. Nous avons eu des entrevues avec Zagallo, qui a relaté les plus importants événements de sa vie professionnelle, et avec différentes personnes de son milieu professionnelle. Pour faire une analyse linguistique du *corpus* narrative dans cette recherche, nous avons compté sur le support théorique de la Analyse du Discours en accord avec la perspective de Eny Puccinelli Orlandi, vu que cette technique se charge des relations vers la langue en poursuivant non seulement la compréhension de la signification dans quelconque des extraits de la langue, mais encore du implicite, du non-parlé qui, néanmoins, pourrait être dit et le silence dans les paroles.

Mots clés: FOOTBALL; SACRÉ; PROFANE; RELIGIOSITÉ; SINCRETISM.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO AO ESTUDO

Este trabalho busca desvelar o universo pessoal de Mario Jorge Lobo Zagallo, participante de seis Copas do Mundo e ganhador de quatro títulos mundiais no futebol. Através da narrativa de sua própria história de vida, de publicações e de depoimentos de pessoas do seu entorno, como amigos, técnicos de futebol, jogadores, companheiros de equipe, jornalistas e dirigentes desportivos, objetivamos identificar temas importantes em seus discursos, observando-se nas suas experiências considerações e projeções um mesmo tecido de fundo: a grande relação de Zagallo com o sagrado, ao longo de sua vida profissional.

A idéia de elaborar este estudo surgiu em uma conversa informal entre Zagallo e o autor deste trabalho, quando ele nos confidenciou que estava pretendendo encerrar a carreira de treinador de futebol. Esta revelação aconteceu no dia 23 de maio de 2001, na semana que antecedeu a decisão do Campeonato Carioca entre o Clube de Regatas Vasco da Gama e o Clube de Regatas do Flamengo. O Flamengo conquistou mais um tricampeonato sob o comando de Zagallo, e não foi dessa vez que o técnico abandonou as quatro linhas.

Quase dois meses após, no dia 11 de julho, Zagallo, com a mesma equipe, conquistou a Copa dos Clubes Campeões. Essa vitória lhe deu a oportunidade de participar da Taça Libertadores, cujo vencedor tem o direito de disputar, no Japão, o título mundial de clubes contra o campeão da Europa.

Esse triunfo e a possibilidade de participar de mais um evento internacional fez com que o "Velho Lobo" adiasse mais uma vez sua pretensão de se afastar do futebol.

Entretanto, os maus resultados do Flamengo no Campeonato Brasileiro e a temida possibilidade de rebaixamento para a segunda divisão, fato inédito e vexatório na história do Clube, fez com que os dirigentes do Flamengo propusessem a Zagallo que assumisse a função de coordenador técnico, juntamente com o novo técnico da equipe, seu ex-comandado e tricampeão mundial, Carlos Alberto Torres.

As manchetes esportivas dos principais jornais, veiculadas no dia seguinte, ou seja, no dia 17 de novembro de 2001, noticiaram amplamente o fato:

Jornal do Brasil:

"Zagallo, o irmão mais novo do futebol" - Técnico encerra a vitoriosa carreira como ponto de referência do esporte mais popular do mundo-.

Jornal dos Sports: "Adeus Zagallo" - O glorioso Zagallo enfim abandona a luta-.

Jornal Lance: "Uma carreira tetracampeã" -Zagallo se despede com um currículo que inclui passagens marcantes pelos clubes e também pela seleção-.

O Globo: "O adeus do número 13" - Zagallo sai do Fla e encerra carreira de técnico-.

O "Jornal Nacional" da Rede Globo de Televisão, telejornal de maior audiência do País, abriu a edição da noite de 16 de novembro dando destaque ao fato da seguinte forma: **"Herói de quatro Copas encerra carreira"**.

Na opinião de Fernando Calazans (2001), Zagallo simboliza uma geração de treinadores que deram esplendor a um futebol cuja chancela era a imaginação a serviço da arte de jogar, e sua retirada pode acelerar o processo de

empobrecimento do futebol e a perda de sua dimensão histórica.

Na assertiva de Marluce Martins (2001), o vitorioso e carismático Mario Jorge Lobo Zagallo, que celebrizou a camisa treze, concretizou o adeus que vinha ensaiando nos últimos tempos com a consciência serena de que tudo que realizou em sua vida foi pautado em cima do trabalho, sorte e honradez.

Obviamente, Zagallo não aceitou a proposta do Clube para exercer uma nova função; dessa forma, chegaria ao fim a carreira de um dos mais emblemáticos técnicos de futebol do mundo, insuperável na arte de ganhar títulos.

Ao se retirar do Estádio do Flamengo com destino à sua casa, Zagallo se dirige aos jornalistas dizendo:

"Vejam só que coincidência... Na minha saída, estou levando o Santo Antônio comigo. Encerro minha carreira com simplicidade. Saio do esporte deixando meu nome limpo. Zagallo é sinônimo de honradez."
(Martins, 2001, p.8)

Entretanto, quis o destino que a vida esportiva de Zagallo trilhasse outro caminho. A ida de Luis Felipe Scolari para Portugal deixou vago o cargo de técnico da seleção brasileira. Sendo assim, com vistas à próxima Copa do Mundo de 2006, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Dr. Ricardo Teixeira, fez um apelo a Zagallo para reassumir a função de coordenador técnico ao lado de Carlos Alberto Parreira, reeditando a dupla tetracampeã mundial em 1994.

Movido por um profundo sentimento nacionalista e comovido com o convite, Zagallo aceitou mais esse desafio rumo à sua sétima Copa do Mundo.

1.1 - Objetivo do Estudo

Segundo DaMatta (1982), o futebol, mais do que as ciências políticas, sociais, filosóficas e econômicas, tem sido o espaço privilegiado por onde transitam os temas mais importantes de nossa sociedade, em qualquer época. Através dele temos a oportunidade franca de passar de um código ideológico para um código que abrange os sentidos e os movimentos corporais, integralizando a própria experiência humana. Acrescenta ainda este autor que a polarização criada por este esporte vem da possibilidade de se identificar um modelo brasileiro por intermédio de sua dinâmica de jogo, que requer tática, força, determinação psicológica e física, habilidade, mas que também depende das forças incontroláveis da sorte e do destino.

Helal (1997) ratifica essa concepção ao afirmar que o estilo de jogo, festejado como "futebol arte", as celebrações dos torcedores e as coreografias dos jogadores para comemorar um gol são, de uma maneira geral, admitidas como marcas da nossa cultura, dignas de serem louvadas como traços singulares de nossa gente. Portanto, o futebol praticado no Brasil, da forma taxativa como é teorizado e discutido, seria um dos veículos pelo qual a nossa sociedade se manifesta e se deixa descobrir.

DaMatta (1982) destaca a interferência do futebol em nossa cultura ao pontificar que a vitória ou a derrota, como resultado final, se constituem numa metáfora da própria vida. Este drama, visto por outro viés, significa dizer que o futebol representa o conflito basilar existente

na sociedade do País entre os indivíduos e as forças impessoais, aleatórias, que se colocam no seu caminho.

Exemplificando essa concepção, veiculada através do futebol, podemos dizer que uma equipe possui todos os atributos favoráveis para vencer, e faz jus para tal; entretanto, não tem como interferir nas ações, na habilidade, nos erros e acertos da equipe contrária. Ou seja, uma equipe tem todas as condições para vencer, mas pode perder para uma mais fraca. Tanto na vida como na arte de jogar futebol, a vitória pode estar no plano do favorável, mas nunca no da certeza absoluta.

Oliveira (1999) aborda este assunto afirmando que no futebol, apesar da técnica apurada e da habilidade extrema dos jogadores, os resultados dos jogos são imprevisíveis, aflorando dessa forma o pensamento supersticioso, dando espaço para crendices, mandingas, rituais de magia e atos de fé católica.

Um referencial típico desse comportamento sincrético emana de Mario Jorge Lobo Zagallo e suas manifestações do sagrado, ou hierofanias, como prefere Eliade (1989).

Derrapagens do destino à parte, a religiosidade de Zagallo é para lá de heterodoxa, como diz Garambone, (2001).

Conhecido supersticioso, com fixação na numerologia do treze, pois faz associações instintivas com este número num verdadeiro *evocatio*, costuma visitar e fazer doações a Centros Espíritas. Nas orações costumeiras que os jogadores fazem antes de adentrar ao campo de jogo, está sempre presente. Como devoto de Santo Antônio, distribui pãezinhos todo dia 13 de junho.

Ao fazer uma análise de sua carreira de técnico de futebol, Zagallo assegura que seu êxito está apoiado no binômio competência e sorte. O Dr. João Havellange vai mais

longe. Instado a falar sobre Zagallo, afirma que, além de sua reconhecida competência e suplicada sorte, ele é proprietário de uma honradez e retidão de caráter inigualáveis.

São poucas as dúvidas de que a religiosidade de Zagallo já esteja internalizada no sentimento popular. Haja vista que um jornal especializado, precisamente o *Jornal dos Sports*, na sua edição do dia 6 de julho de 2001, iniciou uma pesquisa popular perguntando: Santo de Zagallo faz mesmo milagres?

Diante do exposto, surgem indagações que são a essência deste trabalho:

- Como é que o sagrado se manifesta na atuação de Zagallo como técnico desportivo?

- Que relações existem entre o sagrado e o êxito desportivo de Zagallo?

1.2 - Justificativa

Os santos e heróis, sejam estes últimos provenientes das artes, da política, do cinema, das histórias em quadrinhos ou dos esportes, fazem parte do universo sociocultural das nações. Na opinião de Bento (1998), quando eles não existem temos que criá-los, com a conivência do público que não sabe prescindir deles. O herói é aquele que vive para a sua causa, que faz ligações entre os deuses e os homens, é aquele que nasce para servir, como afirma Campbell (1995).

Dessa forma, o herói parte do mundo cotidiano e envereda por uma região mágica, atraindo forças fabulosas, logra uma vitória decisiva e retorna da misteriosa aventura com o poder de oferecer dádivas aos seus semelhantes. De acordo com Costa (1997), os heróis do desporto, com um apoio considerável da imprensa especializada, atuam no imaginário popular como lídimos representantes do seu povo e como modelos a serem seguidos por seus admiradores.

O herói desportivo vive exclusivamente de suas conquistas, legitimadas por regras universais e pelo público implacável que testemunha o feito *in loco* ou através dos meios de comunicação, em tempo real ou não.

No futebol, os heróis têm sua projeção aumentada pela grandiosidade desse evento. Nas palavras de Ricardo Teixeira (2001), o futebol passou de uma prática meramente esportiva, no início do século XX, para uma das mais importantes atividades socioeconômicas do mundo contemporâneo. Atualmente, a FIFA congrega 203 países que movimentam US\$ 250 bilhões anuais, dos quais o Brasil contribui com US\$ 16 bilhões. Para atingir esse montante, o Brasil dinamiza toda a sua estrutura de profissionais, torcedores, investidores, mídia, indústria de equipamentos, produtos e serviços esportivos.

Por essas razões, Murad e Helal (1995) ratificam que o futebol moderno é pródigo em "fabricar" heróis, e, dentre as várias façanhas que um jogador ou treinador pode protagonizar durante a sua vida esportiva, a mais significativa e abrangente de todas é participar de uma Copa do Mundo, onde são contabilizadas em média de 32 a 35 bilhões de assistências que autenticam e eternizam a maior competição da Terra.

Mario Jorge Lobo Zagallo cristaliza essa concepção, uma

vez que é personagem vivo de seis Copas do Mundo, das quais ganhou duas como jogador, em 1958 e 1962; como técnico, em 1970; e como coordenador técnico, em 1994, além de um honroso quarto lugar em 1974 e um vice-campeonato em 1998. Nessa oportunidade, nenhum outro gesto foi tão significativo para avaliar a verdadeira dimensão de um herói do desporto do que a reverência e o reconhecimento público do vencedor para com o vencido. Aimé Jacquet (1999), técnico da seleção francesa campeã do mundo, manifestou o seu profundo sentimento de culpa por ter esquecido de saudar Zagallo logo após o jogo entre os dois países. Depois da euforia da vitória, Jacquet revelou que repentinamente dois pensamentos afloraram em sua mente. O primeiro, que ele tinha um coração. O outro, mais surpreendente:

Zagallo! Eu esqueci de felicitar Mario Zagallo, o treinador brasileiro. Logo ele, um homem tão simples, tão afável, mas que é um monumento pelos títulos conquistados até hoje. Eu teria que levar duas vidas para, pelo menos, me aproximar dele. Eu não me perdôo por este esquecimento, eu me reprovo por não ter tido o reflexo, a cortesia de render homenagem ao perdedor, sobretudo de um homem com a envergadura de um Zagallo. (p.17)

Jacquet não se conformou com esse esquecimento. Posteriormente, disse a Zagallo que, apesar de sua tristeza pela derrota, gostaria que ele se juntasse aos franceses para compartilhar da alegria dos vencedores como se fosse um presente simbólico, pelo grande respeito que tem pelo técnico do Brasil.

Como reconhecimento por suas variadas conquistas, Zagallo foi escolhido como o melhor técnico do mundo em 1998, numa solenidade internacional do World Football-Gala

in Rotemburg, na Alemanha.

Num jogo amistoso em que a Seleção brasileira derrotou a equipe da Hungria por 4x1, no Estádio do Povo, em Budapeste, precisamente no dia 28 de abril de 2004, como preparativo para a fase classificatória da Copa do Mundo de 2006, os jogadores brasileiros entraram em campo vestindo uma camisa que estampava nas costas o número 250, comemorativo dos jogos em que Zagallo serviu ao Brasil até aquela data, e o número 13 na frente, tornando evidente uma de suas hierofanias. A Confederação Brasileira de Futebol, nessa homenagem, não só consagrou a competência de Zagallo, como admitiu e universalizou o seu pensamento supersticioso.

Ao completar 73 anos de idade, no dia 9 de agosto de 2004, o Governo do Estado do Rio de Janeiro, com a presença de jornalistas, torcedores, políticos, desportistas, parentes e amigos, eternizou o "Velho Lobo" ao inaugurar o seu busto no saguão principal do Estádio do Maracanã, cuja inscrição na placa diz - **O IMORTAL DO FUTEBOL MARIO JORGE LOBO ZAGALLO** - .

Ao longo de sua vida como desportista, onde pisou Zagallo deixou pegadas de uma carreira vencedora, que justifica uma abordagem exploratória a seu respeito, sob o viés proposto.

CAPÍTULO II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Tendo em vista o questionamento fundamental deste trabalho, quanto à influência do sagrado na vida de Mario Jorge Lobo Zagallo, torna-se necessário um aprofundamento maior de alguns temas básicos. Portanto, nas sete seções que compõem este capítulo, com a finalidade de dar sustentação ao nosso tema de estudo serão abordadas questões relacionadas aos aspectos conceituais do fenômeno religioso; às relações genéricas do sagrado com o profano; à secularização; à religião sob o olhar da modernidade e da contemporaneidade; às conexões verificadas desde a antiguidade entre o desporto e a religião; à visão religiosa no Brasil; e ao sincretismo religioso no futebol brasileiro.

2.1 - Aspectos Conceituais do Fenômeno Religioso

Quer nos situemos no século XXI ou seis milênios antes, nunca estamos muito distantes da vida de qualquer porção da humanidade. Esta assertiva de George Dumèzil, ressaltada por Mircea Eliade (1998), sinaliza para a magnitude do fenômeno religioso e sua inesgotável morfologia.

Émile Durkheim (1989) também expressa esta idéia quando afirma que não existe um momento radical que possamos

identificar como sendo o tempo de nascimento da religião. Segundo este autor, tampouco existe um meio de nos transportarmos até lá pelo pensamento, uma vez que, como toda instituição humana, a religião não começa em parte alguma.

As incertezas desse universo são compartilhadas por Roger Caillois (1950) quando diz que, ao tentarmos precisar a natureza do fato religioso, tropeçamos nos mais graves obstáculos. Por mais elaborada que seja, nenhuma equação resolve a complexidade labiríntica dos fatos, e explicá-los seria um trabalho para várias vidas, correndo-se ainda o risco de cair em generalizações perigosas devido à incompletude das investigações realizadas.

Entretanto, mesmo com a dificuldade de se inventariar com exatidão o pensamento religioso, Durkheim (1989) afirma que a religião é constitutiva da sociedade, afastando-se cada vez mais da idéia de que ela é uma ilusão ou ledô engano, pois um fenômeno que se observa constante ao longo da história dos homens não poderia ser tratado como mero acaso.

É com esta convicção que iniciamos nossa abordagem, procurando evidenciar os aspectos etimológicos, semânticos e conceituais do fato religioso.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2002) assinala que a palavra religião vem do latim (*religio/onis*) e, segundo dados do fichário do vocabulário do português medieval, arquivado na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, ela foi verificada pela primeira vez no século XIII. O sentido deste vocábulo está vinculado ao culto prestado a uma divindade; à crença na existência de um ente supremo como causa, fim ou lei universal; ou ainda como sendo um conjunto de dogmas e práticas próprias de uma

confissão religiosa.

A *Encyclopedia e Dicionário Internacional* (s.d.) referenda o que foi acima enunciado quanto à origem do termo, mas acrescenta que o instinto religioso é uma apropriação do homem e, a partir da época em que foi registrado entre os povos de vida mais elementar até o período de extrema civilização, pouca força perdeu, pois a preocupação com o sobrenatural e o divino é uma das tendências mais universais e constantes dos seres humanos. Quanto às possíveis causas do surgimento das religiões, esta fonte responsabiliza não somente o sentimento vago dos mistérios das coisas e dos limites da razão humana, ou medo do homem perante as forças da natureza, assim como a influência prolongada de certos líderes ou fundadores de religiões cujas idéias são seguidas por um enorme contingente de fiéis. Quanto à abrangência, o fenômeno religioso pode ser tanto local como universal, dependendo evidentemente dos interesses bilaterais ou da dimensão de suas mensagens.

Segundo a concepção desse mesmo compêndio, dentre as várias categorias de religiões podemos destacar três que atuam de forma ampla: *fetichismo, politeísmo e monoteísmo.*

Identificamos a primeira como sendo uma crença encontrada em quase todos os povos primitivos, que, por não conhecerem as causas dos fenômenos da natureza ou a noção de causa e efeito, imputavam aos objetos - animados ou não - um espírito que atuava em suas manifestações.

O politeísmo se caracteriza por ser um sistema religioso que admite uma pluralidade de deuses, apresentando-se sob três formas principais: a idolatria ou culto dos deuses personificados nas imagens; o sabeísmo ou culto do jogo e dos astros sem a interveniência dos

emblemas representativos; e a adoração a todos os objetos que ferem a imaginação ou aos quais a superstição liga um poder misterioso. Estas formas, que podem estar intimamente atreladas, em sua origem tornaram divinas as forças naturais, os mortos e os animais.

Ao afirmarem que a fé na unidade de Deus é hoje o apanágio das nações mais civilizadas, os autores da *Encyclopedia e Dicciónario Internacional* (s.d.) demarcam o monoteísmo como sendo uma forma de religião que comporta um único Deus. Acrescentam ainda que os teólogos demonstraram crença na existência de Deus e que é impossível a coexistência de dois seres infinitamente perfeitos, tendo em vista que cada um deles seria menos perfeito do que se fosse um só.

Por outro lado, Durkheim (1989) tem um enfoque próprio quanto à estruturação das religiões. Segundo ele, os fenômenos religiosos organizam-se naturalmente em duas categorias: as crenças e os ritos. As primeiras são consideradas estados de opinião, consistem em representações; os ritos são modos de ação determinados. Entre esses dois níveis de fatos há uma grande diferença, que separa o pensamento do movimento. Os ritos não podem ser qualificados ou distintos de outras práticas humanas, sobretudo das práticas morais, salvo pela natureza de seu objeto. Um padrão de moralidade preconiza, assim como um rito, formas de agir, mas é direcionado a objetos de gênero diferente. Portanto, é o objeto do rito que se deveria identificar para identificar o próprio rito. Ora, é através da crença que a natureza íntima desse objeto se exprime. Em suma, só se pode definir o rito depois que se definir a crença.

Tomando como base os preceitos de Durkheim, Ioan Lewis

(1971) agrega à crença e ao rito um outro vetor: a *experiência espiritual*, que, de acordo com suas concepções e de muitos que se consideram religiosos, é o pilar de sustentação do fenômeno religioso. Porém, esta avaliação não é totalmente aceita pelos antropólogos sociais que estudam a religião. Estes, inconformados pelas generalizações das teorias emocionais sobre as origens das religiões, sustentadas por muitos de seus predecessores britânicos, evitam dar atenção a tudo que pudesse ser chamado de espiritualidade. Deixaram a emoção religiosa para os psiquiatras ou teólogos e preferiram se fixar na riqueza dos detalhes encontrados, através de investigações criteriosas, nas crenças e nos ritos dos inúmeros povos tribais espalhados sobre a Terra.

A pluralidade semântica que encontramos na identificação do fenômeno religioso pode ser constatada também à luz da socioantropologia, na sua conceituação, haja vista a existência de incontáveis definições que enveredam, sobretudo, pelos caminhos do imponderável.

François Houtart (1994) conceitua a religião como sendo um *constructo* cultural e social que faz referência a um "sobrenatural"; o sociólogo não qualifica este termo como tal, apenas registra que os grupos sociais se reportam àquilo que eles denominam um "sobrenatural", algo que não pertence à construção material humana.

Já Spencer associa a religião ao sobrenatural, a tudo que escapa ao crivo da ciência. Acredita que a religião seja uma "crença na onipotência de uma coisa que supera a inteligência". Na mesma linha de pensamento, Max Müller observa em todas as religiões "um esforço para conceber o inconcebível, para exprimir o inexprimível, uma aspiração ao infinito". E Leibniz, apesar de ser considerado um

racionalista, sugere que se conceba o mundo exterior como uma grande confraria de espíritos, o relacionamento entre eles só ocorrendo através de relações espirituais. Trilhando o caminho da divinização, A. Reville afirma que a religião é a determinação da vida humana pelo sentimento de um laço que liga o espírito humano ao espírito misterioso, cuja dominação sobre o mundo e sobre si mesmo o homem reconhece, e ao qual gosta de se sentir unido.

Entretanto, Émile Durkheim (1989) chama a atenção para que evitemos qualquer conceituação precipitada sobre o fenômeno religioso, pois podemos incorrer no erro de denominar religião a um sistema de idéias e procedimentos que nada teria de religioso, ou seja, passar ao largo dos eventos religiosos sem nos darmos conta de sua verdadeira essência. Explica que podem ainda existir grupos de fenômenos religiosos que não pertencem a nenhuma religião constituída, por não estarem mais integradas no sistema religioso. Este processo ocorre com frequência nos cultos agrários, que sobrevivem em si mesmos de forma folclórica; em alguns casos não são sequer qualificados como cultos, mas como uma cerimônia ou rito doméstico que persiste sob esta forma. Por essa razão, Durkheim assevera que a religião só pode ser definida em função das peculiaridades que possamos observar em todos os lugares onde há religião. Esta linha de raciocínio abrange todos os sistemas religiosos de que temos conhecimento, os de hoje e os de ontem, desde os mais simples até os mais elaborados, mesmo porque não há um processo lógico para excluir ou para fazer constar qualquer sistema. Todas as religiões são instrutivas, sem exceções, uma vez que todas exprimem o homem à sua maneira, podendo assim ajudar a melhor compreender esse aspecto da natureza. Para o autor, antes

de tudo, as concepções religiosas têm por objetivo expor e explicar, não somente o que existe de excepcional e de anormal nas coisas, mas sobretudo revelar o que elas têm de constante e regular.

Concluindo, Durkheim (1989) afirma que as religiões podem ser definidas tais como foram ou como são, mas nunca como tendem a ser, ainda que de forma vaga. Portanto, a partir de suas premissas sobre o caráter conceitual do pensamento religioso, ele elabora um fechamento que considera totalizador ao dizer que

Uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem. (p.79)

Num recorte com evidências de terceiro milênio, Rubens Alves (2001), psicanalista, filósofo e teólogo, nos passa a idéia de que a religião se apresenta como um certo tipo de fala, um discurso, um emaranhado de símbolos, liame de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais espetacular e pretensa tentativa de transubstanciar a natureza. Explica ele, numa sugestão que tangencia a psicanálise, que o homem faz cultura a fim de criar os objetos de seu desejo. Neste projeto inconsciente do *Ego*, busca encontrar um mundo onde possa ser amado. Existem momentos onde ele pode erigir jardins e colher as flores. Entretanto, existem outras contingências nas quais se vê impotente e cerceado, onde os objetos de seu amor só são encontrados através da ação mágica da imaginação e do poder divino da palavra. Significa dizer que através da religião o homem cria mecanismos de defesa para encontrar a fantasia e o prazer que a realidade lhe nega.

Émile Durkheim (1989) resume de maneira lapidar o *fato religioso*, ao afirmar que todas as manifestações religiosas de que temos conhecimento, sejam elas as mais elementares ou as mais estruturadas, demonstram um caráter comum: supõem uma hierarquização das coisas reais ou ideais, que os seres humanos representam em duas classes ou em dois gêneros diametralmente opostos, definidos por dois termos distintos, traduzidos, de forma convincente, pelas palavras *sagrado* e *profano*.

2.2 - Relações Genéricas do Sagrado com o Profano

Seja pela perspectiva de Mircea Eliade (2001) ou através das afirmações de Roger Caillois (1950), fica destacada, de forma irrefutável, a distinção entre a vida religiosa do sagrado e a vida secular do profano.

Zeny Rosendhal (1999) reforça esta concepção ao apontar a dicotomia existente entre os termos, onde o sagrado está relacionado a uma divindade, e o profano, não. Para esta autora, o sagrado representa o sentido de separação e definição, deixando divididas as experiências que envolvem uma divindade, e outras experiências que não a envolvem e que são consideradas profanas.

Eliade (2001) nos leva a conceber que o sagrado e o profano são duas formas de comportamento no mundo, duas situações existenciais incorporadas pelo ser humano ao longo de sua história. Estar no sagrado ou no profano vai depender das diferentes posições conquistadas pelo homem no cosmos.

Para Caillois (1950), toda e qualquer proposta de definição do fato religioso evidencia a relação de oposição do sagrado ao profano. Admite também que existem dois meios complementares onde o homem religioso se ajusta: um onde pode atuar sem sentimentos de culpa, uma vez que suas atitudes só podem comprometê-lo superficialmente; e outro onde um sentimento de profunda dependência íntima o reprime, delibera sobre cada um de seus impulsos, e onde ele se vê envolvido sem reservas.

Nesta segunda classificação sobre o estado de religiosidade do ser humano, Rudolf Otto (1992) denomina de numinoso o homem cujo sentimento de referência religiosa é tão profundo que ele tem a impressão de estar permanentemente se autodepreciando. Eliade (2001) complementa, explicando que o homem numinoso, ao descobrir o sentimento de pavor diante do sagrado, assume um estado de profunda nulidade, a sensação de não ser absolutamente nada, semelhante à emoção sentida por Abraão quando se dirigiu ao Senhor: a de não ser "senão cinza e pó" (Gênesis, 18:27).

Dessa forma, o sagrado surge dentro de uma atmosfera de sensibilidade, que dá um caráter específico à atitude do homem religioso, impondo um sentimento de respeito particular, que coloca a fé acima de qualquer exame ou discussão, para além da razão.

De acordo com Hubert Lepargneur (1971), o sagrado separa um objeto, um ser humano, um local ou região, da criação, para lhes atribuir um significado especial. Este significado extrapola as leis comuns do universo e relaciona-se com o absoluto dos primórdios da Terra, ou à realidade que paira acima do tempo histórico. O tempo e o espaço são categorias que recebem o impacto do espírito

religioso, que necessita do sagrado para se revelar. Por isso, o espaço sagrado não é homogêneo, isto é, existe uma distinção entre o espaço não-homogêneo do sagrado e o espaço homogêneo ou neutro do profano.

Na mesma concepção, o tempo no sagrado não está em sintonia com o tempo da história, porém os ritos religiosos fazem com que haja uma relação entre um e outro.

Segundo Eliade (2001), por uma via fundamentalmente cultural, isto é, pela interpretação humana, o ser religioso admite apenas duas categorias de objetos: o que é sagrado, e o resto, o profano. De uma forma mais ampla, significa falar que as sociedades tradicionais concebem duas formas de mundo: o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca. O primeiro é o "mundo", mais especificamente o mundo em que vivemos, o cosmos; o restante é considerado como "o outro mundo", um espaço caótico povoado por demônios, estranhos e espectros, o verdadeiro caos.

Por essa razão, o homem religioso sente a necessidade de penetrar periodicamente neste tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o tempo sagrado que viabiliza o tempo comum, a duração profana na qual se desenvolve toda a existência humana.

No tempo sacralizado, a duração de festas e o tempo litúrgico têm sido miticamente diferenciados do tempo linear histórico. Terminada a cerimônia no tempo sem duração litúrgica, o ser humano volta ao tempo ordinário, mas de uma forma renovada

Com relação ao tempo, o que se pode verificar no comportamento do homem não-religioso é que ele também vivencia uma descontinuidade e heterogeneidade do tempo. Para ele, existe o tempo predominantemente monótono do

trabalho e o tempo do lúdico e dos espetáculos, o "tempo festivo". Da mesma maneira, ele está presente em ritmos temporais variados e toma conhecimento de diferentes intensidades de tempo: quando ouve sua música predileta ou quando encontra com a pessoa por quem nutre profundo sentimento de amor, ele experimenta um ritmo temporal diferenciado daquele de quando trabalha ou se aborrece. Para o homem a-religioso o tempo litúrgico é inacessível: o tempo não pode apresentar nem descontinuidade nem mistério, pois se constitui na mais densa dimensão existencial do homem, está vinculado à sua própria vida, tendo assim um começo e um fim, que é a morte, a destruição da existência.

Na concepção de Otto (1992), todas as religiões percebem a aparição do sagrado como um fator ativo e operante que se externa pela sua ação. As religiões afirmam que a voz interior, a consciência religiosa, o leve murmúrio do espírito no coração, a intenção aliada à revelação externa do divino, se constituem na manifestação do sagrado. São os "sinais" que, na linguagem da religião, desde as mais primitivas, significam o que é capaz de excitar e desencadear o sentimento de sagrado do homem, provocando o despertar do terrível, do sublime, da absoluta superioridade do poder, do incompreendido e do mistério. Todas estas circunstâncias foram causas esporádicas que levaram o sentimento religioso a brotar espontaneamente.

Para Eliade (2001), o homem identifica o sagrado porque este se manifesta como algo absolutamente diferente do profano, por intermédio das *hierofanias*, cuja acepção significa aparição ou manifestação do sagrado - ou ainda, como diz o autor, "algo sagrado se nos revela" (p.17). Ao longo da história das religiões, da mais simples à mais complexa, as hierofanias se fizeram presentes pelas

revelações das realidades sagradas. Desde a mais elementar, como a revelação do sagrado num objeto qualquer - pedra, árvore, animal ou da palavra, por exemplo - até a mais ativa das hierofanias - que é para o cristão a aparição de Jesus Cristo -, não existe solução de continuidade.

Nas sociedades arcaicas, o homem tinha como prática viver o maior tempo possível no sagrado ou ao redor dele. Esta forma de comportamento é admissível, uma vez que, tanto para o homem primitivo como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, estar no sagrado é conviver com o poder - portanto, mais perto da realidade, perenidade e eficácia. Já o homem ocidental moderno experimenta um certo desconforto quando se depara com as variadas formas de manifestação do sagrado. O homem a-religioso, que rejeita a sacralidade do mundo e que assume exclusivamente uma existência profana, sente cada vez mais dificuldade para entender as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades antigas.

Ainda no domínio dessa relação de antagonismo do fenômeno religioso, ou seja, a distinção entre o homem religioso e o homem a-religioso, onde encontramos referências sobre o espaço sagrado, as relações com o tempo e com a natureza, Eliade (2001) enfatiza a importância dos *ritos de passagem*. Tais ritos promovem alterações radicais tanto no regime ontológico como no estatuto social do homem religioso.

Ao nascer, a criança é dotada de uma existência física, mas não é ainda identificada nem pela família nem pela sociedade. São os ritos celebrados após o nascimento que conferem ao recém-nascido o certificado de "vivo" perante todos os segmentos sociofamiliares.

No rito do casamento, o ser humano passa de um grupo

sócio-religioso para outro. O celibatário dá lugar ao chefe de família. Na opinião de Eliade (2001) todo casamento representa uma relação de tensão e perigo, podendo dar ensejo a uma crise; por isso o casamento se realiza por um rito de passagem. Na Grécia, o casamento era chamado de *télos*, palavra cujo significado é *consagração*; entretanto, o ritual nupcial representava os mistérios da *união*.

Quanto à morte, os ritos são mais elaborados, uma vez que não se trata apenas de um fenômeno natural, mas de uma alteração no regime ontológico e social. Para algumas religiões, a morte de uma pessoa só é aceita depois da ocorrência de algumas cerimônias funerárias e do subsequente sepultamento do corpo e da recomendação da alma para uma nova morada.

Para o homem a-religioso, estes ritos não passam de eventos que dizem respeito apenas à família e ao próprio indivíduo, pois simplesmente mostram o ato concreto de um nascimento, de um falecimento ou de uma união sexual oficialmente reconhecida; perderam o caráter ritual.

Continuando suas incursões no infindável universo espiritual dessa relação binária do fato religioso, Mircea Eliade (2001) faz uma afirmação lapidar que dá a devida dimensão do fato religioso. Frisa ele que conhecer as posturas adotadas pelo homem religioso e seu mundo espiritual é penetrar no conhecimento geral do ser humano. Apesar de a história ter ultrapassado grande parte das situações assumidas pelo homem religioso das sociedades primitivas e das antigas civilizações, os vestígios da herança que o ser religioso nos legou e que a história não conseguiu apagar serviram para amalgamar a história do homem hodierno.

O Homo religiosus marca de forma específica e

identificável a sua presença no mundo ao acreditar numa realidade absoluta, o sagrado, que transcende o mundo em que vivemos, mas que aqui se manifesta para santificá-lo e torná-lo real. Além disso, acredita que a própria vida tenha uma origem sagrada e que a existência humana é potenciada pela religiosidade; que o mundo e os homens foram criados pelos deuses, que os heróis finalizaram a criação e que a memória de todas as obras divinas e semidivinas está preservada nos mitos. O homem se ajusta e se mantém junto aos deuses, ou seja, no real e no significativo, ao reatualizar a história sagrada, imitando o comportamento divino.

O homem a-religioso rejeita a transcendência, acata a relatividade da realidade e hesita em acreditar no sentido da existência. Embora os documentos não registrem, é possível que, além das grandes culturas do passado, até mesmo as sociedades culturalmente mais arcaicas tenham conhecido o homem a-religioso. Porém foi somente nas sociedades européias modernas que o homem não-religioso foi parcialmente consolidado. O ser humano-não religioso adota uma nova postura existencial, ao rejeitar todo apelo à transcendência. Não acredita em nenhuma forma de humanidade que não esteja nos moldes das situações históricas que revelam que o homem faz-se a si próprio. Eliade (2001) afirma que o homem faz-se a si próprio na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo, e que admite que o sagrado é o maior entrave para a sua liberdade.

Entretanto, este mesmo autor acrescenta que, seja qual for o nível de dessacralização a que o mundo tenha chegado, o homem que decidiu pela vida a-religiosa raramente será encontrado no estado de total profanação. Ele não consegue eliminar integralmente o comportamento religioso, uma vez

que descende do *Homo religiosus* e, sendo assim, não poderia apagar sua própria história, pois o homem primordial conservou competência suficiente para lhe garantir reencontrar não somente as formas de conduta dos ancestrais que o constituíram, como os traços de Deus observáveis no universo.

2.3 - A Secularização

Para se conceber o estatuto religioso nas sociedades modernas e contemporâneas, em que pese a sua complexidade, temos que adentrar no caráter semântico/conceitual de secularização.

Jean Pierre Sironneau (2000) sinaliza para a dificuldade de se delimitar a abrangência do termo, uma vez que este abarca fenômenos múltiplos e heterogêneos. Por essa razão, afirma o autor, os sociólogos se mobilizaram para fazer uma distinção entre estas duas vertentes da secularização: o institucional e o ideológico/cultural. Dessa forma, é possível fazer referências à secularização de uma instituição como o Estado, ou a uma questão de consciência de um dogma ou até mesmo de uma regra moral.

Peter Berger (1971) busca adequar esta dicotomia, entendendo por secularização o processo pelo qual setores inteiros da sociedade e da cultura são subtraídos à autoridade das instituições e dos sistemas religiosos. Para Hubert Lepargneur (1974), a secularização representa um processo histórico onde diversos elementos da cultura - economia, política, filosofia, artes, literatura, direito e

outros - se libertam do jugo das igrejas e dos dogmas para terem vida própria. Cada disciplina, cada setor da cultura deverá atuar no campo de sua competência. Nesse processo, o ser humano se liberta das alienações do sagrado, dos mitos, da magia, das assombrações, das exigências de Deus e da prepotência abusiva daqueles que tenham pretensões ao poder espiritual para subjugar as formas de vida social do homem. Sob este prisma, fica evidente o domínio crescente do homem sobre a natureza, que durante muito tempo foi considerada como o habitáculo insondável das forças sobrenaturais.

Observando de um outro ângulo, Robert Spaeman (2002) conclui que a secularização de uma sociedade pode ser compreendida como um processo pelo qual a religião se afasta do papel de aglutinadora da cultura para se estabelecer em uma das inúmeras atividades do homem. Ela permite que tal sociedade já não esteja mais determinada pela religião, mas limitada à seara particularíssima do ser humano. Entretanto, afirma este autor, a secularização também pode ser identificada como sendo o sistema através do qual a sociedade atribui a devida autonomia religiosa a múltiplas atividades, sem que estejam ausentes os fundamentos religiosos. Por este viés, podemos asseverar que a secularização é possível até determinado ponto, uma vez que existem realidades que conservam uma relação muito próxima e essencial com a religião.

Ao retomarmos o texto de Sironneau (2000), constatamos que o autor, quando se refere ao termo *secularização*, afirma que a origem do mesmo remonta à época da Reforma Protestante, no período em que alguns países europeus, nobres e governos absolutistas se apoderavam de propriedades da igreja. Como se apropriavam daquilo que é "eterno" para entregar ao que é "secular", falava-se de

secularização. Por extensão, o termo se dirige a tudo o que deixa o âmbito religioso e passa à esfera do não-religioso, denominado leigo. Numa outra perspectiva, o termo é utilizado para identificar o declínio do poder religioso sobre as demais instâncias da vida humana em sociedade, sobretudo com a cisão entre Igreja e Estado induzida pelos movimentos que seguiram as concepções defendidas por aqueles que participaram da Revolução Francesa.

Ao historiar a secularização e suas implicações numa vertente eminentemente política, Sironneau (2000) explica que este processo tem suas raízes na distinção entre o espiritual e o temporal e, conseqüentemente, no desenvolvimento das relações entre a igreja e as monarquias européias. Lembra que, se por um lado a igreja exercia uma pressão religiosa substancial, por outro concedia uma relativa autonomia ao corpo político. Para que isto fique evidenciado, basta que nos reportemos ao agudo conflito ocorrido no século XIV, que opôs o Papa Bonifácio VIII ao rei de França, Filipe, o Belo, quando os leigos de sua majestade executaram um plano para a laicização do Estado e de suas administrações.

Mais significativa ainda, nesse contexto, foi a "confessionalização" do cristianismo no século XVI, acompanhada das guerras religiosas. A "confissão de Augsburgo" promoveu uma ruptura na unidade político-religiosa da cristandade. A partir desse momento, cada igreja passa a se considerar como uma confissão entre outras tantas, o que viria fortalecer o poder de cancelar sua autonomia em relação às autoridades religiosas. Sobre esse episódio, Julien Freund (1975) comenta que presenciou-se na política a uma reorientação definitiva no processo de secularização, tendo em vista que o poder político, apesar

da sua emancipação da tutela religiosa, continuava a dar apoio claramente à confissão que consolidava a legitimidade de sua independência .

Já no século XVIII, filósofos e escritores de várias nacionalidades, organizados em torno de livres pensadores como Adam Smith, Edward Gibon, Diderot, Helvetius, Immanuel Kant e principalmente Jean-Jacques Rousseau e Voltaire, empenhavam-se na propagação de um vasto e ambicioso programa comum que viria fortalecer este processo, ou seja, a secularização total da sociedade. Eram os chamados Iluministas, que, fundamentados em mentores espirituais de séculos anteriores, como René Descartes, Isaac Newton e John Locke, preconizavam o direito à liberdade de palavra, de expressão, de imprensa, de comércio e de empreendimento econômico, sem as intromissões da censura da igreja e do Estado absolutista-mercantilista.

Desprovida, em sua grande maioria, de cátedra acadêmica, e tendo o púlpito e os padres como antagonistas, essa confraria de homens letrados buscava difundir suas idéias através de sucessivas e variadas publicações para um novo público que se formava tanto na sociedade européia como na americana, ao longo do século XVIII. O mais poderoso e duradouro de todos os instrumentos para a divulgação das Luzes, obra magna da propaganda iluminista, foi a edição da Enciclopédia. Como síntese do conhecimento científico e com predominância e gosto por temas seculares, os 17 volumes do *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et de métiers* tornaram-se o acontecimento editorial e intelectual do século, leitura obrigatória dos homens cultos da época, haja vista que a primeira tiragem ultrapassou em muito os seus 8011 assinantes originais.

Tais eventos promoveram uma alteração significativa, na

medida em que o poder político perdia grande parte de seu caráter "sacral", evidenciando ao mesmo tempo seu controle sobre a religião, abrindo a partir daí o caminho para uma contínua separação entre as igrejas e os Estados.

A secularização da política foi a pedra angular para uma progressiva e concomitante secularização de todos os setores da vida social. Podemos registrar que houve uma retração do sagrado, assim como um abrandamento da função social da religião. Sobre esse fato, Émile Durkheim (1967) comenta que não resta a menor dúvida de que, no limiar do século XX, a religião se ocupava cada vez menos com a vida social. Originariamente ela açambarcava tudo, o que era social era religioso, os dois termos eram sinônimos. Entretanto, pouco a pouco as funções políticas, econômicas e científicas se libertam da função religiosa e assumem um caráter temporal cada vez mais acentuado.

Sob um olhar contemporâneo, Don Cupitt (1999) observa que o colapso do significado religioso se instala desde o final da Segunda Guerra Mundial. O Princípio da Verificação sentenciava que as crenças só teriam validade se fossem referendadas pela experiência. Além disso, Cupitt identifica três outros fatores que viriam corroborar a laicização da sociedade européia. Em primeiro, a diminuição do custo das viagens e, por conseguinte, a migração econômica em massa. Com a queda dos velhos impérios coloniais e a escassez da mão-de-obra na Europa, constatou-se o aumento do fluxo de operários imigrantes que vinham do Caribe, África e Ásia, dando aos países ocidentais uma multiplicidade cada vez mais acentuada de etnias e crenças, evidenciando o papel da religião na construção da linguagem e na formação da identidade cultural. Diz o autor que a multiculturalidade enfraquece a religião no seu papel de

atuar a favor da paz civil. Pelo contrário, o que se pode constatar é que as guerras civis que ocorrem hoje no mundo têm a religião como um fato gerador importante.

Em segundo, as alterações gradativas sofridas pela sociedade de consumo em massa. Durante a década de 1950, a intelectualidade estava se voltando para a linguagem, a comunicação, o estilo, a imagem, as embalagens, as sinalizações e a troca simbólica. A identidade religiosa, que antes era algo metafísico, hoje é uma simples "identidade corporativa", não algo substancial, mas um signo. Nesse contexto, a própria realidade passa a ser um efeito invocado interiormente pela dinâmica dos signos. As fronteiras entre a realidade e ficção, drama e documentário, são indelévels, e a ingestão diária de informações através da mídia passa a substituir a oração na vida das pessoas.

Em terceiro, as recentes conquistas tecnológicas, desenvolvidas já nos anos 1950 na cosmologia física, na biologia molecular, na informática, na medicina, assim como nas profissões assistenciais, viriam consolidar, trinta ou quarenta anos mais tarde, uma única civilização global.

Vista sob seu próprio prisma, a religião se configura como um incômodo sobrevivente do passado. Diante da ameaça de assimilação pelo anonimato, com o firme propósito de atuar combativamente e afirmar a própria identidade, a religião no mundo inteiro parece estar de prontidão, na retaguarda, lutando por algo que acabará perdendo. Segundo o mesmo autor, o neoconservadorismo religioso, surgido no meio do século XX, foi pulverizado na década seguinte.

O desaparecimento das tradições ocorreu sem resistência óbvia ou arrependimento. A nova cultura tecnológica mundializada está sedimentada numa mentalidade bastante

naturalista. Tudo é aberto, nada é profundo, nada garante a privacidade, seja na própria alma ou em qualquer outro sítio. Provavelmente seja esta a ruptura mais contundente e repentina de toda a humanidade, finaliza Cupitt (1999).

Ao contrário da secularização européia, cristalizada sobre aspectos políticos, econômicos e ideológicos próprios, o mecanismo de secularização das sociedades latino-americanas é muito mais difuso, heterogêneo, menos autóctone, mais influenciado, e até, em certas ocasiões, imposto, fazendo parte de campos culturais deformados.

François Houtart (1994) destaca que os resultados culturais da universalização do capitalismo alteraram consideravelmente a questão religiosa no Terceiro Mundo. Embutidos nos processos de colonialismo e neocolonialismo estavam também a apropriação das mentes e dos insumos espirituais das sociedades dominadas. Especialmente na religião, foi violada uma das formas de consciência de si próprio e do mundo mais marcantes, densas e disseminadas da maior parte da população desses continentes, não somente na escala individual como na comunitária, com funções sociais muito importantes. O autor assinala os fatos que promoveram tais transformações.

Destaca em primeiro lugar a subestima e menosprezo pela religiosidade e religiões dos povos do Terceiro Mundo, taxadas como sendo conseqüência de sua inferioridade nacional e étnica. Elas seriam, em suma, exóticas.

Posteriormente, a imposição e evangelização religiosas como integrantes da violência sistemática que estigmatiza os processos de colonização e recolonização - neste caso, para impor uma doutrinação sobre as consciências.

A seguir, a utilização de incontáveis instituições religiosas existentes, como mediadoras para incutir e

aprofundar o consenso da exploração e dominação capitalista colonial daqueles que se sentem dominados, conformados e conscientes da intangibilidade da ordem terrena contida nas religiões.

E por último, inovadas atitudes estratégicas oriundas das práticas religiosas do tipo "seitas", com o propósito de neutralizar ou desviar a capacidade de rebeldia dos povos.

Houtart (1994) acrescenta que na América Latina o componente "civilizatório" do liberalismo, de conteúdo inúmeras vezes antipopular, mas consonante com os poderes do capitalismo mundial, fazia crer que a adesão a qualquer tipo de religião, consideradas superstição, evidenciava claramente sinais de atraso que era necessário estancar.

Luis Bernardo Leite Araújo (1996) comenta que, durante o período de pleno desenvolvimento do capitalismo moderno, cada vez mais o agir racional - com respeito a fins - se ocupa em restringir o espaço dos métodos tradicionais de legitimação da dominação, alicerçada em visões religiosas e metafísicas do mundo. Antes, bastava uma confirmação "vinda do alto", ou seja, através de imagens religiosas metafísicas de mundo. No contexto do capitalismo moderno, o poder político se consolida fundamentalmente "por baixo", quer dizer, pelas relações de produção, pelo princípio das trocas comerciais do sistema de mercado. Segundo Jürgen Habermas, "o capitalismo oferece uma legitimação da dominação que não desce mais do céu da tradição cultural, mas pode ser estabelecida sobre a base do trabalho social".

Zeny Rosendhal e Roberto Lobato Corrêa (1999), ao fazerem uma abordagem do processo de secularização da sociedade, dizem que é possível identificar uma secularização da consciência, um grande contingente de

pessoas que enfrentam o mundo e suas próprias vidas sem o auxílio das interpretações religiosas. Entretanto, a mente secularizada de indivíduos não é homogênea. Cada segmento da população tem sido atingido de forma diferenciada. Na opinião desses autores, o século XX pode ser caracterizado como o século da contradição fundamental: a noção de santidade perde o seu prestígio diante da sociedade, facilitando as perdas do sagrado; em contrapartida, aumenta o interesse e a demanda por variadas seitas e atividades de caráter espiritual, fazendo com que o mundo atual se transforme num complexo pluralismo étnico, cultural e religioso.

Se a secularização, como já identificamos, transita por todos os segmentos da sociedade e da cultura, o esporte, como um dos fenômenos mais complexos, abrangentes e legítimos das sociedades contemporâneas, segundo o Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Esporte (2002), não poderia ficar imune a esse processo.

No relato de Ronaldo George Helal (1990), a secularização foi um dos agentes impactantes no surgimento do esporte moderno de forma organizada e racional. Nas sociedades tribais, algumas atividades como pulo, luta e corrida, apesar de não serem consideradas esportes, eram atreladas às cerimônias religiosas, assim como os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga eram vistos como festivais sagrados onde os participantes competiam para "servir aos Deuses". Os eventos olímpicos nessa era transcorriam em datas vinculadas ao sagrado, onde o último dia era destinado às cerimônias religiosas e à premiação, na qual os vencedores recebiam ramos de oliveiras retirados do templo de Zeus.

Segundo este autor, o esporte moderno evoluiu na

Inglaterra, no período pós-revolução industrial, como evento laico, portanto, sem nenhuma relação com a divindade. Naquela época, a igreja impunha severas restrições a qualquer prática ou episódio esportivo, alegando que estes poderiam descompromissar o homem de suas obrigações espirituais mais significativas, principalmente pelo fato de as atividades esportivas serem realizadas nos finais de semana, sobretudo no domingo, dia consagrado às orações. Essa transgressão às ordens do clero se justifica na medida em que o esporte, visto como um evento fundamentalmente elitista, restrito apenas à aristocracia dos colégios ingleses, a partir da década de 1880 passa a ser praticado também pelas classes trabalhadoras, que só tinham folga para o lazer esportivo nas tardes de sábado e aos domingos.

Com a diminuição da jornada de trabalho, a classe operária passa a dispor de mais tempo para se envolver com as atividades esportivas, gerando, como consequência, maior prazer e a necessidade de maior disponibilidade financeira para mantê-las. Dessa forma, o crescimento do esporte como uma ocorrência laica altamente organizada e financiada se desenvolveu rapidamente por quase todo o mundo industrializado, já na década de 90 do século XIX.

O esporte moderno, porém, dentro de sua complexidade, vem desde os primórdios intercalando períodos com prevalências ora secularizadas, ora sacralizadas. E, de fato, em que pese ter sido vinculado a uma prática não-sagrada, o esporte foi gradativamente se transformando em um fenômeno de conotação quase totalmente religiosa. Paradoxalmente, quanto mais o esporte se popularizava, se revestia de procedimentos racionais, de regras bem definidas, e se afastava do amadorismo, mais se aproximava

da esfera do sagrado.

A priori, em um campo de forças seculares como esse não haveria espaços para raciocínios místicos ou atitudes que não fossem previsíveis. Entretanto, Helal (1990) esclarece que a sociologia clássica costuma afirmar que o crescimento industrial acelerado e a rápida evolução dos métodos de produção despertaram no homem moderno uma busca incessante por novos conhecimentos técnicos e científicos, gerando um posicionamento mais cético em relação às questões religiosas. Por essa razão, ou seja, em função do declínio das grandes religiões, o ser humano tem como resultante um profundo sentimento de perda e desencanto, como se a ingenuidade, a fantasia e a aura religiosa fossem fatores preponderantes para a continuidade do esporte como fonte geradora de prazer, tanto para quem dele participa de forma ativa quanto para quem simplesmente assiste. O esporte seria, assim, o elo perdido com a divindade.

Essa concepção é referendada por António da Silva Costa (1997), quando diz que, durante o processo de secularização, apesar de a sociedade ter se afastado do seu funcionamento religioso, o mito nunca desapareceu. E é justamente no cerne do universo esportivo que os fenômenos rituais ocorrem para perpetuar a reprodução dos mitos das sociedades arcaicas no âmago da sociedade moderna.

Helal (1990) conclui que tanto as hierofanias quanto os elementos laicos são constitutivos da estrutura esportiva. Essa ambigüidade faz com que, nesse contexto, as fronteiras entre o sagrado e o profano sejam imperceptíveis, tornando-os um par uno e indivisível onde só podemos conceber um elemento em conjunto com o outro.

1.4 - A Religião sob os Olhares da Modernidade e da Contemporaneidade

A história nos revela, com segurança, que o período moderno se cristalizou a partir da Renascença, passando pela Revolução Francesa, até meados da industrialização de massa na Inglaterra.

Nesse trajeto, Alain Touraine (1999) assegura que as sociedades que tiveram como textura de fundo o espírito e as práticas da modernidade se ocupavam mais em ordenar do que em dinamizar ou fazer acontecer a organização do comércio e das regras cambiais, a criação de uma administração pública e o Estado de direito, a difusão das publicações, a crítica das tradições, das proibições, assim como os privilégios. Garante também que a descoberta, a classificação e a organização das coisas contaram com a participação efetiva dos homens do livro, como filósofos e escritores, alicerçados, evidentemente, pelo conhecimento científico.

Durante esse período, pode-se constatar que os conflitos sociais se caracterizavam por um embate da razão e da natureza contra os poderes estabelecidos. Dessa forma, a concepção clássica da modernidade é prioritariamente a edificação de uma imagem racionalista de mundo, que agrega o homem à natureza, o microcosmos ao macro, e que refuta todas as formas de dualismo do corpo e da alma, do mundo

dos homens e o das transcendências. Nessa tendência, ao mesmo tempo filosófica e econômica, resume-se o triunfo da razão como libertação e revolução, e a modernização como modernidade em ato, como sendo um processo totalmente endógeno. No caso, é a razão, mais que o capital e o trabalho, que assume o papel principal.

Anthony Giddens (1991) descortina uma visão bem definida da modernidade quando diz que esta é um sobrepasso global de produção e de controle, onde os quatro pilares de suporte são o industrialismo, o capitalismo, a industrialização da guerra e a vigilância de todos os aspectos da vida social.

Ao fazer uma avaliação mais intimista e recente sobre as quatro dimensões institucionais e basilares da modernidade, Giddens (*in* Giddens e Pierson, 2000) admite que o advento dessa era é produto fundamentalmente de uma ordem econômica moderna e capitalista. Entretanto, a sociedade moderna implica também a formação de um modelo especial de Estado e, de uma maneira geral, de tipos especiais de organização, os quais dependem prioritariamente da ordenação da informação. Ao tecer considerações sobre aspectos da indústria na sociedade moderna, o autor dissocia a indústria do capitalismo, assim como das demais instâncias da modernidade, uma vez que ela se refere à base tecnológica da sociedade e ao desenvolvimento de uma civilização mecanizada com propósitos evolucionistas da ciência e da tecnologia.

Na perspectiva desse autor, pode-se inferir que o mundo moderno caminha para uma crescente universalização amalgamada da divisão internacional do trabalho e da formação de economias de mundo - conseqüentemente, para uma organização militar mundial e para o fortalecimento das

nações que centralizam os sistemas de controle.

Touraine (1994) reconhece o vigor e a volúpia da concepção clássica de modernidade pela ação revolucionária, com apelos à libertação e à rejeição aos compromissos com as formas tradicionais de organização social e crença cultural. Urge, entretanto, o surgimento de um mundo e de um homem novos que dêem as costas ao passado, à Idade Média, descobrindo nos antigos a confiança na razão e valorizando o trabalho, a organização da produção, a liberdade de troca e a impersonalidade das leis.

Max Weber acrescenta que o desencantamento, a secularização, a autoridade racional legal e a ética da responsabilidade são as marcas de uma modernidade que podemos considerar conquistadora, que estabelece a dominação das elites racionalistas e modernizadoras sobre o resto do mundo, pela estruturação do comércio, das fábricas e da colonização. Nessa vertente, a sociedade nada mais é do que a resultante dos efeitos ocasionados pelo progresso do conhecimento. A fartura, a liberdade e a felicidade andam lado a lado, uma vez que são todas elaboradas pela ação da razão sobre todos os aspectos da existência humana.

O êxito da modernidade, segundo Touraine (1999), se constitui na extinção de valores essenciais que são o eu e as culturas, em benefício de um conhecimento científico do comportamento humano. O homem é apenas um cidadão. Procedimentos mecanizados fazem com que a caridade se torne solidariedade, a consciência nada mais é do que respeito às leis. Os legisladores e administradores substituem os profetas.

O autor vai mais fundo quando afirma que a tentativa de se estruturar uma sociedade racionalizada não vingou, principalmente porque a concepção de se estabelecer uma

administração racional da vida social, pautada pela transparência e pela lógica das escolhas, acaba por tropeçar numa sucessão de conflitos e lutas pelo poder. Afirma ainda que acima do interesse pela construção de um mundo novo, estavam a vontade e o prazer de destruir as barreiras acumuladas na estrada da razão. Da ideologia modernista restam a crítica, a destruição e o desencanto. Algumas imagens de como é viver na modernidade transitam na literatura sociológica. Max Weber afirma que os nós da racionalidade tornam-se cada vez mais estreitos, nos aprisionando numa "gaiola anódina" de rotina burocrática. A vivência habitual atrai seu colorido e espontaneidade apenas no raio de ação da gaiola de aço rígido.

O impacto da modernidade é visto por Karl Marx como um monstro causador de uma destruição irreversível. Na sua ótica, o capitalismo é uma via nada racional para traçar os caminhos do mundo moderno, uma vez que os caprichos do mercado deliberam sobre a satisfação controlada das necessidades humanas.

No limiar de novos tempos, Giddens (1991), à luz das ciências sociais, se preocupa com as conseqüências impactantes causadas com a modernidade, que estão nos levando para além dela. Algumas discussões apontam o deslocamento de um sistema baseado na manufatura de bens materiais em direção a outro, relacionado mais objetivamente à informação.

Os resquícios da modernidade estão mais radicalizados e universalizados do que anteriormente. Max Weber conceituava o mundo moderno como sendo um grande paradoxo, uma vez que o progresso material era obtido basicamente à custa de uma expansão burocrática que massacrava a criatividade e a autonomia individuais. Giddens (1991) considera sem

precedentes as alterações provocadas por esse modelo de vida que nos libertou de todas as formas tradicionais da ordem social. Zygmund Bauman (1991), por sua vez, acredita que a cada oportunidade que se abre pode estar camuflada uma ameaça, uma vez que os parâmetros de comportamento gerados pela modernidade se caracterizam pela insegurança e instabilidade.

Tanto Durkheim quanto Marx e Weber constataram as conseqüências degradantes que o trabalho industrial moderno causava aos seres humanos submetidos à rigidez de tarefas repetitivas e exaustivas. Não foi previsto que o desenvolvimento das forças de produção iria ocasionar estragos consideráveis em relação ao meio ambiente material, mesmo porque as preocupações ecológicas nunca fizeram parte do ideário das tradições de pensamento engajados na sociologia.

Verifica-se também que o uso do poder político com ranços de totalitarismo, prática que se pensava pertencer ao passado, está contido dentro dos parâmetros da modernidade, em pleno século XX, em episódios como o Holocausto, o stalinismo e o fascismo. Os resultados do totalitarismo são terríveis, uma vez que esta forma de governo associa poderes políticos, ideológicos e militares. E o desenvolvimento do poder militar e a conseqüente industrialização da guerra são indicativos de ocorrência de graves conflitos militares.

De fato, Giddens (1991) conceitua o século XX como o século da guerra. Até à data em que fez esta afirmação, mais de cem milhões de vidas haviam sido dizimadas. Ele acrescenta que se uma guerra acontecer entre superpotências, a humanidade pode ser varrida do mundo. Aliás, nesse particular, Gianni Vattimo (2002, p.ix)

comenta que a sociedade do século atual está em alerta permanente, à espera de um "ocaso no Ocidente" materializado na forma de uma catástrofe atômica.

Na opinião de Touraine (1994), esta apreciação clássica da modernidade, que grassou pela Europa e depois pelo mundo ocidentalizado, tem como objeto central a identificação do ator social com suas obras, sua produção, não importando se pelo êxito da razão científica e técnica ou através dos resultados trazidos racionalmente pela sociedade às necessidades e aos desejos individuais. Em decorrência disso, a ideologia modernista, antes de tudo, sentencia a morte do sujeito.

Desde o século XVI até hoje, o materialismo foi o traço dominante do pensamento ocidental. As invocações a Deus ou as citações à alma eram permanentemente consideradas como uma prática retrógrada que era necessário destruir. O embate contra a religião, tão marcante na Itália, na França e na Espanha, e também arraigado nas concepções de Maquiavel, de Hobbes e dos enciclopedistas, não foi simplesmente a refutação da monarquia do direito divino, da submissão da sociedade civil à parceria entre o trono e o altar; foi praticamente a rejeição da transcendência e, mais consistentemente, da separação da alma e do corpo. A razão, o interesse e o prazer faziam parte do pensamento dominante. O mundo sagrado, que era simultaneamente natural e divino, transparente à razão e criado, foi quebrado pela modernidade. Esta não o substituiu simplesmente pelo mundo da razão e da secularização, mas impôs a separação de um sujeito que desceu do céu à terra, humanizado, do mundo natural manipulado pelas técnicas. A modernidade dissolveu a vontade divina pela dualidade da subjetivação e da racionalização, que acabou por se tornar o único meio de

organização da vida pessoal e coletiva. A ciência ocupa o vão central da sociedade, deixando as crenças religiosas para a vida privada.

Touraine (1994), ao interpretar a ideologia ocidental da modernidade, afirma que tanto a sociedade, a história, como a vida individual, devem se submeter às leis naturais, e não à vontade de um ser supremo que age pela magia. Na verdade, o objeto central da idéia é afastar cada indivíduo daquilo que é preconizado pelo cristianismo, ou seja, da concepção da existência da alma e da presença de Deus. Porém, a visão pessoal desse autor sinaliza que a força libertadora da modernidade se esvai na proporção em que ela mesma triunfa. O apelo à luz é preocupante quando o mundo está afogado nas trevas e na ignorância, no isolamento e na escravidão. Se antes vivíamos no silêncio, hoje estamos em um caos sonoro; se outrora estávamos isolados, hoje somos nada na multidão; antigamente recebíamos poucas mensagens, hoje somos massacrados por elas. O sentimento de angústia leva a uma inversão de perspectiva.

Nas interpretações de Max Horkheimer e Theodor Adorno, bruscamente a modernidade passa a ser denominada de "o eclipse da razão". Touraine (1994) complementa dizendo que no mundo ocidental continua sólida a idéia de que a vida social deve se estabelecer sobre valores comuns, em particular sobre referências religiosas.

Peter Berger (2001) observa que os pensadores iluministas, assim como a maior parte dos indivíduos de espírito progressista, desde então estiveram inclinados a admitir que a secularização é positiva na proporção que expurga fenômenos religiosos "atrasados", "supersticiosos" ou "reacionários". Entretanto, este mesmo autor aduz ser falsa a suposição de que somos parte de um universo

laicizado. O mundo atual, com algumas exceções, é tão ferozmente religioso quanto antes. Significa dizer que toda uma literatura produzida por historiadores e cientistas sociais, eventualmente chamada de "teoria da secularização", está essencialmente equivocada.

A teoria à qual Berger (2001) se refere, apesar de estar vinculada a trabalhos das décadas de 1950 e 1960, tem sua matriz atrelada ao Iluminismo. Esta vertente diz que a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, quer na sociedade, quer na mentalidade dos indivíduos. É exatamente essa idéia que o autor diz estar errada. Comenta ele, com convicção, que a modernização teve alguns efeitos secularizantes, em alguns lugares mais efetivamente do que em outros. Mas, em contrapartida, ela promoveu o surgimento de fortes movimentos de contra-secularização. Além do mais, a secularização no nível societal não está obrigatoriamente ligada à secularização ao nível das consciências individuais. Algumas instituições religiosas perderam sua força e capacidade de persuasão em muitas sociedades. Por outro lado, muitas crenças e práticas religiosas antigas ou recentes permaneceram na vida das pessoas, em algumas circunstâncias tomando novas formas institucionais e em determinados momentos provocando consideráveis explosões de fervor religioso.

De maneira inversa, instituições identificadas por sua religiosidade podem desempenhar um papel social e político até mesmo quando poucos indivíduos admitem a prática da religião que essas instituições representam. Berger (2001) acrescenta que, em princípio, a tese de que a modernidade necessariamente conduz ao declínio da religião é "valorativamente neutra", ou seja, ela tanto pode ser

aprovada como rejeitada.

Gustavo Guizzardi e Renato Stella (2000) dizem que as religiões, ao contrário do que experimentaram antes da industrialização, se reestruturaram, adaptando-se ao ambiente externo, agregando valor ao que antes era motivo de crise. Em processo de profunda transformação, o fenômeno religioso, em função da "crise da sociedade", se transforma num modelo que impõe maior credibilidade e que, mesmo estando dentro de um contexto secular, sugere uma atualização ao eliminar as características que levaram esta sociedade à crise, sem se afastar do vínculo com o passado, força maior de uma religião.

Jorge Olímpio Bento (2002) lembra que, apesar de pertencermos a uma geração que fez valer acordos e códigos no sentido de preservar os direitos de todos, assistimos de forma impassível a toda sorte de desrespeito aos direitos humanos. Revela que, diante dos conflitos do mundo, tem dúvidas sobre a matriz ideológica que deva nortear os destinos da Terra. Por essa razão, indaga se não estaria chegando o momento de o homem redimensionar a sua religiosidade, proporcionando, dessa forma, uma renovação universal da ordem espiritual.

Numa licença poética, Bento (2002) revela segredos confidenciais pelo menino Jesus, que lembra aos homens que a religião é entendida como um conjunto de valores que dão sentido à nossa vida.

2.5 - Desporto e Religião

Nas referências de Johan Huizinga (2001), é inegável a existência das manifestações lúdicas e sua importância no processo civilizacional, a partir do grito primígeno do homem. Huizinga tem a convicção de que o jogo é um fator distinto e fundamental que, sem estar preso a qualquer grau de civilização, marca a sua presença em todas as atividades que ocorrem no mundo. Se depender do homem, é provável que se negue quase todas as abstrações, como a justiça, a verdade, a beleza, o bem, Deus; é possível negar-se a seriedade, mas não o jogo.

Roger Caillois (1950) observa que as realizações na lei, na ciência, na poesia, na guerra, na filosofia e nas artes são alimentadas pelo instinto do jogo. Ao retomarmos as assertivas do primeiro autor, constatamos que ele acredita que a existência desse fenômeno é uma confirmação sistemática da natureza supralógica da situação humana. Avalia também que se até os animais são passíveis de uma brincadeira é porque são algo mais do que meros seres mecânicos. Por conseguinte, na medida em que os homens brincam, jogam e têm consciência disso, é sinal de que estão acima do comportamento racional, pois o jogo é consciente e cultural.

Huizinga (2001) considera que no jogo exista "algo em questão" que ultrapassa as necessidades imediatas da vida, dando um sentido à ação. Em todas as apreciações a respeito do jogo, o lugar comum é de que este esteja ligado a alguma coisa que não seja o próprio jogo, que nele haja alguma forma de finalidade biológica. Entretanto, todas as

abordagens acerca do fenômeno lúdico contemplam apenas as soluções parciais do problema, contribuindo para que fique cada vez mais indecifrável o grande questionamento existente sobre o que há verdadeiramente de divertido no jogo. Dessa forma, o fascínio, a intensidade e a capacidade de mobilizar as pessoas, que constituem de forma basilar a essência do jogo, ficam impedidas de ser explicadas por uma conceituação biológica.

Desde os primórdios, as grandes manifestações arquetípicas da sociedade humana são marcadas pelo jogo. A começar pela linguagem, importante ferramenta inventada pelo homem para distinguir, designar, mandar e ensinar, ele joga com as palavras através das metáforas quando quer se abstrair ou criar um outro mundo paralelo ao da natureza: o mundo poético.

De uma forma mais elaborada do que um simples jogo de palavras, o homem primitivo procura justificar o universo dos fenômenos por intermédio do mito, imputando a este um fundamento divino que também exerce uma ação transformadora ou imagética do mundo exterior. Dentro dos caprichos das invenções mitológicas existe um espírito fantasista que transita no limiar extremo entre o sério e o lúdico. Huizinga (2001) lembra que se observarmos atentamente o fenômeno do culto constatamos que as sociedades ancestrais, ao celebrarem seus ritos sagrados, sacrifícios, consagrações e mistérios visando a tranqüilidade do mundo, o fazem dentro de uma atmosfera de puro jogo, na verdadeira acepção da palavra.

Num autêntico silogismo aristotélico, o autor afirma que as grandes forças instintivas da vida civilizada, como o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria, a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência, têm sua origem no

mito e no culto. E, mais ainda, todos têm suas raízes fincadas nas terras primevas do jogo. Dessa forma, podemos inferir que o ato do culto possui todas as peculiaridades formais e essenciais do jogo, uma vez que remete os participantes para um mundo diferente.

Roger Caillois (1950) dá um enfoque semelhante quando afirma que tanto no santuário, no culto, na liturgia, como no jogo, durante o tempo das cerimônias são realizados gestos regulares e simbólicos que atualizam realidades misteriosas, fazendo com que o homem seja transportado para fora da existência comum. Percebe-se, portanto, como o jogo e o sagrado estão impregnados de convivência.

Durkheim (1989) consolida essa afirmação quando diz que os jogos e as principais atividades artísticas parecem ter surgido na religião.

Essa afinidade existente entre o culto e o jogo era identificada sem restrições por Platão (427-347 a.C), que não se eximia de incluir o sagrado na categoria de jogo. No célebre diálogo *A República* (2004), onde Sócrates e seus companheiros conversam sobre o que seria uma cidade justa, a excelência na forma física ocupava um lugar central no desenvolvimento da educação ideal. Platão dizia que a divindade concedeu ao homem duas artes, a música e a ginástica, em todas as suas formas, para que ambas atuassem na harmonia do corpo e da mente. A vinculação platônica entre o jogo e o sagrado não desmerece este último, muito pelo contrário, significa projetar o primeiro ao mais elevado conceito espiritual.

Huizinga (2001) se expressa de forma lapidar quando afirma claramente que é impossível tirar do campo visual, ainda que por um instante, o conceito de jogo em tudo que esteja atrelado à vida religiosa dos povos primitivos, uma

vez que a palavra jogo é constantemente usada para descrever variados fenômenos. Entendemos, portanto, que a gênese das manifestações lúdicas e sua relação com o sagrado, sob uma perspectiva relativista, nos envia aos tempos primeiros da existência do homem, quando este era ainda um caçador.

Entretanto, o esporte organizado, de acordo com Kátia Rubio (2002), começa na Grécia Helênica como um dos eventos mais importantes da antiguidade, tendo em vista a extensão da influência grega para a nossa civilização, como as letras que povoam nossa escrita, os mitos que enriquecem a nossa fantasia ou seus jogos, cujas competições proporcionam maior fraternidade entre os homens.

Apesar de alguns historiadores, no campo do possível, dizerem que as raízes dos Jogos Olímpicos estão nos jogos fúnebres, realizados em homenagem aos mortos, foram os Jogos Pan-Helênicos, com forte apelo religioso para homenagear os deuses nos santuários, que marcaram o período olímpico, com competições quadrienais a partir de 776 a.C.

Na opinião de Lauret Godoy (1996), essas competições representavam o maior encontro pacífico de todos os gregos, pois os jogos só começavam a partir da suspensão de todas as hostilidades, através da trégua sagrada proposta pelo senado olímpico, cuja sede ficava em Elis, e tinha como lema "Que o mundo esteja livre do crime, do assassinato e do ruído das armas" (p.65).

A partir da interrupção do tempo profano, as atividades esportivas envolviam a Grécia em sua totalidade, pois um mês antes todos os afazeres eram suspensos, para que o público pudesse estar em Olímpia no décimo primeiro dia do hecatombeu, que correspondia ao primeiro mês do ano grego. Vinham pessoas de todas as partes, de várias idades e de

segmentos sociais diferentes. Os atletas, também procedentes de outras cidades gregas, chegavam antes do público, geralmente acompanhados por pais, massagistas, treinadores e cavaleiros. As delegações oficiais, chefiadas pelas principais autoridades, traziam presentes que eram ofertados aos encarregados dos templos, aos governantes de Elida e às divindades. Conta Georgios A. Khristópoulos que tanto os atletas quanto o público estavam cientes de que o dia dos jogos representava o coroamento de um longo período de treino e de que a vitória consagraria as cidades que preparavam os vencedores.

Num de seus devaneios, Armando Nogueira (2000) revela de forma prosaica que, num encontro simbólico e atemporal com Fídias, um simples pastor de ovelhas, este lembrou-lhe que as mulheres não podiam participar nem assistir aos jogos, e que os atletas apresentavam-se nus para competir pela vitória e pela gloriosa coroa de oliveira. Disse ainda que, na verdade, o que mais aspiravam era a fama e, conseqüentemente, o respeito de todos os helenos, que se constituía na mais imperecível de todas as coroas.

Os estudos e observações *in loco*, nos sítios arqueológicos, desenvolvidos por Gilda Naécia Maciel de Barros (1996), assinalam que Olímpia, ao lado de Delfos, foi o grande centro da religiosidade grega. Com jurisdição extraterritorial, Olímpia organizava a festa mais concorrida de toda a Hélade, onde eram disputados os jogos em homenagem a Zeus, pai dos deuses e dos homens, de Hércules, o herói que os criou, e de Pelops, o primeiro vencedor da corrida de carros puxados por cavalos. M. Andrónicos fala que a relação dos jogos olímpicos com Pelops, o herói sagrado de Olímpia cultuado em Altis muito antes de Zeus, era estreita e incontestável. Foi Pelops que

venceu o rei Enômaos na primeira corrida de carros, e o estádio, no seu período mais remoto, teve origem a partir do seu túmulo, o sagrado Pelopion. O santuário era ponto de convergência de todas as cidades, do espírito agonial e do sentimento de parentesco nacional. De quatro em quatro anos Olímpia vivia momentos de profunda euforia, entrelaçando competições atléticas e hípicas com exposição de artes, feiras, recitações, discursos políticos e conferências, para delírio do povo. Tais competições, sob a égide do sagrado, foram tão significativas e registraram experiências humanas de tantos sentidos, que inscreveram definitivamente o homem grego na história da humanidade. De fato, desde 776 a.C. (data dos primeiros Jogos Olímpicos conhecidos), é através dos jogos que se refere qualquer evento digno de registro. M. Andrónikos acrescenta ainda que este marco constitui a primeira data da história helênica, atestada com precisão, uma vez que ela é o ponto de partida do catálogo dos vencedores olímpicos. Isto significa dizer que as primeiras personalidades históricas que conhecemos com exatidão foram os atletas que triunfaram nesses jogos.

Além dos jogos em Olímpia, outros três grandes festivais faziam parte dos Jogos Pan-Helênicos, que também homenageavam os deuses dos santuários: os Jogos Píticos, em Delfos, para render homenagem a Apolo, deus da luz e da beleza; os Jogos Ístmicos, em Corinto, para saudar Poseidon, deus do mar - "sacudidor da terra"; e os Jogos Nemeus, em Nêmea, dedicados a Heracles, considerado o maior herói grego.

Godoy (1996) revela que findadas as competições sagradas, as quais eram assistidas prazerosamente pelos gregos sem nenhum temor, uma vez que se sentiam sob a guarda de Zeus Xênios, protetor dos hóspedes e

estrangeiros, as cidades mergulhavam na paz e no silêncio.

Ainda segundo essa autora, a decadência da Grécia, provocada principalmente pela rivalidade entre suas várias cidades, contribuiu consideravelmente para que os jogos esportivos da antiguidade e os nobres conceitos morais e religiosos que lhes davam sustentação também se deteriorassem.

O homem grego antigo se caracterizava pelo espírito de luta e o amor à sadia disputa. Sean Freyne (1989) ratifica essa concepção ao assinalar que o atleta ideal, apesar de ter sido descrito em épocas e de formas diferentes, tinha os mesmos padrões de referência. A *polis* grega, a fim de garantir a estabilidade, exigia de seus cidadãos a perfeição: beleza física, força irresistível, ousadia, espírito de competição, determinação indômita e indizível fervor pela vitória.

Barros (1996) registra que desde as origens essa cultura admira o heróico. Numa atmosfera aristocrática e cavalheiresca, o espírito agônico transita harmonicamente entre a ação e o pensamento, representando o ideal do valoroso orador e guerreiro, capaz de marcar sua presença pela coragem na batalha e de fazer-se ouvir na assembléia pela oratória.

De fato, a história mostra que o culto do corpo ocupou um lugar de destaque na cultura grega heróica e arcaica, construindo o perfil ideal do herói esportivo. Mas a própria história aflora antecedentes que concorreram para a desvalorização desse culto. Essa crise começa a se evidenciar a partir da democratização dos valores da aristocracia, quando o esporte, em particular o atletismo, se generaliza, deixando de ser uma prática exclusiva da nobreza. O idealismo de formação humana através das provas

atléticas, o valor moral das conquistas e o caráter amador cedem lugar à avidez pelo lucro e a um rígido profissionalismo. Os melhores atletas eram comprados pelas cidades, os *aurigas* que conduziam as bigas ou quadrigas aumentavam seus preços, e os escravos trapaceavam quando seus donos prometiam a liberdade em caso de vitória. Portanto, os *olimpiônicos*, aqueles que recebiam a graça divina, que eram favorecidos com o dom da invencibilidade e que eram tratados como semideuses, deixaram de ser o modelo de atleta perfeito.

Godoy (1996) relata que o declínio social e político da Hélade despertou o instinto conquistador de alguns povos vizinhos. Os macedônios, também de origem ariana e com uma forte afinidade com os gregos, sob o comando de Felipe II, em 346 a.C., ocupam a Grécia. Como era um exímio administrador e desportista, na mesma época Felipe II assume a presidência dos Jogos Píticos e em 338 a.C. envia uma delegação oficial de atletas aos Jogos Olímpicos. Até então, os estrangeiros não tinham esse privilégio.

Com a morte de Felipe II, seu filho e sucessor Alexandre Magno dá continuidade ao projeto expansionista de seu pai. Na embocadura do rio Nilo funda Alexandria, totalmente administrada ao estilo grego. Nesta cidade, considerada a capital do mundo, a civilização do antigo Egito se fundiu à cultura grega. As conquistas macedônicas e, conseqüentemente, a irradiação do pensamento grego, contribuíram em muito para o avanço nas artes, letras, medicina e tantas outras áreas do conhecimento humano. Com a morte de Alexandre Magno, o "império do mundo" foi dividido entre seus generais. Alguns conseguiram manter dinastias duradouras e bem-sucedidas.

Sob o domínio macedônico, surge na península itálica,

junto ao rio Tibre, numa região formada por sete colinas, a cidade de Roma, que se projetou no mundo inteiro. Os romanos, que a princípio se empenhavam apenas em proteger seus territórios, gradativamente vão ampliando seus domínios. Após ocuparem a Macedônia conquistam também a Grécia, que, tempos antes, por ordem de Quincio Flaminio e durante os Jogos Ístmicos de 196 a.C., tinha conseguido se livrar do jugo macedônico. Posteriormente, foram conquistados o império Seleucida, na Pérsia, e o Egito, o derradeiro reino helenístico. Dessa forma, o império romano tornou-se maior do que os anteriores.

As conquistas e as decorrentes influências dos vencidos fizeram com que os romanos tivessem uma forma diferente de ver, pensar e agir em relação à vida de seu povo. Para harmonizar o amplo território e suas colônias, tornaram-se hábeis na elaboração de leis, códigos e regulamentos que serviram como base para o direito público e privado que norteia as instituições da atualidade. Foram criativos na arquitetura e na construção de grandes obras, adequadas aos anseios do povo e à beleza estética. Graças a isso surgiram teatros, circos, anfiteatros, aquedutos, termas, palácios, estádios etc. Em que pese terem suas próprias convicções religiosas, onde os gênios simbolizavam o aspecto espiritual da cada deus, lugar, grupo social ou indivíduo, os romanos respeitavam os usos, costumes e tradições dos vencidos, por isso construíram o Panteon para abrigar todas as divindades cultuadas pelos povos subjugados.

Se por um lado demonstravam um certo ecletismo nas práticas religiosas, o mesmo não acontecia em relação aos esportes, onde preferências caminhavam no mesmo sentido, sobretudo em relação aos jogos públicos, que eram realizados nos circos e anfiteatros de todas as cidades. As

atividades esportivas mais atraentes eram os confrontos de vida ou morte entre os gladiadores, onde o público participava ativamente na decisão sobre a sobrevivência ou não do vencido. O principal objetivo dos governantes era distrair o povo com espetáculos grandiosos, que se estendiam pelo dia todo, nos quais o imperador, invariavelmente presente, mandava distribuir aos espectadores guloseimas, vinho e brindes.

Na transição da era grega para a romana, o tempo encarregou-se de modificar os valores ideológicos e comportamentais dos festivais sagrados de Olímpia. As qualidades físicas, técnicas e morais já não eram essenciais, mas sim o *status* social. Qualquer nobre desprovido de força e agilidade, mas detentor de prestígio, poderia ganhar uma prova através da intimidação de seu adversário. Nas palavras de Godoy (1996), a história revela que Nero alterou a data da ducentésima décima primeira Olimpíada, a fim de que coincidissem com uma viagem que faria à Grécia. Lá, competiu na corrida de carros conduzindo uma quadriga puxada por dez cavalos. Apesar de ter caído várias vezes e não ter cruzado a linha de chegada, foi declarado olímpico. Conta-se que Nero decretou a proibição de qualquer inscrição à prova, além da sua.

Ao contrário dos gregos, que sacralizavam seus festivais esportivos, onde os atletas eram respeitados e os deuses temidos, os romanos inicialmente consideraram os Jogos Olímpicos uma atividade ociosa; sendo assim, aos poucos eles foram sendo transformados em eventos de pura violência. A descaracterização dos Jogos, ao longo do tempo, provocou inevitavelmente a sua extinção, após doze séculos de competições. Acontecimentos de época, nas

afirmações de Godoy (1996), revelam que, por mais absurdo que pareça, as Olimpíadas foram abolidas em decorrência do drama de consciência de um rei. A história fala que, por volta do ano 390 da era cristã, em Tessalônica, cerca de 10.000 gregos postulavam sua liberdade. Teodósio, na época imperador de Roma, ordenou que seu exército executasse a todos. Após esse genocídio, o monarca ficou gravemente enfermo. Numa última tentativa de cura recorreu a Ambrósio, bispo de Milão, que o aconselhou a converter-se ao cristianismo. Teodósio assim fez, e ficou curado. Em reconhecimento, disse que atenderia a qualquer pedido daquele que o deixou bom. Ambrósio então lhe pediu que acabasse com as festas pagãs, e naquela época os Jogos Olímpicos nada mais eram do que festas dessa natureza.

Em 393 de nossa era, Teodósio I, o Grande, aboliu oficialmente o festival que foi um dos maiores contributos da Grécia para a civilização, onde homens e deuses reverenciavam-se mutuamente, promovendo a beleza física, intelectual e espiritual através do esporte, tendo como pano de fundo a magia do sagrado.

A retomada dos Jogos Olímpicos na era moderna, segundo Godoy (1996), passou por um longo processo de reconstrução ao longo do tempo. Com a decadência do império romano e a ascensão dos bárbaros, no limiar da Idade Média, as atividades físicas predominantes eram decorrentes das tendências belicistas dos vencedores. O arco-e-flecha, a cavalaria e a esgrima eram os exercícios mais praticados, cujos objetivos eram preparar o homem para a caça e para a guerra, mesmo porque as demais modalidades estavam proibidas, também por força do ascetismo da época.

No século XIII, em meio ao classicismo, São Thomas de Aquino, "o Doutor da Igreja", associando idéias de

Aristóteles com suas concepções religiosas, apresentou algumas propostas que diziam respeito aos cuidados necessários que deveriam ser tomados durante o desenvolvimento físico da criança.

A civilização medieval começa a sofrer a influência das grandes descobertas, das conquistas marítimas e, conseqüentemente, da evolução cultural. Na Europa, entre os séculos XV e XVI, a renovação artística, literária e científica dava início à era do Renascimento. O humanismo de época evoca a valorização da antiguidade, rebuscando os fundamentos da cultura grega. Na França, o exemplo mais significativo da literatura renascentista foi François Rabelais. Médico, professor, escritor e beneditino, Rabelais fundiu as idéias filosóficas e morais de sua época com o pensamento grego. Sob sua ótica, era salutar e elegante participar de atividades atléticas. A partir daí, lentamente o esporte passou a ser praticado de forma freqüente e organizada.

Na opinião de Marrou (1973), a Revolução Industrial deu ensejo a uma nova ordem nas relações sociais, principalmente entre a aristocracia e os filhos da classe operária. A troca de experiências entre esses dois segmentos começou a preocupar os mestres conservadores. Era preciso fazer algo para desviar os jovens dos problemas políticos, cuja tarefa pertencia aos governantes.

Já no século XIX, Thomas Arnold, clérigo e educador, acreditava que um mundo diferente exigia homens diferentes. Como diretor da Escola de Rugby, uma das mais tradicionais instituições de ensino da Inglaterra, promoveu uma reforma curricular onde as atividades físicas deveriam ser feitas de maneira regular, pois, além de conter as tendências revolucionárias, desenvolveria a autoconfiança e senso de

responsabilidade nos jovens. A proposta de reforma de ensino de Arnold foi adotada em todo o Reino Unido e seguida por outros países da Europa. Apesar de os educadores e governantes saberem da importância da prática desportiva na formação integral do homem, a tarefa de reinstauração dos Jogos Olímpicos foi árdua, esse mérito coube a Pierre de Fredy, o Barão de Coubertin.

Coubertin, por pertencer a uma família de militares, estudou na Academia de Saint-Cyr, onde conheceu o padre Caron, seu professor de retórica e humanismo, além de ter sido o grande incentivador para que se interessasse pelos estudos da civilização helênica. Ao abandonar a carreira militar, Coubertin formou-se em pedagogia, área do conhecimento que lhe forneceu subsídios para propor uma profunda reforma pedagógica, social e humanitária na França. Depois de sucessivas viagens por diferentes países, constatou a importância dos encontros esportivos de forma regular como uma forma de promover o conagraçamento entre os povos. E em 1894, numa convenção realizada na Universidade de Sorbonne, obtém dos gregos o compromisso de reatualizar as Olimpíadas. Na primavera de 1896, na Grécia, acontece a primeira edição das Olimpíadas modernas.

Para Coubertin, os Jogos Olímpicos deviam ser essencialmente uma festa da juventude de todo o mundo, que fizesse da expressão corporal uma fórmula de autopercepção e percepção do outro, em alto grau de solidariedade e respeito. A frase "*O importante é competir, não vencer*" passou a ser adotada pelo Barão para sintetizar os verdadeiros fundamentos da grande aventura olímpica da era moderna.

Jürgen Moltmann (1989) afirma que do ideário de Pierre de Coubertin também fazia parte uma proposta de

universalização dos povos, com os jogos sendo o ponto de encontro das nações. Na concepção de Coubertin, a Olimpíada moderna seria a *Religio Athletae* - a religião do esporte -, por intermédio da qual estaria sendo preparado o caminho para a fraternidade mundial. Partindo da antiga religião olímpica, ele assumiu, não os deuses, mas os rituais aproveitáveis. O lugar dos jogos deveria ser um "recinto sagrado", um lugar de peregrinação; a entrada nos locais dos jogos, uma "procissão"; o juramento olímpico, um "rito de purificação"; e a glória do vencedor, uma homenagem às nações. Dizia Coubertin: "Em Olímpia, todos se reuniam para depositar um voto de confiança no futuro. Isso deveria ficar muito bem para as olimpíadas ressuscitadas".

No íntimo de Coubertin, as Olimpíadas eram muito mais que uma simples organização; desde 1935 ele admitia que a primeira e essencial característica do antigo e novo olimpismo era ser uma religião.

O historiador e escritor alemão Carl Diem, um dos maiores entusiastas das Olimpíadas, via a festa olímpica como "o dia de fé na sagrada primavera dos povos". Avery Brundage, durante muito tempo presidente do Comitê Olímpico Internacional, por ocasião das Olimpíadas de Tóquio, em 1964, afirmou que o movimento olímpico era uma religião do século XX, uma religião com pretensões universais e que congrega todos os valores das demais religiões. Moltmann (1989) destaca que vários discursos laudatórios dessa natureza foram proferidos nos últimos tempos, exaltando o desporto como um elemento constitutivo de uma nova religião, com anseios universais e com capacidade de aglutinar em si aspectos positivos existentes nas demais religiões.

Sob a perspectiva de Luiz Alberto Machado Cabral (2004)

a partir da posição que os jogos ocupavam no sistema de valores culturais da antiga Hélade é que o Barão Pierre de Coubertin desejou reviver os Jogos Olímpicos, isto é, na credibilidade da força física e excelência moral do homem, no sentimento de igualdade democrática, na paz universal e na aura religiosa. Existem aqueles que acreditam que essa visão seja uma quimera, mas todos que já vivenciaram o espírito de fraternidade que predomina nos Jogos Olímpicos modernos constatamos que as fronteiras que separam os povos são apagadas; os idiomas, as etnias e as diferentes religiões não são obstáculos para as pessoas envolvidas; o homem, despojado de valores materiais e poder, compete com seus companheiros de modo pacífico e honrado para obter unicamente a glória do triunfo. A humanidade aguarda ansiosa que o ideal olímpico que transita nos breves dias dos jogos possa impregnar o mundo inteiro, para sempre.

2.6 - Visão Religiosa no Brasil

No limiar do século passado, tinha-se a convicção de que, com a evolução do conhecimento humano, a ingerência da religião em todos os setores da sociedade seria cada vez menor. Entretanto, apesar dos avanços da ciência e da tecnologia, que permitiram ao homem um grau de informações inimaginável, ao nascer do sol do século XXI o mundo continua inesperadamente místico.

Na opinião de Jayme Klintowitz (2001), este fenômeno é global e, especificamente no Brasil, atinge patamares impressionantes, como comprovou pesquisa de âmbito

nacional, através de 1017 entrevistas realizadas em 184 municípios de todas as regiões do País, que, além da diversidade regional, levou em conta a variedade de rendimentos, escolaridade e filiação religiosa da população. De acordo com os resultados desta pesquisa, 99% dos brasileiros acreditam em Deus, 83% pensam em uma vida eterna no paraíso, 69% admitem a existência do inferno e 51% acham que o diabo existe. Trata-se, portanto, de uma maioria esmagadora, que destrói qualquer ceticismo em relação à religiosidade do brasileiro. Na concepção do pesquisador, o Brasil, considerado o maior país católico do mundo, é um laboratório constante para estudos sobre a religião, porque concentra dezenas de outras crenças, de diferentes procedências.

Para que possamos entender esse fenômeno, na atualidade, é necessário que façamos algumas referências ao processo religioso no País. De acordo com os dados da *Enciclopédia Ilustrada do Brasil* (1982), o desbravamento e a colonização do Brasil foram uma ação conjunta entre o Estado português e a igreja católica, tendo em vista a estreita relação, à época, entre a coroa e o papado. D. João III, ao escrever para Tomé de Souza, primeiro Governador Geral do País, dizendo que: "a principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse à nossa santa fé católica" (p.787), reforça a idéia de que os portugueses viam as novas conquistas também como um empreendimento sagrado em que se expandiriam a fé e o império.

Carmen Cinira Macedo (1989) vê a união Estado-igreja no Brasil como sendo a instituição do padroado, ou seja, o direito específico de gerenciamento dos negócios eclesiásticos que os papas concediam aos reis portugueses.

Isso tornava os soberanos lusos chefes efetivos da igreja no Brasil, acrescentando o poder espiritual ao poder material já existente. Esse caráter de dominação reproduzia o espírito das Cruzadas, de converter os gentios ao cristianismo, ainda que pela força da cruz e da espada. Dessa forma, desde a chegada da armada de Cabral, o catolicismo romano predominou quase absoluto durante três séculos. Diz ainda a autora que qualquer manifestação cultural, social, política e religiosa que viesse ameaçar a hegemonia da religião católica era coibida duramente, como ficou demonstrado pelas incipientes tentativas de colonização reformada - pelos franceses no Rio de Janeiro, em 1555, pelos holandeses na Bahia e Pernambuco, entre 1624 e 1630, ou com a influência econômico-financeira dos judeus no período colonial. Estes, por sinal, foram condenados pela Inquisição e posteriormente expulsos do País.

Entretanto, já no final do século XVII, a influência absoluta do catolicismo romano viria a sofrer algumas limitações. O estabelecimento consentido de novas religiões e de manifestações políticas e culturais orquestradas pelo racionalismo e liberalismo procedentes da Europa e dos Estados Unidos, passam a ofertar alternativas a uma pequena mas representativa e influente classe média. Na realidade, esse fato se consumou a partir da vinda de imigrantes contratados pelo governo imperial, em decorrência do franco desenvolvimento do País. Eram estrangeiros, principalmente ingleses e alemães, que, conscientes de sua importância, exigiam que seus cultos fossem praticados. Além disso, a maçonaria e o positivismo usavam de todos os meios para conter o poder político da igreja católica no Brasil, sobretudo a partir do momento que esta se tornou oficial, entre 1824 e 1889.

Uma vez entendido que a supremacia do catolicismo é um episódio construído a partir de um processo de colonização, Macedo (1989) acrescenta que é necessário que seja enfocada de maneira mais densa a questão da religiosidade dos índios e dos escravos de origem africana.

À época, o homem europeu, branco, era considerado como referência de progresso, cultura e civilização. Em contrapartida, os índios e os escravos vindos da África eram vistos como pertencentes a culturas e etnias inferiores. Sendo assim, as divergências religiosas e culturais eram decorrentes de uma visão reducionista sob o aspecto biológico, que na prática significava dizer que todas as expressões distintas do catolicismo eram desqualificadas e consideradas como fruto da ignorância e superstição de gente inferior.

Apesar da repressão contínua, especialmente nos séculos XVI, XVII e XVIII, quando a Inquisição atuou severamente, as manifestações desses povos não desaparecem. Paralelamente às práticas oficiais da igreja católica desenvolve-se um conjunto de atividades populares em que proliferam curandeiros, rezadeiras, festas de santos e formas de cultos que incorporam elementos de outras religiões. A exemplo, temos a resistência dos escravos, que, sob o nome de santos católicos, cultuavam seus orixás de origem. Portanto, podemos inferir que os cultos originais foram preservados através de um processo de reelaboração, onde as tradições tiveram que se adaptar a um novo contexto.

Já no ocaso do século passado, Roberto DaMatta (1989), numa perspectiva socioantropológica sobre o comportamento religioso do brasileiro, observa que o povo marca determinados espaços como referências especiais de nossa

sociedade. Além da casa, onde vivemos, comemos e nos relacionamos com a família, e da rua, onde trabalhamos e ganhamos o nosso sustento, existe um outro espaço, o do outro mundo, que é demarcado por igrejas, capelas, ermidas, terreiros, centros espíritas, sinagogas, cemitérios e tudo que sinaliza para um universo habitado por mortos, fantasmas, almas, santos, orixás, deuses e Deus. Se na casa e na rua usamos uma linguagem constitutiva, inerente às coisas práticas deste mundo, no universo da religião nos dedicamos a conversas com Deus e demais entidades. Em vez de discursar, rezamos; em vez de ordenar, pedimos; em vez de falar, suplicamos solenemente em forma de preces, rezas, oferendas e promessas, ainda que isso custe um sacrifício financeiro ao ofertante.

DaMatta (1989) explica que essa necessidade de falar com Deus e todas as outras entidades se justifica na medida em que a religião, num certo sentido, oferece respostas a questionamentos que rigorosamente não podem ser respondidos pela ciência ou pela tecnologia. Além disso, a religião ajuda a destacar e gravar momentos da vida de todos nós, como nascimentos, crismas, casamentos, batismos, comunhões e funerais. Portanto, o aval divino ou sobrenatural, através de seus ritos especiais, legitima todos os momentos de uma passagem na esfera da existência dos homens.

Este autor esclarece ainda que, apesar de diferentes formas de religiosidade no Brasil, há uma profunda e ampla ênfase na relação entre o mundo em que vivemos e o outro, de maneira que a dominação da morte e do tempo é fator determinante em todas essas formas ou jeitos de se chegar a Deus. Entretanto, destaca que a forma pela qual essa comunicação se concretiza é fundamentalmente através de um elo pessoal. Afirma que, da mesma forma que temos pais,

padrinhos e patrões, temos nossos santos padroeiros, orixás ou espíritos do além que nos protegem.

O que fica evidente e singular no que tange à religiosidade no Brasil é que essas experiências religiosas não são mutuamente excludentes, pelo contrário, são complementares. O que uma delas permite, a outra pode negar; o que uma concede em excesso, a outra pode restringir; o que uma intelectualiza, a outra interpreta como um código de extrema devoção. Essa ambigüidade, e a relação entre um mundo e outro, nos revelam a forma cristalina de comunicação familiar e íntima, direta e pessoal entre os homens e os deuses, no caso brasileiro.

Ao retomarmos os estudos sobre o processo religioso brasileiro neste início do século XXI, entendemos que Klintowicz (2001) tem como fundamental o surgimento de um novo fenômeno captado por suas investigações, que está chamando a atenção de estudiosos do assunto, não somente no Brasil como no exterior. Afirma que boa parte dos fiéis está fazendo da religião uma colcha de retalhos, ou comporta-se como se estivesse diante de uma prateleira de supermercado, escolhendo os itens que mais lhe agradam.

Na interpretação de Mauri Heerdt (2002), estamos diante de um pluralismo religioso com tendências mágicas, mercantilistas, orientalistas, satanistas e tantas outras. Trata-se de um surto religioso que desvela um "novo sagrado" sob a forma de uma grande revolução individualista, onde cada religião tem a sua dimensão vinculada às sensações que seus seguidores experimentam. Dessa maneira, é comum ver um indivíduo que se diz católico freqüentar um centro espírita; um judeu reavaliar sua espiritualidade trilhando o caminho de Santiago de Compostela, de tradição católica; ou ainda pessoas

deixando-se levar pelo último modismo místico, como os cristais mágicos e os mantras hinduístas. De acordo com Klintowicz (2001), em alguns casos extremos desse fenômeno as pessoas criam sua própria religião, através da qual estabelecem uma contato sem intermediários com o divino, reforçando a assertiva de Karen Armstrong (1999) de que "criar deuses foi uma coisa que os homens sempre fizeram" (p.128).

Os cientistas sociais que se dedicam ao estudo da religião no Brasil estão diante de uma situação complexa, que tem se caracterizado por um acelerado aumento da concorrência entre as organizações religiosas pela preferência dos fiéis, assim como pela oferta de bens de consumo que têm a ver com o estilo de vida e a identidade cultural. De acordo com Lemuel Dourado Guerra (2002), isto significa dizer que se instala, no âmbito da religião, uma lógica de mercado na qual a competição pela preferência dos consumidores de bens religiosos é a mola mestra que impulsiona a dinâmica dos discursos e práticas religiosas dessas instituições que operam no cenário nacional em nome da fé. Esse mecanismo se assemelha ao das empresas seculares que disponibilizam seus produtos para consumo no comércio.

Como percebemos, existe uma relação da situação de mercado com o pluralismo religioso que, especificamente no caso brasileiro, se manifesta pela redução do peso da tradição católica sobre a escolha religiosa dos indivíduos. Este fato abre um espaço para a visibilidade e cruzamento de outras propostas religiosas, fazendo com que o modelo católico, antes imposto pela autoridade, também seja colocado à venda.

Num outro enfoque, Prandi (*in* Prandi e Pierucci, 1996)

diz que, a partir do momento em que a religião perdeu espaço para o conhecimento laico-científico, a responsabilidade de explicar e justificar a vida nos seus mais variados conceitos passou a ser vista apenas em função do seu proveito individual. Como a sociedade e o País não necessitam dela para nada essencial ao seu funcionamento, e somente recorrem a ela festivamente, gradativamente a religião foi passando para a seara do indivíduo, e daí para o consumo, onde se vê agora na obrigação de seguir as tendências mercantilistas.

1.7 - Sincretismo Religioso no Futebol Brasileiro

Apesar das vicissitudes pelas quais passou o processo religioso no Brasil e das incertezas quanto ao seu destino, fica evidente que o brasileiro tem a necessidade de acreditar em alguma coisa, visto que, segundo Maria Cristina Guarnieri, a religião atua como fator interveniente entre as angústias mais profundas das pessoas, além de procurar responder a alguns questionamentos, como *qual o sentido da vida e da morte?*

Regina Novaes (2003) observa que o povo acredita em céu e inferno, mesmo sem ser religioso praticante ou saber o significado desses lugares, porque esses conceitos, passados de geração em geração, já estão incorporados à nossa cultura.

Otávio Velho reforça essa idéia quando diz que para fugir do inferno o indivíduo apela à misericórdia divina e a todas as demais entidades, num verdadeiro sincretismo

religioso. Além disso, o Brasil é um país que, na concepção de Massimo Canevacci (1996), colaborou ao extremo para o fortalecimento desse fenômeno porque havia um pacto implícito na coexistência de divindades, cosmogonias, filosofias de origem africana, ritos e mitos.

Na mesma linha de pensamento, Leila Amaral (2000) afirma que há uma nova tendência de criar uma profusão de ritos ou vivências, produzindo combinações heterodoxas a partir de variados contextos simbólicos. Significa dizer que a porosidade do domínio do sagrado está em sintonia com a porosidade própria do mundo e da existência, fazendo com que os participantes possam experimentar diferentes "instrumentos de aprimoramento espiritual" (p.129).

Ultimamente essas questões têm despertado tanto interesse que freqüentemente são abordadas em programas de televisão, jornais ou periódicos de grande penetração junto ao público, como a revista *Galileu*, especializada em tecnologia, ciência, comportamento e religião, que publicou, em sua edição de agosto de 2004, uma matéria - "Sorte e azar fazem a cabeça" - trazendo opiniões de diversos estudiosos do assunto.

Dentre os que procuram explicar as razões pelas quais tantas pessoas se apegam a amuletos, rituais e crenças ao longo de suas vidas, a antropóloga Maria Helena Villas Boas Concone assevera que a superstição é universal e está presente em todos os segmentos da sociedade. Diz ainda que tanto o homem primitivo quanto o homem da atualidade sempre acreditaram em magia, e que o mito e o rito estão no mesmo nível de importância que o desenvolvimento da racionalidade.

O sociólogo, antropólogo, historiador e filósofo francês Edgar Morin, um dos grandes intelectuais

contemporâneos, afirma que o *Homo sapiens* também é, inequivocamente, *Homo demens*, um ser na fronteira entre o mundo concreto e o imaginário, alguém moldado, por natureza, para racionalizar e acreditar.

Ainda nessa matéria, à luz da psicologia, o psicoterapeuta e sociólogo Roque Theophilo considera que a mente tem uma grande capacidade de transformar, pela auto-sugestão, situações subjetivas em objetivas. Portanto, é possível que o usuário de um símbolo supersticioso possa estabelecer um eixo de crença e girar em torno dele. O mesmo estudioso explica também que, enquanto o homem estiver criando situações fantasiosas sobre o funcionamento da natureza e da sociedade, ele se utilizará de crenças mágicas para fugir do medo e da angústia da incerteza.

Nossa abordagem sobre a questão religiosa no Brasil nos remete ao futebol, por ser este a substância básica de nosso objeto de estudo, um dos pilares centrais de nossa identidade cultural, portador de ligações múltiplas com a realidade brasileira ou, como diria Roberto DaMatta (1986), depositário vivo das potencialidades da sociedade, onde a arte, dignidade, genialidade, predestinação, sorte, azar, deuses e demônios estão presentes. Portanto, um campo fértil para o surgimento de incontáveis hierofanias.

Nas palavras de Alex Bellos (2003), o futebol é um terreno adequado para superstições, dada a sua natureza ritualizada e a sutil interferência do acaso. Os brasileiros, já acostumados a crenças irracionais, transformaram as manifestações religiosas desse esporte num emblema de seu fanatismo.

Richard Giullianotti (2002) referenda essa relação quando diz que existe uma afinidade histórica e simbólica identificada entre religião e esporte, sobretudo no

futebol, porque a religião no Brasil exerce uma influência considerável sobre muitos atores sociais desse esporte, haja vista a existência da Associação dos Atletas de Cristo, que congrega cerca de 10.000 filiados. Essa inter-relação é tão complexa que a intolerância e o preconceito religioso podem desencadear um profundo sentimento de solidariedade interna estabelecido entre jogadores, dirigentes e torcedores. Segundo o autor, o próprio jogo oferece o mais denso ambiente para a adoração, através da grandiosidade de seus *templos esportivos, catedrais dos tempos modernos*, como afirma Costa (1997), onde são realizados seus ritos. As bandeiras e uniformes policromáticos denotam simultaneamente a identidade e a realidade tribais das torcidas, e os cantos mágicos, dissilábicos, que ecoam pelos estádios, aumentam o estado de êxtase emocional, que anteriormente era associado às cerimônias religiosas.

Votre e Oliveira (2003), ao fazerem referências às torcidas organizadas no Brasil, em especial à torcida do Clube de Regatas do Flamengo, uma das maiores do País, afirmam que, além da dimensão emocional, soma-se a dimensão sagrada, mística ou religiosa, na apropriação, e principalmente na incorporação de Deus como mais um torcedor da "nação preta e vermelha" - cores da camisa do Flamengo -, através da adaptação da letra de um hino religioso muito conhecido e prestigiado na mídia. Os torcedores, ao cantá-lo, consideram ter por sócio o próprio Deus, seja como membro do clube ou da torcida:

*"O Senhor é rubro-negro, rubro-negro eu também sou/
eu sou da Raça, também é o Senhor/ da Raça do Mengo"*

Na avaliação de Anatol Rosenfeld (1993), o futebol no

Brasil, apesar de ter surgido com características profanas, ao longo do tempo foi se ritualizando através da existência de profundas paixões, onde muita coisa "entra em jogo" (p.102) e a deusa Fortuna tem presença determinante.

A vitória de uma equipe proporciona, para uma legião de seguidores, um sentimento de honradez e poder e, simultaneamente, uma revelação de que o destino lhes reserva surpresas agradáveis. O desfecho de um jogo importante se assemelha a uma sentença com resultados previamente anunciados ou, como já dissera Nelson Rodrigues, o final de um jogo entre duas equipes que se equivalem era como uma profecia sagrada, já estando previsto antes da disputa. Dessa forma, continua Rosenfeld (1993), um grande jogo se transforma num cenário propício para as lamúrias entre as torcidas, que se manifestam, à semelhança das festas de Demeter e Dioniso, com cânticos iâmbicos de escárnio e zombaria. O êxito de uma equipe dá o direito à sua torcida de zombar da outra, que durante algum tempo deverá suportar as humilhações da derrota. Fazer parte desse ritual é quase uma obrigação do ser integral.

Roberto DaMatta (1986) observa que, da mesma forma que se desenvolve tradicionalmente um jogo no gramado do estádio, como uma atividade profissional, há um outro embate na vida real, jogado pelo povo, na busca incessante de um destino melhor. É um terceiro prélio, praticado no "outro mundo" (p.103), onde entidades religiosas são solicitadas para interferir no evento esportivo, uma vez que, além da habilidade, técnica e tática, o futebol também depende das forças incontidas da sorte e do destino.

Nelson Rodrigues (1994) vai mais adiante quando assevera que as pessoas que só observam os fatos concretos, irreverentemente chamados por este autor de *idiotas da*

objetividade, não percebem que o mistério pertence ao futebol. Não há um jogo importante sem um mínimo de absurdo ou de fantástico. Rodrigues costumava atribuir os acontecimentos não-convencionais de uma partida ao *Sobrenatural de Almeida*, personagem criado por ele para simbolizar as interferências do além.

Rosenfeld (1993) acrescenta que, num espaço onde tudo depende da sorte ou do acaso, quando se avalia a grande carga de sentimento que emana da torcida para a equipe compreende-se que elas busquem uma proteção em esferas sobrenaturais para terem a certeza da estimulação favorável ou, no mínimo, que sobre para o adversário o desfavor das forças demoníacas. O sincretismo das entidades invocadas fica evidenciado.

Quanto ao maniqueísmo a que se refere Anatol Rosenfeld, no que diz respeito às entidades invocadas o jogador, treinador e coordenador técnico da Seleção de Futebol do Brasil, Mario Jorge Lobo Zagallo (2004), tem uma explicação própria: tanto reza para afastar o azar de sofrer uma contusão quanto reza para atrair a sorte de uma vitória. No primeiro caso, afirma que o maior medo que o jogador de futebol enfrenta é o fantasma de uma contusão, ainda que sem gravidade. A suplência, para o atleta, representa não somente a perda de prestígio junto à mídia, aos torcedores e dirigentes, como também a perda de dinheiro, uma vez que fica sem o direito de receber os prêmios por vitórias ou empates de sua equipe. O infortúnio de uma lesão mais séria pode encerrar extemporaneamente uma carreira já tão difícil e desamparada pela legislação vigente, especialmente no caso brasileiro. Além disso, o azar da derrota expõe o atleta ao sabor ácido da crítica, à desarmonia do grupo e ao desestímulo para o próximo jogo. O sortilégio do êxito

sobre o adversário resgata todas as perdas provocadas pelo dissabor de um jogo perdido.

Os jogadores que fazem promessas, vão à igreja, suplicam a vitória aos santos católicos e se benzem antes de entrar em campo são os mesmos que executam gestos mágicos que acreditam influenciar magneticamente a bola. Traçam linhas imaginárias entre as metas, para "fechar" o gol; adentram no gramado do campo com o pé direito; tomam banhos de ervas prescritos pelo pai-de-santo, em alguns casos acompanhados pelo técnico e por dirigentes; fazem *despachos* no cruzamento de ruas; usam o mesmo número nas camisas; sentam-se nos mesmos lugares nos ônibus que os transportam até o estádio; cantam sempre as mesmas músicas (a Seleção Brasileira de Futebol, pentacampeã do mundo, elegeu a música "Deixa a vida me levar" como a canção que simbolizava a sorte).

O autor deste trabalho, quando jogador profissional do Flamengo, na época emprestado ao Esporte Clube Bahia, da cidade de Salvador, participou de experiência semelhante. Na semana que antecedia ao tradicional clássico baiano, Ba-Vi, entre as equipes do Bahia e do Vitória, os jogadores visitavam a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, onde rezavam e faziam suas promessas. Na véspera do jogo, um pai-de-santo ia à concentração, onde os jogadores descansavam para o grande duelo, e solicitava que todos, às 6 horas da manhã do dia do jogo, tomassem um banho frio, passassem uma colônia de alfazema no corpo, seguida de talco, e rezassem em voz alta uma prece em louvor de Nossa Senhora da Conceição. Ao adentrarem no campo de jogo, todos os jogadores deveriam ter os nomes dos atletas da equipe contrária escritos na sola das chuteiras, e os atacantes, durante o aquecimento, tinham que chutar bolas para uma das

metas, sem o goleiro, com o intuito de facilitar a trajetória de seus tiros para o gol adversário.

Esse ritual criava uma sensação de dependência tão profunda que, apesar de sabermos que o pai-de-santo fazia as mesmas recomendações para a equipe contrária, sempre que necessário recorriamos a ele. O detalhe curioso é que o pai-de-santo cobrava pelo trabalho somente da equipe que vencesse a partida. Dessa forma, com a conivência de todos, ele ganhava sempre.

Nesse caminho, onde o futebol ao longo do tempo veio se divinizando, as manifestações do sagrado foram gradativamente se incorporando e se tornando parte de um conjunto que expressa a identidade e etnicidade do brasileiro, como aponta Michael Herzfeld, professor da Universidade de Harvard. No período das competições internacionais, sobretudo nas Copas do Mundo, as comemorações populares, as hierofanias e o ufanismo se tornam mais frequentes e dramáticos, pois, na opinião de Helal (2001), trata-se de um espetáculo densamente midiaticizado, onde afloram todos os sentimentos do povo. Roberto Ramos (1984) já dissera que o poder mágico que tem o futebol de envolver as pessoas faz com que os meios de comunicação de massa fetichizem esse esporte. António da Silva Costa (1997) registra que a imprensa desportiva vincula frequentemente o sagrado ao futebol, como se este fosse uma religião popular transitando pela sociedade moderna nos moldes das grandes religiões com vocação universal. Nessa oportunidade, vale apelar para todos os santos e credos, como ficou patente no noticiário da Copa do Mundo de 2002.

Na abertura do "Jornal Nacional" da Rede Globo de Televisão, em 26 de junho de 2002, dia em que o Brasil

ganhou da Turquia por 1x0, vitória que lhe permitiu disputar o jogo final contra a Alemanha, a apresentadora Fátima Bernardes abriu o telejornal dizendo: "Os índios pediram aos deuses, os tambores da Bahia apelaram para os orixás, e em São Paulo os padres beneditinos rezaram enquanto assistiam ao jogo". Dias depois, o jornal *O Globo* de 30 de junho de 2002 comentou que os supersticiosos gostariam que Zagallo, o único tetracampeão do planeta, agora transformado em pé-de-coelho, estivesse sentado num trono em Yokohama, apenas para que os jogadores da equipe brasileira beijassem suas mãos antes de entrarem no campo para a grande final.

Neste particular, o próprio Zagallo (2002) faz uma advertência: a seu ver, a superstição não é mais importante que a competência, mas ajuda muito. Suas palavras nos levam a concordar com Nelson Rodrigues (2001), quando afirma:

Ora, nenhum brasileiro consegue ser nada, no futebol ou fora dele, sem a sua medalhinha no pescoço, sem os seus santos, as suas promessas e, numa palavra, sem seu Deus pessoal e intransferível. (p.37)

Dessa forma, iniciamos aqui nossa incursão em busca da realidade dos fatos da História de Vida desse ícone do futebol universal.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, busca, através dos instrumentos necessários para o estabelecimento da História de Vida, uma possibilidade de aproximação com o universo de Mario Jorge Lobo Zagallo, objetivando aferir os significados que as inúmeras publicações, depoimentos de pessoas do seu entorno esportivo e, principalmente a sua própria voz, atribuem à influência do sagrado nos acontecimentos mais marcantes de sua vida profissional.

Dentre as variadas formas de pesquisas socioantropológicas que se desenvolveram ao longo do tempo, a que vamos utilizar é constituída pelos recursos da História de Vida, que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que testemunharam ou participaram de acontecimentos, conjunturas ou visões de mundo como uma forma de abordagem ao objeto do estudo; além disso, esse tipo de pesquisa se move em um terreno multidisciplinar, como esclarece Alberti (2004).

Antes de fazermos uma apreciação sobre a evolução dos métodos biográficos e seus aspectos conceituais, é necessário esclarecer as situações criadas pelas especificidades dos idiomas. Segundo Daniel Bertaux (1976), a palavra francesa *histoire*, quando traduzida para a língua inglesa, dispõe de duas representações: *story* e *history*.

Após um longo período de hesitação quanto ao termo a ser usado adequadamente, em 1970 o sociólogo Norman K.

Denzin sugeriu uma distinção entre ambos. Assim, a história de uma vida ou acontecimento tal qual vivenciado pela pessoa ou pessoas e relatada ao entrevistador, é uma *life story*. Entretanto, o estudo aprofundado sobre a vida de um indivíduo ou grupo de indivíduos, compreendendo, além das narrativas pessoais, testemunhos de parentes, depoimentos de amigos, publicações de uma forma geral e demais fontes, compõe uma *life history*, como é o caso da presente pesquisa.

3.1 – Evolução Histórica e Aspectos Conceituais do Método Biográfico

Historicamente, esse método de aproximação do sujeito do estudo não é nada recente. Segundo Alberti (2004), tanto Heródoto quanto Tucídides utilizavam-se de relatos e depoimentos para construir suas narrativas históricas a respeito de acontecimentos passados. O *De Bello Gallico*, de Julio César, é dos precedentes mais ilustres do autoconhecimento, assim como as *Confissões de Santo Agostinho* e os relatos de *Marco Pólo*. Na Idade Média, essa prática era comum. Já no século XIX, com o predomínio da história “positivista” e a quase sacralização do documento escrito, o hábito de captar depoimentos esteve relegado a um plano inferior. Considerava-se que os relatos não poderiam ter o valor de prova, uma vez que estavam impregnados de subjetividade, de uma visão parcial sobre o passado, e sujeitos a falhas da memória.

Logo após a Primeira Guerra Mundial, as histórias de

vida como objeto de pesquisa científica deram origem a um significativo conjunto de estudos. O relato de uma trajetória singular se transforma numa ferramenta útil para compreender o outro, como, por exemplo, na obra de referência de W. I. Thomas e F. Znaniecki, escrita no período de 1918 a 1920, sob o título *The Polish peasant in Europe and America*, que faz uma abordagem biográfica sobre Wladik, um jovem imigrante polonês. Entretanto, na ótica de Bertaux (1980), as contribuições mais importantes para essa nova perspectiva ficaram por conta dos trabalhos da Escola de Chicago, que, influenciados pelo Interacionismo Simbólico de George Herbert Mead, trouxeram para as ciências sociais uma nova forma de pensar o comportamento social dos indivíduos.

O homem deixa de ser visto de forma isolada, independente de seus iguais, para ser focado como uma entidade complexa, com várias dimensões, construída a partir das suas relações com aquilo que ele designa por outros significantes, cujo comportamento tem importância social ou consequência para nós. Dessa forma, as atitudes humanas inscrevem-se no âmbito de um processo de comunicação onde, através das representações do indivíduo, podemos compreender o comportamento do grupo social em que o mesmo se desloca. A conservadora dissociação entre o indivíduo e a sociedade seria superada pelo estudo das suas representações. Acedia-se à objetividade por intermédio da subjetividade.

Os estudos de Pereira (2002) revelam que, no período compreendido entre 1940 e 1960, aproximadamente, a abordagem biográfica perde sua relevância na medida em que os pesquisadores tentam impor às ciências sociais o modelo aplicado às ciências físicas, baseado em procedimentos

qualitativos. Entretanto, o mesmo autor registra que nas décadas de 1960/70 fica evidente o renascimento da abordagem biográfica, seja na sua utilização como método, seja no desenvolvimento epistemológico de que ela carece.

Na concepção de Alberti (2004), o recurso do gravador portátil, a partir dessa época, possibilitou o *congelamento* dos depoimentos, permitindo sua consulta e avaliação em qualquer época, além de transformá-los em fonte permanente para incontáveis pesquisas. As entrevistas, contrariamente à fase anterior, adquirem estatuto de documento, sem a necessidade de se ajustar às imposições positivistas. Deixam de ser utilizadas meramente como uma fonte reveladora de fatos *tal qual efetivamente ocorreram*, para serem concebidas de uma forma mais densa, onde pode-se avaliar como são apreendidas e interpretadas frente aos acontecimentos e conjunturas do passado.

Nas observações de Bertaux (1980), essa retomada dos estudos sociológicos baseados em narrativas de vida, após um longo período de hibernação que durou cerca de três décadas, ficou configurada no IX Congresso Mundial de Uppsala, em agosto de 1978. Em quase total descompasso com o monocromático interacionismo simbólico da Escola de Chicago, que, apesar de abordar populações diversas, mantinha o fulcro do objeto sociológico no comportamento desviante, surgem novos trabalhos de acordo com a escola de pensamento, o tipo de objeto sociológico ou a população interrogada. Nesse sentido, as escolas de pensamento vão desde o marxismo sartreano, neomaterialismo, estruturalismo ou simplesmente empírico, à teoria dos papéis, à hermenêutica, ao interacionismo simbólico de Denzin e a outras teorias inspiradas fundamentalmente nos trabalhos de Max Weber e de Fernand e Louis Dumont.

Essa diversidade se fortalece ainda mais com a participação de pesquisadores que passam a utilizar as narrativas de vida no contexto de outras disciplinas, como a Antropologia, a História Social e a Psicologia, em múltiplos meios sociais.

Através de uma observação contemporânea, Haguette (1987) afirma que o relato de vida se transformou num objeto de estudos de várias áreas disciplinares: historiadores, sociólogos, antropólogos e etnólogos reativaram seus interesses pelos documentos pessoais e pelo testemunho do vivido cotidiano.

Apesar de uma certa indefinição epistemológica, o método biográfico continua consolidando seu trajeto porque se constitui num processo de comunicação que decanta uma realidade, uma forma de viver de um indivíduo ou grupo social que se exprime através de uma linguagem específica. Usando outras palavras, Passos (2001) afirma que os relatos biográficos se fundamentaram numa reconstrução que abrange uma consciente e reflexiva elaboração de grande parte da vida do autor, incluindo experiências pessoais e profissionais, ao mesmo tempo que desvela uma interpretação dos episódios vitais e da relação que o autor tem com eles.

Em sintonia com as assertivas anteriormente explicitadas, Moita considera o método História de Vida um processo com potencialidades de interlocução entre o individual e o sociocultural, pois só uma história de vida pode evidenciar a forma como uma pessoa mobiliza seus conhecimentos, seus valores, suas energias, para ir formatando a sua identidade, num diálogo com seus contextos. De forma mais veemente, Nóvoa assevera que durante um longo período o mundo foi visto como estrutura e como representação, sendo chegada a hora de vê-lo como

experiência, o que impõe a criação de uma nova epistemologia do sujeito. Faz-se necessária a transição de uma abordagem exclusivamente contextual para uma apreciação especificamente textual, onde o texto é constituído pelas vivências e pelas vozes dos atores. Os indivíduos, sob a ótica experiencial, tornam-se o centro da história sociocultural, onde suas memórias e recordações têm atenção privilegiada. Porém, lembra Nóvoa que, para compreendermos a complexidade desse processo de construção cultural da vida e da experiência, é necessário que tenhamos cuidado na escolha dos procedimentos teóricos e metodológicos, para não cairmos na armadilha de "naturalizar" as vozes dos entrevistados ou sacralizar as histórias de vida.

Dentro dessa lógica, e fundamentada em Santamaría e Marinas, Maria Helena Abrahão (2004) esclarece que as histórias de vida se materializaram através de narrativas produzidas, por solicitação de um pesquisador, com o objetivo de construir uma memória pessoal ou coletiva num determinado período da história. Dessa forma, entrevistador e entrevistado estabelecem um vínculo peculiar de intercâmbio, que sedimenta toda uma relação de investigação, uma vez que nele são elaboradas as histórias de vida, já que estas não pré-existem como tal a esse processo. Sendo assim, as histórias de vida se diferenciam de outras formas de relato, como as autobiografias, as histórias de personagens ou as tradições orais. Nessa perspectiva, registrar os relatos ou as histórias de vida não é captar objetos ou condutas diferentes, mas se integrar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador. A autora afirma que a história de vida não é somente uma transmissão, mas uma construção da qual participa o próprio investigador,

motivo pelo qual o método História de Vida, tendo em vista a especificidade do seu modo de produção, "é seguramente a forma de máxima implicação entre quem entrevista e a pessoa entrevistada" (p.17).

3.2 - Histórias de Vida e Educação Física e Desportos

Segundo os estudos de Pereira (2002), durante grande parte do século XX a pesquisa científica no âmbito da Educação Física e Desportos foi dominada pelo paradigma positivista, que espelhava uma realidade à margem do contexto sócio-histórico e das possibilidades individuais. Entretanto, na era pós-moderna, o avanço e a integração do conhecimento científico em todos os campos do saber vieram despertar na comunidade científica um interesse mais refinado também sobre os estudos relacionados ao movimento humano.

Com a evolução dos estudos no campo da Pedagogia do Desporto, nas duas últimas décadas surgem novos conceitos socioantropológicos sobre a importância das práticas físicas, do exercício e do desporto. Sob a perspectiva de que existem muitas maneiras de melhor se conhecer, compreender e explicar o mundo através de outras visões e diferentes vozes, a pesquisa científica toma um novo rumo. O paradigma interpretativo que emprega métodos qualitativos de pesquisa centrados no contexto cultural, social e histórico se cristaliza. Portanto, se queremos entender o universo de profissionais de Educação Física e Desportos,

suas atividades, alegrias, ressentimentos e projeções, temos que enveredar na intimidade de suas vidas. Uma das formas de dar voz manifesta ao conteúdo latente existente no âmago desses profissionais é através das histórias de vida. Sarmiento reitera que esta metodologia permite o estudo de "Histórias de Vida" de treinadores, atletas e especialmente atletas de alto nível, viabilizando a obtenção de um conjunto variado de conhecimentos fundamentais para esta área.

3.3 – Procedimentos da Coleta dos Dados

Para possibilitar o aprofundamento da análise a que se propõe o presente estudo, foi desenvolvido um trabalho de campo em que, além da narrativa pessoal de Zagallo, foram colhidos os testemunhos de dez pessoas que estiveram presentes, de diferentes maneiras, no seu entorno desportivo.

No depoimento concedido por Mario Jorge Lobo Zagallo, foi sugerido ao entrevistado que falasse livremente sobre os aspectos mais importantes de sua vida pessoal e profissional, sem preocupação com o tempo e com a ordem em que os fatos fossem sendo abordados. Na opinião de Lüdke e André (1986), esse tipo de procedimento caracteriza a entrevista semi-estruturada, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões. O depoente discorre livremente a respeito do tema proposto, fundamentado nas informações que detém, e que, na realidade, são a verdadeira razão da entrevista. Durante a gravação do depoimento de Zagallo,

fundamentado nas recomendações de Thiollent (1980), procuramos observar os sinais não-verbais, que esse autor chama de *atenção flutuante*, para apreender os gestos, expressões, entonações, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não pronunciada, cuja captação é muito importante para o entendimento e a validação do que foi evidentemente dito.

Dessa maneira, nos dias 13, 20 e 27 de setembro de 2003, na residência de um amigo comum, e sempre pela manhã, realizamos as gravações do depoimento de Zagallo. Os fatos posteriores a essas datas, uma vez que o sujeito desta pesquisa ainda mantém suas atividades profissionais junto à Confederação Brasileira de Futebol, foram relatados através de comunicações pessoais, durante os cerca de 400 (quatrocentos) encontros informais que tivemos, por motivos variados, ao longo da elaboração deste trabalho acadêmico.

Quanto à escolha dos dez entrevistados, ela se deu em função dos objetivos da pesquisa: buscamos pessoas que participaram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que pudessem fornecer depoimentos significativos, como recomenda Alberti (2004).

No processo de definição daqueles que iriam fazer seus relatos, novamente encontramos respaldo nesse autor quando aconselha que a escolha dos entrevistados de uma pesquisa de História de Vida deve seguir critérios qualitativos, caso os depoimentos estejam sendo tomados como contraponto e complemento de outras fontes.

Sendo assim, no período de 3 de abril de 2002 a 18 de março de 2005, e sempre individualmente, foram tomados os depoimentos de dez pessoas, de diferentes segmentos do entorno desportivo de Zagallo, cujas idades variavam de 46

a 86 anos, e que responderam a duas perguntas, apresentadas na mesma ordem, com as mesmas palavras e sem tempo definido para as respostas, procedimento que é classificado por Goldemberg (1997) como questionamento padronizado do tipo aberto.

As perguntas propostas aos dez entrevistados foram:

- 1) Quais os fatores que contribuíram para o sucesso profissional de Zagallo?
- 2) Todos nós sabemos da religiosidade de Zagallo. Você acredita que isso possa ter causado alguma influência na sua vida profissional?

Participaram desta fase do estudo:

- 1 - Jean-Marie Fautin Godefroid Havellange
Foi presidente da FIFA durante 24 anos. Atualmente é presidente de honra da FIFA e Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Porto.
- 2 - Carlos Alberto Gomes Parreira
Atual técnico da Seleção Brasileira de Futebol. Foi tricampeão do mundo em 1970, como preparador físico, e tetracampeão, em 1994, como técnico.
- 3 - Arnaldo César Coelho
Foi durante 21 anos árbitro da FIFA. Arbitrou a final da Copa do Mundo de 1982. Atualmente é comentarista da Rede Globo de Televisão.
- 4 - Sergio Barros de Noronha
Jornalista e comentarista da Rede Globo de

Televisão.

5 - José Luiz Runco

É coordenador da equipe médica da Confederação Brasileira de Futebol e do Clube de Regatas Flamengo. Foi campeão do mundo de juniores em 1985 e pentacampeão mundial em 2002.

6 - Arthur Antunes Coimbra (Zico)

É considerado um dos maiores ídolos do futebol brasileiro de todos os tempos. Atualmente é o técnico da Seleção Japonesa de Futebol.

7 - Gerson de Oliveira Nunes

Foi tricampeão do mundo em 1970. Atualmente é radialista do Sistema Globo de Rádio.

8 - Bernardo Rocha de Resende (Bernardinho)

É pentacampeão da Liga Mundial e campeão olímpico com a Seleção Brasileira de Voleibol.

9 - Ricardo Terra Teixeira

É, desde 1989, presidente da Confederação Brasileira de Futebol. Durante a sua gestão, o Brasil foi duas vezes campeão do mundo, três vezes campeão sul-americano e campeão mundial em todas as categorias de base.

10- Armando Nogueira

É colunista do *Jornal do Brasil* e apresentador

do programa "Armando Nogueira" no canal Sportv/Globosat. Acompanha as copas do mundo desde 1954.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise. O depoimento de Mario Jorge Lobo Zagallo é apresentado no Capítulo IV; as entrevistas dos dez participantes acima relacionados compõem o Anexo I do presente estudo.

CAPÍTULO IV

NARRATIVA DE VIDA DE MARIO JORGE LOBO ZAGALLO

Neste capítulo apresentamos a Narrativa de Vida de Mario Jorge Lobo Zagallo, gravada no período de 13 a 27 de setembro de 2003, sempre pela manhã e no mesmo local, ou seja, na residência de um amigo comum. Foi solicitado por este pesquisador que Zagallo falasse livremente sobre os episódios mais importantes de sua vida pessoal e profissional, sem se preocupar com o tempo de sua fala ou com uma seqüência rígida dos acontecimentos. Lembramos ainda que fatos ocorridos na sua vida pessoal e profissional após o período em que foi colhido este depoimento, foram relatados através de comunicação pessoal ao longo de incontáveis encontros informais que tivemos durante a elaboração desta pesquisa acadêmica.

Ponto de partida

Para mim é uma satisfação muito grande estar aí, com todos vocês. É, eu sou alagoano, nascido em Maceió em 9 de agosto de 1931. Pai, mãe e irmãos alagoanos, sendo que eu vim para o Rio de Janeiro com oito meses. Mas, antecedendo um pouco esses oito meses, eu gostaria de falar que meu pai foi jogador do CRB (Clube de Regatas Brasil), que é um

clube que pertence a Maceió até hoje. Ele estudou na Inglaterra, foi capitão da equipe do colégio onde estudou o que não é pouco, ele sempre falou que ser capitão do time num colégio estrangeiro era muita coisa. Como eu falei, quando eu tinha oito meses fomos para o Rio de Janeiro. O meu tio, irmão da minha mãe, tinha sociedade numa fábrica de tecidos com a família Peixoto. Então, ele era o doutor Mario Lobo. O meu nome é Mario Jorge Lobo Zagallo, Lobo da minha mãe e Zagallo do meu pai. O papai veio como representante dessa fábrica de tecidos e toalhas para o Rio de Janeiro. Eu morei ali na Tijuca, evidente que o meu pai acabou entrando como sócio do América Futebol Clube. Depois passou a sócio benemérito e chegou até a contribuir para a colocação dos refletores no campo de futebol, que fica na Rua Campos Salles. Antes de começar a falar de minha vida de jogador gostaria de dizer que estudei dois anos no jardim de infância, cinco anos no primário do próprio Instituto de Educação, depois eu fui para o Externato São José, na Rua Barão de Mesquita, colégio de Maristas, onde eu fiz o admissão e os quatro anos de ginasial, isso na minha época. Depois, saí e fui fazer mais três anos de contabilidade. Eu me formei em técnico de contabilidade, que é o contador de hoje. Nessa situação toda aí, o interessante é que eu comecei jogando pingue-pongue. Me diziam que eu pegava na raquete de forma errada. No futebol eu era canhoto, mas no pingue-pongue eu jogava com a mão direita. Eu saí da quinta mesa do colégio, que era a última, para a primeira, e acabei sendo campeão do colégio. Ganhei medalhas e fui convidado a ir para o América, onde o meu pai era sócio. Eu fui federado no pingue-pongue. Num ano eu disputei a terceira, a segunda e a primeira divisões. Naquela época existiam três irmãos, de sobrenome

Severo:Ivan, Wilson e Dagoberto que eram considerados os melhores e dominavam o pingue-pongue. Já no final do período escolar, eu estava ganhando deles. Mas aí, veio o problema da bola. O meu pai gostava muito de futebol e como era sócio do América, acabou me levando para lá. Nesse clube, existiam duas equipes para sócios: o América junior e o Maguari. Eu joguei nessas duas equipes. A partir daí é que eu fui para o juvenil do América, começando uma vida esportiva. Eu era sócio contribuinte porque meu pai pagava as mensalidades, então eu até digo que era um jogador que pagava para jogar, porque eu não recebia um tostão, nem em 1949, nem em 1950. Eu joguei no juvenil do América durante dois anos. Foi aí que tive uma visão. Eu comecei jogando pela meia-esquerda. Mas o meu pensamento sempre foi verde e amarelo, sempre foi a Seleção Brasileira. Eu sempre pensei no melhor, eu sempre pensei à frente. Naquela época eu tinha 17 anos e pensando nas dificuldades que teria se continuasse na meia esquerda, resolvi mudar para outra posição. Eu disse para mim mesmo: "Vou sair da meia-esquerda, porque na meia a competição é muito grande, e para mim não vai dar. Eu vou jogar pela ponta-esquerda". E fui para a ponta-esquerda. A partir de 1949, fui para o juvenil do Flamengo. Fui servir ao Exército, e na época o América estava com o campo em obras. E no Exército tinha gente do juvenil do Flamengo servindo na Polícia do Exército, porque eles escolhiam os melhores do futebol, do basquete e do voleibol para ganhar as olimpíadas do Exército. Acabei me transferindo para o juvenil do Flamengo, em 1950. No primeiro campeonato nacional que houve, na categoria de juvenis, os cariocas foram campeões, e eu era titular da ponta-esquerda. Quando ultrapassei a idade limite para a categoria de juvenis, meus pais não

queriam que eu fosse profissional. Eles eram contra a idéia de eu me tornar um profissional. Não que eles não gostassem, eles gostavam do futebol, eles freqüentavam o meu dia-a-dia no clube. Mas eles não gostavam porque o jogador de futebol não era bem visto na sociedade, era sinônimo de vagabundo. Então, meus pais, como eu tinha uma educação média alta, não queriam que eu fosse jogador. O meu irmão é que interferiu. Eu tinha um irmão mais velho. Já morreram, meu pai, minha mãe e meu irmão, estou eu só, vivo. Na família, éramos quatro: papai, Haroldo Cardoso Zagallo, minha mamãe, Maria Antonieta Lobo Zagallo, e meu irmão Fernando, Fernando Henrique. Então, papai ficou, até a morte dele, no Rio de Janeiro. Mas o que eu quero dizer é que havia uma rejeição por parte do meu pai e da minha mãe para que eu não prosseguisse. O meu irmão é que interferiu e conversou com o diretor do Flamengo, que veio pedir para eu disputar o campeonato por eles . Meus pais acabaram cedendo.

[O primeiro contrato como profissional de futebol]

Então, o que aconteceu? Eu fiz o meu primeiro contrato profissional no Flamengo, em 1951, e exigi passe livre ao final do contrato. Aí, disseram que eu não podia ter passe livre ao término de um primeiro contrato. Eu, dentro da minha honestidade, acreditei e assinei. Quando acabou o contrato, disseram para mim: "Você é do clube, você está preso ao clube". Já que vocês não acataram aquilo que eu falei e disseram que ao terminar o meu primeiro contrato não podia ter passe livre, eu vou embora, não quero mais saber de futebol, obrigado, vou trabalhar com o meu pai. Naquela época, o teto máximo que o jogador podia ganhar

eram sete mil réis, mas apesar disso o jogador não ficava livre se alguém pagasse os 7 mil réis. Depois essa lei acabou e eu fiquei com o meu passe estipulado em 30 mil réis. Quando eu me casei, já era jogador de futebol, estava fazendo um curso, eu até enganei a minha mulher. Em 1952, minha mulher estava no último ano do Instituto de Educação. O luxo da época era ser normalista, e a minha mulher estava se formando e eu nunca falei para ela que eu jogava futebol. Porque uma normalista, que era uma coisa grandiosa na época, eu um jogador de futebol, como sinônimo de vagabundo, está tudo errado aí! Bem, então eu menti para ela. Eu disse que trabalhava com meu pai. Naquela oportunidade eu estava fazendo um curso de datilografia na Praça da Bandeira e todas as vezes que ela saía do Instituto de Educação ela passava por mim, até que um dia começamos o namoro, sem que ela soubesse que eu era um jogador de futebol. Num determinado dia, na Praça Saenz Peña, nós estávamos na fila do cinema Carioca, quando chegou o meu futuro concunhado, casado com uma das irmãs dela, e me viu com ela. Ele, sem se dirigir a mim, foi logo dizendo *"Escuta! você está namorando um jogador de futebol, é o Zagallo"*. Ele era um torcedor fanático pelo Flamengo, por isso me reconheceu. Foi um horror. Pai, mãe, tio... todos contra. Ela aceitou mas veio falar comigo. *"Você joga?"*, eu digo, *"De fato, eu joga. Eu joga, mas já estou com você há seis meses e você sabe que eu sou!"* Então, eu ultrapassei uma barreira muito grande. Eu me casei em 1955, depois de três anos entre namoro e noivado. Eu acabei sendo o genro mais querido de todos pois elas eram quatro mulheres. O pai e a mãe dela me adoravam, só para você ver como as coisas se modificam com a vivência, com a convivência. Eles não sabiam quem eu era, mas passaram a

saber o que eu era para a filha deles, o meu comportamento e a minha maneira de ser. Então, isso foi uma grande vitória pessoal, minha. Para não falar diretamente no dia em que eu casei, eu queria dar uma volta ao passado. Antes de jogar futebol, na época que eu jogava pingue-pongue, eu joguei voleibol pelo primeiro time do América, eu era levantador. Eu nadei, só que quando eu ia competir, o futebol chegou. Aí, eu larguei o pingue-pongue, a natação e voleibol e fui para o futebol. Onde foi que eu parei? A sim! Eu casei em 1955. Nessa época, estava sendo tri-campeão pelo Flamengo. Eu fui campeão em 1953, na suplência, quem jogava como titular era o Esquerdinha. Eu fui titular em 1954 e em 1955. Eu era um jogador que tinha um dribble muito bonito e por isso a torcida me adorava. Quando o Fleitas Solich veio para o Flamengo, todas as vezes que eu pegava na bola e driblava, ele marcava uma penalidade contra mim. Aí eu disse assim "-, eu vou sair da equipe. Ou eu me modifico ou eu vou sair da equipe!" Como eu tinha uma condição física muito grande! Eu comecei fazendo um ponta esquerda ofensivo que retornava quando perdia a posse da bola. Intimamente, eu sabia que tinha uma importância tática fundamental para a equipe. Eu era um jogador que observava a forma de atuar dos adversários. Quando minha equipe folgava aos domingos, ao invés de ir à praia, eu ia ver como jogava meu marcador, suas deficiências e virtudes para saber como enfrenta-lo no próximo confronto. Mas o que marcou na minha vida, essa função dupla, foi a Copa do Mundo. Porque o que marca um sistema, o que marca um jogador é uma Copa do Mundo. Evidente que eu também fiquei marcado na minha vida por ter sido tricampeão pelo Flamengo marcado, não tenha dúvidas quanto a isso. Eu participei dos três campeonatos. No primeiro eu era reserva, mas joguei. No

segundo e no terceiro eu fui titular. Depois eu fui bicampeão pelo Botafogo. Eu, ao sair do Flamengo, vendi o meu passe, isso já em 1958. Quis vender o meu passe ao Flamengo porque nasceu a minha filha, em 1956 e minha mulher, logo a seguir teve gêmeos. Eu estava sem dinheiro naquela época para bancar os gêmeos, sendo que um deles morreu ficando apenas o que é treinador, o Paulo Jorge. Um era Paulo Jorge e o que morreu chamava-se Mario Cezar. A primeira é a Maria Emilia, que nasceu em 1956. Depois veio a Maria Cristina, em 1963. Depois veio Mario Cezar, que eu dei o nome do que morreu. Ele é o caçula, tem quarenta anos, está casado, tem um filho com três meses e que me prestou uma homenagem ao batizar o filho com o nome de Mario Jorge Lobo Zagallo Neto. Bom! Essa foi a minha trajetória como jogador. Aí, eu saí do Flamengo, vendi o meu passe. Eu estava na seleção brasileira, em 1958, mas quando fui convocado eu ainda era jogador do Flamengo. Então, em 1958, eu fui convocado pelo Feola e tinham mais dois jogadores convocados que eram o Pepe e o Canhoteiro. Naquela época convocavam de 3 a 4 equipes, eram quarenta e tantas pessoas e três meses de treinamento. O campeonato era entre Rio e São Paulo, não havia um campeonato brasileiro. Encurtando um pouco, eu acabei sendo o titular da posição. Como eu disse, quando fui convocado para a seleção brasileira eu ainda era jogador do Flamengo. Nós fomos campeões do mundo no dia 29 de junho e o meu contrato com o Flamengo acabava no dia seguinte. Como o meu passe estava estipulado em 30 mil réis, o meu pai depositou o dinheiro e ficou dono do meu passe. Eu não queria sair do Flamengo. O Fleitas Solich e o diretor Fadel Fadel vieram na minha casa, conversaram comigo. me lembro até hoje das palavras que falei com eles. "Eu digo, olha aqui, eu não estou querendo sair do

Flamengo, eu já tinha proposto a vocês que eu dava o meu passe em troca de um emprego na Caixa Econômica", que era a minha garantia para o futuro, eu estou jogando mas estou sempre pensando à frente," e até hoje vocês não me ouviram ".E, aconteceu de eu ser campeão num dia,ter o meu passe estipulado em 30 mil réis e no dia seguinte ficar com o meu próprio passe. Aí, veio a Portuguesa me oferecendo 3 milhões,apareceu o Palmeiras me oferecendo 5 milhões e eu acabei aceitando ir para o Botafogo por 3 milhões.Por que? Porque o Botafogo era um time bom,além disso minha mulher era professora, ela ia perder toda a escolaridade dela porque não ia poder fazer a transferência dela para São Paulo,então ia ser um desacerto muito grande.Como o dinheiro veio todo para mim,eu vendi o meu passe ao Botafogo por 3 milhões.

[A carreira é ameaçada por uma grave contusão]

Aconteceu um fato interessante. Na quinta partida que eu joguei, que foi contra o Flamengo, o Jadir me deu uma pancada violenta, em cima do joelho. Eu fiquei 8 meses no estaleiro, fui operado pelo Dr. Nova Monteiro. Ninguém está vendo, é só para te mostrar o talho que foi(aponta para a enorme cicatriz no joelho). Só que houve um problema muito sério, era uma calcificação, eu estava jogando e não sentia nada mas a calcificação entrava no joelho e bloqueava. Aí o Nova Monteiro me chamou e localizou aqui(novamente aponta para o local). Agora, veja só o que é que aconteceu comigo. O corpo livre articular foi localizado através de uma radiografia. Isso aconteceu numa sexta-feira.No dia seguinte eu até treinei e nesse dia foi marcada a cirurgia para terça-feira. Aí, ele examinou, né! Tinha uma

radiografia que ele tinha feito, balançou aqui (apontando para o joelho) e disse assim "Você quer tomar uma geral (anestesia) ou local? Vai demorar uns 10 minutos?" eu digo-"Não, eu quero uma local". Aí, eu fui andando para a sala de operação. Fiquei sentado, ele localizou a calcificação, olhou a radiografia e deu a novocaína (anestésico). Depois deu um talhozinho para levar uns três pontos, aí surgiu o grande problema, e eu acordado, né! E eu estava de relógio. Aí, passaram-se 10, 15, 20, 25, 30 minutos... Aí o Dr. Nova Monteiro, que é um catedrático, um *cobrão* *cobrão* (uma pessoa extremamente competente) da época, na frente dos médicos Lídio Toledo, do Botafogo e do Hilton Gosling da seleção brasileira balançou a cabeça sinalizando que alguma coisa estava errada. Aí disseram-"vamos abrir, traz o aparelho de raio-X". Quando ele disse para trazer o aparelho de raio-X, é porque ele não achou, né? Eu só sentia mexer o dedo porque estava tudo dormente, por causa da novocaína. Meu filho! aí disseram assim: - "Agora vamos dar uma injeção ". Aí eu disse assim: "Ou vocês continuam com a novocaína (anestesia local), ou então eu vou sair dessa mesa agora. Vocês disseram que eram 10 minutos , eu vou sair daqui". Aí eles deram um talho desse tamanho (gesticulando) que você está vendo, daqui dá para nascer uma criança do talho que foi. Bateram a radiografia, ela estava do outro lado, aí eu vou contar o que é. Isso chama-se mancada (erro médico) cirúrgica. Ele era um médico sensacional, gosto dele, não ficou nada por isso (ressentimento), mas acho que foi mancada cirúrgica. O que é que ele tinha que fazer? (pergunta, e ele mesmo responde) Costurar, dar dois pontinhos aqui, abrir do lado de cá e tirar. Mas isso para um médico do porte dele era admitir um erro tremendo. Então eles abriram a perna. O que

aconteceu? Eu fiquei duas semanas com a perna engessada, e quando eles tiraram o gesso, a minha perna não dobrava. Não dobrava, ela ficou como um pau. Aí, eles falaram que eu estava inutilizado para jogar futebol, bateu no meu ouvido o comentário dos médicos. Agora você veja só! Eu, casado, com dois filhos, a minha vida inteira ali... Aí, eu comecei a fazer os exercícios. Comecei botando um quilo, naquela época não existiam os recursos que temos hoje. Eu comecei botando um quilo de açúcar no pé, ficava sentado numa mesa, com as costas voltadas para a rua . Fiquei três meses em casa botando um quilo, depois passei para dois, aí tinha uma sapata (na época era chamada de pé de ferro, que servia para fazer exercícios físicos nos membros inferiores) que eu botei três quilos, quatro, cinco, as lágrimas corriam. Eu só parava para almoçar e jantar. Eu fiquei assim durante três meses na minha casa. Depois eu fui para o clube (Botafogo). Aí, o Paulo Amaral (preparador físico do Botafogo) me fazia subir e descer as arquibancadas, ora com uma perna, ora com a outra. Eu saltava barreiras (usadas no atletismo), tudo que era possível. Aí, eu já tinha chegado aos 12 quilos, no pé de ferro, que era o máximo que podia. Aí, o doutor Madeira, que era médico do Flamengo, me botou numa barra que era de halterofilismo, mas só que eu, ao invés de segurar com as mãos, entrava com os pés, transferindo todo o peso para a perna que foi operada. Então, eu comecei a levantar 16 quilos e cheguei aos 60 quilos. E o tempo passando, né! Aí, deu 4 meses, cinco meses, fui para a beira da piscina, fui à praia para fazer flexão dentro d'água. Era a minha superação. E o Paulo Amaral ali, me ajudando. Não tenha dúvidas! A sorte é que eu estava com a perna no alto, se eu estou com a perna no chão, iria ligamento, ia tudo para o espaço. Aí, foi a

minha luta. E o que é que me deu ânimo, me deu força? Foi a minha mulher (depois de uma pausa, num tom baixo, pausado, de respeito, gratidão e carinho) e os meus filhos, foi a minha família. A família fez com eu me redobrasse, me superasse, porque o retorno ao futebol seria tudo para mim. Quando eu voltei, o Paulo Amaral era o técnico dos aspirantes do Botafogo e eu pedi a ele para jogar nos aspirantes. Eu fui campeão de aspirantes, depois de ter sido campeão do mundo. Eu joguei três partidas na preliminar dos profissionais. Eu pedi a ele: -"Deixa eu me recuperar, faltam três jogos?". Eu acabei sendo campeão pelos aspirantes do Botafogo. Depois voltei e fui ser campeão pelo time principal do Botafogo, em 1961, cujo ataque era formado por Garrincha, Didi e eu. Depois chegou o Amarildo que jogou no lugar do Quarentinha. Isso foi em 1961. Depois, em 1962, fomos bicampeões com essa mesma equipe, ou seja, com Newton Santos, Cacá, Manga, Leônidas, Pampoline, Adalberto, Elton, Airton Povil o zagueiro Thomé . Foi um grupo fantástico que foi formado em 1961 e 1962. Eu parei em 1964, mas o treinador Daniel Pinto me pediu para retornar a jogar. Aí, eu voltei a jogar e fiquei mais 7 meses. Muito bem! Aí, o que foi que aconteceu! Eu fiz uma excursão ao México, com o Botafogo, que era dirigido pelo Geninho. E lá, ele começou a barrar todo mundo, porque ele estava com a idéia de acabar com os bicampeões, ele queria fazer uma limpeza. Ele começou a me barra. So me colocava nos 30 minutos finais . Começou a tirar o Didi, o Newton Santos. O Garrincha já estava com o joelho *bombardeado*, e assim por diante.

[Surge o treinador Zagallo]

Quando eu retornei dessa excursão, fizeram-me um convite: "Você quer ser técnico do juvenil do Botafogo?". Quando eu percebi que o treinador já não contava mais comigo, aceitei de imediato a proposta para dirigir os juniores, porque eu sempre tive um pensamento: na vida, nós não podemos dar saltos muito grandes. Você, para dar um salto triplo, tem que primeiro dar um passo, para chegar no terceiro. Positivo? Senão, você está fazendo um salto em distância. Conseqüentemente eu aceitei com uma condição: que ficasse com o meu salário de jogador, uma vez que ainda faltavam sete meses para terminar o contrato, e mais o que eu tinha pedido para assumir os juniores. Como eles concordaram com a minha proposta, eu aceitei o convite para iniciar nos juniores porque começar uma carreira de treinador pela equipe de profissionais seria uma tarefa muito difícil, uma vez que eu teria que comandar ex-companheiros de equipe. Além disso, eu não tinha certeza se eu era um líder ou não. Você jogar é uma coisa, porque você depende de si próprio. Você comandar é totalmente diferente. Você tem que ter uma visão global, tem que ter capacidade de argumentação com os jogadores, você tem que ter visão de jogo. e saber transmitir aquilo que você pensa. Portanto, eu acho que a base é tudo na vida. Quando eu comecei no juvenil o Neca, o falecido Neca já dizia -"Zagallo, você tem que ser mais duro". Então, o Neca foi para mim o meu modelo e o Neca não foi nenhum treinador de time principal, ele dirigia a escolinha e o infanto-juvenil. Então, ele me acompanhou, ele acompanhou a minha carreira e eu devo muito ao Neca por eu ter chegado aonde cheguei. Agora, claro que a minha base de estudos, de ter feito o primário, o segundo grau e o curso técnico de contabilidade me proporcionaram maior segurança para dirigir a palavra aos jogadores, o que é importante no

comando.Quanto à liderança, eu não sabia que tinha.Eu só passei a saber que eu era um líder(silencia e bate com a mão no tampo da mesa)comandando os juniores, o que para mim foi excelente. Porque quando eu galguei a equipe principal eu já era senhor de mim, mesmo porque eu já era campeão do mundo e campeão pelos juniores.Eu assumi o Botafogo, a equipe principal, em 1967, depois de ter sido campeão nos juniores... eu já era bicampeão, dirigindo gente com quem eu havia jogado como Gerson,Leônidas e Manga por exemplo.Issso tudo me deu um moral muito forte,até porque eu era um bicampeão do mundo .Quando eu assumi a equipe principal ,eu fiz uma mescla de jogadores dos juniores com os jogadores experientes como Leônidas, Gerson,Jairzinho e Roberto Lopes Miranda.O Paulo César Caju, que estava na Colômbia, também entrou na equipe, entende? Então, essa mescla que eu fiz foi um negócio fora de série. O Botafogo ganhou tudo naquela época.Em 1967 e 1968 foi bicampeão da Taça Guanabara bicampeão Carioca e em 1968/69,fomos campeões da Taça Brasil.Então, para mim foi muito bom porque eu fui um técnico vitorioso, o que é importante na carreira.Eu vi outros treinadores com nome, com prestígio,que não tiveram sucesso, vou dizer!Newton Santos, Zizinho,Junior...o Carlos Alberto Torres,não é ganhador, ele só pega time quando está para cair.São jogadores com prestígio que não têm visão,não é deles essa capacidade de observar o que está se passando no jogo.Então, essa base que eu tive e com a continuação do trabalho, montando um time que estava em minhas mãos,foi um negócio fantástico.E, a seguir,em 1970, eu fui ser técnico da seleção brasileira.

[Nesse trecho eu solicitei ao Zagallo que falasse apenas dos clubes onde trabalhou como técnico, pois as Copas seriam um depoimento à parte.]

Em 1971 eu fui ser técnico do Fluminense e fui campeão.No ano seguinte eu fui técnico do Flamengo e fui campeão.Em 1974 eu saí do Flamengo e voltei para o Botafogo.Naquela oportunidade quem me substituiu no Flamengo foi o Joubert.Em 1976,eu saí do Botafogo e fui para a Arábia Saudita. Fui o primeiro brasileiro a pisar naquelas terras como treinador.Para trabalhar comigo eu convidei o Chirol porque ele foi meu preparador físico, no Botafogo, e nós acabamos fazendo uma dupla e continuamos a ser campeões em todos os lugares onde nós trabalhamos.Como técnico da Arábia Saudita e tendo o Parreira como preparador físico,fui campeão da Copa do Golfo .Nessa Copa, a final foi contra a seleção do Iraque . Depois de anos eu voltei novamente para o Botafogo onde eu consegui ficar invicto durante 53 jogos. Perdemos a invencibilidade, no Maracanã, para o Grêmio.Depois, voltei outra vez para a Arábia Saudita e fiquei três anos e meio. Primeiro,eu fui campeão pelo Al Helal. Depois eu recebi um convite para dirigir a seleção cujo treinador era o brasileiro Rubens Minelli.Ele tinha perdido de seis (jogo em que a seleção perdeu por seis gols cujo resultado não foi revelado) e eu estava lá na Arábia Saudita, aí o príncipe veio falar comigo. Eu perguntei pela situação Minelli e ele respondeu que não voltaria mais.Aí, eu disse- *" se ele não vai mais ser o treinador eu aceito"*.Eu até tinha um contrato com o clube, onde até luvas eu recebi (quantia em dinheiro)mas mesmo assim eles aceitaram que eu fizesse um contrato como treinador da seleção da Arábia Saudita. Apesar do Kuwait e o Iraque serem as equipes mais fortes do golfo, eu consegui classificar a fraca Arábia Saudita para os Jogos Olímpicos de Montreal.Quando saí da Arábia Saudita fui treinar o Flamengo, em 1984,quando fomos campeões da Taça Guanabara

.Depois eu fui para o Vasco e fui campeão da Taça Rio. Posteriormente, fui para o Bangu trabalhar durante seis meses porque o Castor de Andrade, foi até à minha casa e me fez o convite .Eu disse a ele-“ *você está se desfazendo da equipe e está me chamando para treinar?* Mas eu tenho um convite, no final desse ano(1989)para ir para os Emirados Árabes.Ele disse-“ *Zagallo, você não tem obrigação de ganhar, você sabe trabalhar com garotos(jovens)e eu vim aqui por isso.Se você tiver um convite antes do tempo você vai embora, não tem problema nenhum*”.Aí, eu fiz uma proposta financeira ele aceitou e me pagou corretamente, sem problema.Foi a época em que ele foi preso.Aí,o Chirol e eu ficamos trabalhando lá como se fosse um time amador,nós éramos tudo.Eu trabalhei no Bangu durante apenas seis meses mas quando eu saí, houve uma festa de despedida;eu nunca vi festa de despedida para um time que chegou em sexto lugar,atrás de todos os times grandes.Quando saí do Bangu ,no final de 1989 e inicio de 1990, voltei para disputar as eliminatórias da Copa do Mundo.Eu classifiquei essa equipe e acabei não indo também,mas presta a atenção!Primeiro eu peguei uma fase de pré-classificação.Então classificaram seis países.Classificaram Coréia do Norte;Coréia do sul; o Qatar,com o Dino Sani,brasileiro;o Parreira com a Arábia Saudita;a China e eu,com os Emirados Árabes.Eram seis países,Coréia do Norte,Coréia do Sul, Qatar, China e Emirados Árabes (omitiu a Arábia Saudita). O Parreira tinha acabado de ser campeão da Taça da Ásia, contra a Coréia do Sul, que já havia disputado a Copa do Mundo e tudo. Os Emirados Árabes eram a “zebra da zebra”. Eu quero contar! Nós também disputamos essa Copa da Ásia, e eu chegando lá! (obtiveram uma boa classificação sob o seu comando). Então,

o time não estava na mão, o time foi preparado, eu fiquei o período todo de 1989 preparando o time, disputando mal (não obtendo bons resultados), aí tivemos uma fase preparatória. Estivemos na Itália, onde jogamos contra uma seleção da Itália, se não me falha a memória, acho até que empatamos o jogo. O time veio crescendo, quando houve o torneio de classificação desses seis países. Classificavam dois times, só que a disputa foi em Cingapura, estava todo mundo em Cingapura. Aí, eu encontrei o Parreira, eles tinham acabado de ganhar a Copa da Ásia. A Coreia era um país certo de entrar, e nós sendo a "zebra da zebra da zebra". Aí, o que é que aconteceu? Aí, eu encontrei o Parreira, nós estávamos em hotéis diferentes, claro, aí eu encontrei Parreira na rua e disse para ele: "Olha, não tem turno e retorno, são cinco jogos. Eu vou classificar os Emirados Árabes". O que é que eu fiz? Joguei trancado. O primeiro jogo foi empate, contra a Coreia do Norte. Veio o segundo jogo, foi contra a China. Choveu, eu disse "Meu Deus do céu, o time não sabe jogar com chuva". Armei mais fechadinho lá atrás, Pah!Pah!Pah!Pah!Pah! (sonorizando a harmonia da equipe), e eu doido para acabar o jogo, porque eu ia diminuindo e tendo chances. Dois empates seriam ótimos. Nós acabamos ganhando este jogo por 1X0 o que não estava previsto. O Ambari (jogador da equipe), num contra-ataque, fez o gol da vitória já no final. Aí, passamos para uma situação sensacional. Nós fomos jogar contra a Arábia Saudita, que era dirigida pelo Parreira. Eu fechei, me fechei e ele veio, veio, veio, pah!pah!pah! Ele já havia perdido e por isso tinha que ganhar esse jogo. Eu me fechei lá na defesa. Foi um jogador dele (Arábia Saudita) expulso, que era o ponta de lança, que até tinha um nome danado (famoso), esqueci o nome dele agora. Terminou o jogo 0X0. Eu

fui para quatro pontos ganhos. Eles ficaram atrás dois pontos, porque já haviam perdido e empatado. Fomos jogar contra o Qatar, que era dirigido pelo Dino Sani que já havia perdido também. Empatamos e fui jogar a final contra a Coréia, que não tinha tomado nenhum gol até ali e era a primeira do grupo. Para nós, um empate já era suficiente. Os caras fizeram 1x0, não tinham tomado nenhum gol, nós fizemos 1x1, empatamos o jogo e classificamos o time para a Copa do Mundo. Depois, com a combinação dos resultados, nós poderíamos até ter perdido esse jogo que nós iríamos à Copa, impressionante! Foi uma festa no país! Era semelhante ao Brasil chegando de uma conquista de Copa do Mundo. Aquela mulherada toda Ua!ua!Ua!ua!ua! (som característico emitido pelas mulheres muçulmanas) fazendo aquele barulho. Você trabalhou lá, não trabalhou? (respondi que sim) então tu conheces aquilo, aquela mulherada, ua, ua, ua, ua, ua! Foi um negócio sensacional, uma coisa maravilhosa, foi como se tivéssemos ganhado uma copa do mundo, isso foi em 1989. Em 1990 continuei o meu trabalho nos Emirados Árabes. Agora, presta a atenção! Aconteceu um fato interessante. Eu vim de férias, retornei, mas houve um problema de pagamento de prêmio. Os caras me pagaram as luvas, mas não quiseram me pagar o prêmio (pela classificação da equipe nas eliminatórias). Queriam que eu assinasse dois recibos, como se já tivesse recebido o prêmio, inclusive o Chirol. Nem eu nem o Chirol recebemos o prêmio. O treinador de goleiros recebeu, o massagista Getulio recebeu, o médico recebeu. O Diretor meteu a mão (não foi honesto) no meu dinheiro e no do Chirol. Eu falei para o secretário da Federação, "Fala para ele (o tal diretor que não quis pagar o prêmio) que quando eu chegar eu vou falar com o Príncipe, pode falar para ele". Aí eu vim de férias. Quando voltei eu ainda era o

técnico. Voltando como técnico classificado para a Copa do Mundo, poxa ! Coisa à beça. Daqui a pouco bate um egípcio, jornalista, e diz, "-Zagallo, você já está sabendo das notícias dos jornais?", eu disse - "eu não sei, porque não sei ler em árabe". - "Porque está falando que você não é mais o técnico dos Emirados Árabes". Eu respondi - "eu não estou sabendo e vou ao estádio". Aí, Chirol e eu fomos ao estádio. Lá, nós sentimos uma frieza por parte da imprensa. E, de fato foi constatado que era verdade. Três dias depois eles me chamaram, faltava um mês para terminar meu contrato, me pagaram o mês, fizeram uma festa onde os jogadores se despediram, mas esse diretor não apareceu. Fizeram uma festa, deram um relógio de ouro para mim e outro para minha mulher, um relógio de ouro para o Chirol e outro para a mulher dele. Mas o Chirol não foi à festa. Ele disse - "não vou, isso que estão fazendo é uma safadeza". E, não foi na festa. Eu achava que tinha que passar por cima disso por isso eu fui, agradei. Depois de um mês, onde eu fiquei sem fazer nada, eles me pagaram o salário e eu voltei para o Brasil, sem ter recebido o prêmio. Queria só falar um fato curioso. Quando nós fomos campeões da Copa do Golfo Pérsico, do Golfo Árabe - eles não gostam que chame de Golfo Pérsico - eu tinha um prêmio estipulado, naquela época, em 1976, de 25 mil dólares. Eles me deram 50 mil dólares. Em 1990, onde eu classifiquei o time, com o direito a 80 mil dólares de prêmio, eles me tiraram esse prêmio. Foi o tal diretor, tenho certeza absoluta, Ahmed Bruck, pode escrever, Ahmed Bruck. Ele tinha um defeito físico no braço, esse foi o cara que ficou com o meu dinheiro, tenho certeza absoluta. Só que eu não posso provar e, além disso, não tive a oportunidade de chegar ao Príncipe e dizer o que aconteceu. E você sabe, você

trabalhou lá e sabe como é, para se chegar ao Príncipe você tem que ser convidado. Então, eu não tive a oportunidade. Em 1991, eu fui para o Vasco e depois eu fui para a seleção brasileira e fiquei até 1998. De 1991 até 1994 com o Parreira. Quando o Parreira foi para a Turquia, eu assumi a seleção, como técnico, de 1994 à 1998. Eu fui tetra campeão em 1994, como Coordenador Técnico e depois, como treinador, eu fui à Copa do Mundo de 1998, que foi disputada na França, em que perdemos a final naquele jogo histórico, que o Ronaldo teve aquela convulsão. Em 1998, depois da copa, eu fui para a Portuguesa de Desportos de São Paulo. Em 2001, fui para o Flamengo, onde fui campeão carioca.

A PARTIR DAQUI, ZAGALLO NARRA OS ACONTECIMENTOS DAS SEIS COPAS EM QUE TOMOU PARTE

COPA DE 1958

Antes de entrar, praticamente na Copa de 1958, eu tenho que dar uma prévia do que ocorreu. Evidente, que naquela época tinha tempo para o trabalho. Foram convocados quarenta jogadores, tínhamos três meses pela frente e foram convocados três pontas. O Canhoteiro, o Pepe e eu. Na continuidade dos treinamentos eu tive a felicidade de começar jogando contra o Paraguai, no Maracanã, diante de duzentas mil pessoas já que dos três pontas eu era o único que estava em condições físicas ideais. O Canhoteiro e o Pepe estavam com problemas dentários. Nesse jogo, eu que habitualmente tinha como característica principal armar as jogadas, marquei dois gols dos cinco que fizemos contra o

Paraguai. Aí, o Feola começou a me enxergar de maneira diferente, pela maneira como eu jogava, fazendo uma dupla função e fazendo gols como aconteceu no amistoso do Maracanã. Acabei criando um grande problema para o Vicente Feola resolver. O trabalho prosseguiu e, encurtando, chegamos no último amistoso. Quando eu olhei na escalação da equipe afixada numa das pilastras da concentração do estádio do Pacaembú e não vi o meu nome eu disse assim- " eu quero é ir embora, não quero mais ficar aqui". Até o doutor Hilton Gosling (médico da seleção brasileira) falou assim- "*Zagallo, esquece isso aí rapaz, você já está na Copa, vão jogar o Pepe e o Canhoto e um deles vai ser cortado, fica quieto, fica na tua*". Aí, eu fiquei descansado né! Porque era o último jogo amistoso. Nesse jogo, o Canhoto jogou no primeiro tempo e o Pepe no segundo. O Pepe fez gol, nós ganhamos e o Canhoto foi *cortado (dispensado)* (Zagallo sorri neste momento). Ficamos eu e o Pepe jogando a Copa do Mundo. Houve um acidente comigo, no Maracanã, no último treino. Eu rasguei o dedo até o osso, levei treze pontos. Aí, eu pedi ao Dr. Hilton Gosling para, não ir, me liberar, pois era como se tivesse rasgando uma folha de papel de tão profundo que foi o corte na mão. Porque naquela época, se o goleiro se machucasse, não tinha substituição, tinha que entrar um jogador que estivesse em campo. Eu era um dos goleiros substitutos e no treino que eu me machuquei, treinei com este objetivo. Eu de um lado e o Pelé do outro. Só que eu tive essa infelicidade, o Bellini chutou uma bola e ela pegou só num dos dedos. Imagine uma esfera daquele tamanho pegando só num dedo. Quando eu percebi o que tinha acontecido eu fechei a mão e fui para no Pronto Socorro, lá na Praça da República. Levei treze pontos, foi por acaso. (fazendo referência ao número 13). Começou aqui e

veio até aqui (sinalizando com uma das mãos para o local do acidente). Foi delicado né! Eu até pedi para não ir. Aí, o doutor Hilton Gosling novamente disse- " *Cala a boca rapaz, você é o titular*". Eu viajei com o braço na tipóia, latejava como não sei o que (muito). Nós fizemos dois jogos amistosos na Itália, contra o Inter de Milão, lá em Milão. Nós ganhamos os dois jogos de 4 gols (sem dizer o placar do adversário). No primeiro jogo eu não podia entrar, mas no segundo eu entrei no lugar do Pepe, no segundo tempo, fiz gol e seguimos. Aí, aquele jornalista antigo do jornal O Globo, que era um pouco gordo de cabelos brancos, (lembro ao Zagallo nome do Jornalista) Ricardo Serran! Tu tens uma memória fabulosa! "O Ricardo Serran sentou-se do meu lado e falou- " *você heim! Foi se machucar numa hora dessas* ". Aí, eu disse- " o que é que eu vou fazer?". O Serran emendou- " *Mas fica tranqüilo que o gordo gosta de você e você vai ser o titular, você vai começar jogando na Copa*". Bom! aí fomos para lá, para Hindas. Chegando em Hindas, para a preparação final da equipe..._" Eu contei do detalhe da bandeira, do hotel? (respondi que não) Nós estávamos concentrados em Hindas , que ficava há vinte minutos de Gottemburgo, que seria a sede do grupo do Brasil. Nosso hotel ficava nessa cidadezinha que não tinha nada. Na porta do hotel tinham uns mastros com as bandeiras dos países participantes. Nós olhamos para lá e não vimos a bandeira brasileira. Ninguém falava inglês ou sueco e na base da mímica falamos que a bandeira do Brasil não estava lá. Ele entendeu o que estávamos falando e através de gestos falou que tinha hasteado a bandeira do Brasil. Nos levou lá para fora e apontou para a bandeira de Portugal. Aí, eu disse que nós estávamos orgulhosos de ver bandeira portuguesa tremulando no mastro mas é o Brasil, que vai participar da

Copa e a sua bandeira não está hasteada,houve um equívoco.Aí, ele entrou e foi olhar num livro.Voltou e pediu desculpas.Entrou novamente e trouxe a bandeira do Brasil para colocar no mastro.

Começamos os treinamentos. Veio o primeiro jogo contra a Áustria, o Brasil era o azarão do grupo que tinha além da Áustria, que era um grande time, a Rússia e a Inglaterra.Aí, nós jogamos o primeiro jogo e ganhamos a Áustria por 3X0.O Newton... Esse negócio de apoiar que o Feola mandava ele voltar...Essa história do Feola, eu estava dentro do campo e não escutei.Eu só sei que quando o Newton passou por mim, que foi como ponta esquerda, eu falei- *"vai Newton, que eu vou ficar na tua"*.E o Newton foi, como homem surpresa, eu fiquei, e ele acabou fazendo o gol, o primeiro gol, e nós ganhamos por 3X0.

Foi perguntado ao Zagallo se essa função de voltar para fechar o meio campo foi uma iniciativa dele ou foi solicitada pelo Feola.

Não!O Feola aproveitou a minha maneira de jogar, ele nunca me disse para jogar atrás ou na frente.Ele me escolheu, por uma característica minha, porque ele achava que o time ficava mais equilibrado.Porque ele não dizia assim, ó!- *"Quando perder a bola você volta, quando o Brasil pegar a bola você abre"*. Quando eu fui convocado eu era jogador do Flamengo e ele me viu fazendo essa dupla função no Flamengo no período de 1953/54/55, graças ao Fleitas Solich que marcava falta contra mim quando eu driblava sem necessidade. Como eu tinha uma condição física muito boa acabei mudando a minha característica e passei a ajudar o meio campo.Você pode jogar da mesma forma no clube, mas o que marca para o mundo é você estar dentro de uma Copa do Mundo.Essa seleção é vitoriosa e foi quando

existiu a transformação, de um 4-2-4 para um 4-3-3, quando o Feola comandou. O fato de eu ter voltado para marcar, caracterizou um sistema, não tenha dúvidas quanto a isso, foi a tal da dupla função que a seleção até então nunca tinha jogado. Eu tive a felicidade dessa equipe ser campeã do mundo, porque o que marca a nossa vida, é a vitória. Então, na Copa do Mundo, eu fazia isso. A Áustria pegava a bola, Zito, Didi pela meia direita e eu. Nós compúnhamos o meio de campo. Quando o Brasil pegava a bola eu abria como ponta esquerda. Então, passava de um 4-3-3 defensivo, para um 4-2-4, como jogador ofensivo e aí é que falaram da transformação dentro de um contexto mundial (se referindo à mudança de sistema que atribuem a ele). Aí veio o jogo com a Inglaterra, que foi 0x0. Veio o jogo contra Rússia. Nós estávamos a cinquenta metros dos russos. Da nossa concentração, que tinha dois andares, nós só víamos aquelas camisinhas vermelhas rodando pela manhã e à tarde, treinando dia inteiro. Eu disse- " *esses caras estão loucos*". Quer dizer, eles já faziam *full time* naquela época, em 1958. Nós, não fazíamos treinamento em tempo integral. Nós nos perguntávamos, o que é que esses caras fazem o dia inteiro? Bem! Um dia nós fomos treinar no campo e eles foram lá ver. O Feola trocou todo o time (equipe), né!, Botou-me na defesa, o Garrincha também estava de posição trocada e os caras filmando o treino, pah, pah, pah! Fomos para o jogo contra Rússia. Ganhamos com dois gols de Vavá, com duas jogadas do Mané Garrincha, lá pela ponta, justamente no jogo em que o Mane tinha entrado no lugar do Joel, porque houve esse fato. "O Joel era o titular. Dormia no meu quarto e era do Flamengo". Daquela equipe do Flamengo só não tinha sido convocado o Henrique". O Joel, que era fanho, chegou para mim e disse- " (*Zagallo faz voz anasalada imitando o*

companheiro) Zagallo, estou sentindo a perna! Eu respondi - "tu vais falar, tu vais sair (da equipe)!" - eu estou sentindo, eu vou falar". - "Então, vai lá e fala". Contam uma história de que houve uma reunião, dos jogadores, para tirar o Joel e botar o Garrincha. Se isso aconteceu, eu não participei e não soube. O Garrincha entrou, o Joel era um senhor ponta direita, mas o Garrincha era imprevisível entende! O Garrincha entrou ali, naquele jogo, e não saiu mais. Nós nos classificamos, depois pegamos o País de Gales, ganhamos por 1X0. Jogamos depois contra a França e ganhamos por 5X2. Veio a final. Choveu, eles protegeram o gramado com uma lona. Ganhamos o jogo por 5X2. Dali fomos para a embaixada brasileira, foi um festão, pois era a primeira vez que o Brasil tinha ganho uma Copa. Fomos para o Brasil, de *Constellation da Pannair*, quadrimotor, que levava trinta e quatro horas para chegar. Se não me falha a memória descemos em Recife, fomos obrigados a descer em Recife, foi um temporal danado. O avião desceu meio enviesado, depois da segunda tentativa de pouso. Tínhamos que descer porque o povo estava todo na rua para festejar a conquista da Copa do Mundo.

A COPA DE 1962

Em 1962, tivemos mudanças no comando porque o Feola teve um problema e o Aimoré entrou no seu lugar. Mas eu não posso deixar de falar no Nascimento (diretor), não posso deixar de falar no Paulo Machado de Carvalho, evidente que eu não posso deixar de falar no nosso presidente (da CBD, na época), Dr. João Havellange. Esse é *hors concours*. O Paulo Machado de Carvalho era o chefe da delegação, era um homem

que tinha um astral excepcional, durante a Copa ele só vestia um terno de cor marrom (observação supersticiosa). O Carlos Nascimento era o cara que *batia de frente* com a imprensa, era o carrasco, vamos dizer assim. Mas era um cara íntegro, com o moral lá em cima e que nos ajudou muito a resolver problemas internos da própria seleção. Havia até um rumor de que iam me tirar, que iam colocar o Pepe, mas o Nascimento foi muito incisivo. Houve uma reunião e ficou decidido que o time seria o mesmo da Copa do Mundo, com uma alteração, o zagueiro Mauro que entrou no lugar do Bellini, se não me falha a memória. Parece-me que o Zózimo andou jogando algumas partidas. Mas o Mauro é que foi o substituto do Bellini. Aconteceu um fato engraçado, que o próprio Mauro me contou. O Aimoré Moreira, que substituiu o Feola no comando da seleção, chegou perto dele e disse: *"Olha, gostei muito da tua atuação mas quem vai começar é o Bellini"*. Aí, o Mauro disse assim: *"Essa eu não aceito Aimoré. Já fui reserva em 1958, além disso joguei todos os amistosos antes da Copa e no dia da estréia na Copa do Mundo você vem me dizer que eu vou ficar na reserva do Bellini!"*. O Aimoré respondeu - *"eu só queria ver o seu estado psicológico, quem vai jogar é você mesmo"*. Foi um fato pitoresco mas verdadeiro, se Aimoré não falasse com o Mauro, quem ia jogar era o Bellini. Depois houve o caso do Pelé que se machucou contra a Checo-Eslováquia, num jogo que terminou 0X0. A nossa equipe, era uma equipe mais experiente, quatro anos mais velha, mas só ganhou porque não havia uma evolução física. A evolução na preparação física só aconteceu depois, em 1966. A nossa equipe tinha o Newton Santos com trinta e sete anos, eu com trinta e um, o Djalma Santos com trinta e dois e o Zito, mais ou menos nessa faixa de idade. Apesar da entrada do Amarildo, que

era mais jovem, a nossa equipe era envelhecida, mas que ganhou na base da experiência e no conjunto dos jogadores antigos. O Pelé não pode jogar porque se machucou, o Amarildo o substituiu extraordinariamente, fazendo gols nos momentos mais importantes. Nós acabamos nos sagrando campeões em cima da própria Checo - Eslováquia do grande jogador Masopust que, aliás, foi ele quem fez o primeiro gol do jogo. Depois nós viramos o jogo, inclusive eu me lembro que o nosso gol de empate saiu através de um arremesso lateral que cobrei para o Amarildo. O goleiro saiu mal do gol e o Amarildo chutou para fazer o gol de empate. Do 1X1, chegamos ao 2X1, no segundo tempo, numa jogada do Amarildo, lá pela meia esquerda, para o Zito, que era um jogador *cabeça de área*, completar de cabeça no *segundo pau*. E o terceiro (referindo-se ao terceiro gol do Brasil), está aqui, ó! Hoje é um dia de sol, e naquele dia também era um dia de sol. O Djalma Santos não sabia o que fazer com a bola, estava na intermediária do campo da Checo-Eslováquia, deu um chutão para o alto. A bola foi até à pequena área, o goleiro se confundiu por causa do sol e a bola acabou sobrando para o Vavá, que completou para fazer o 3X1 e nós nos sagramos bicampeões do mundo. Eu fiz uma promessa, vou falar das duas promessas que fiz. Uma foi em Fontana de Trevi, que eu joguei a moedinha para trás e pedi para ser campeão do mundo, isso foi em 1958. Ainda em 1958, nós saímos para um treinamento de rotina. As camionetas que faziam o transporte dos jogadores até o campo de treino, que ficava a cerca de 500 metros do nosso hotel, estavam lotadas. Aí, o preparador físico Paulo Amaral, que também tinha sobrado, propôs que fossemos correndo até o estádio. Eu topei e ainda aproveitei para amaciar uma chuteira nova com travas de atarraxar. Quando cheguei no

estádio percebi que uma das travas tinha caído no caminho, que era bastante acidentado. Tive que treinar com as chuteiras velhas. Quando acabou o treinamento, resolvi voltar a pé pelo mesmo caminho com o objetivo de achar a tal trava. E o que parecia impossível aconteceu, eu achei a trava. Aproveitei e fiz o mesmo pedido que tinha feito na Itália. Em 1962, eu perdi a medalhinha de Santo Antonio no campo. Procurei, procurei, mas não achei. No dia seguinte nós fomos treinar no mesmo campo e eu acabei achando a medalhinha de Santo Antonio. Foram três pedidos ao mesmo tempo, em três coisas. A medalhinha foi em 1962, a Fontana de Trevi foi em 1958 e a trava da chuteira foi também, em 1958.

A COPA DE 1970

Eu estava numa excursão, no México, quando soube da notícia de que o João Saldanha tinha sido escolhido para ser o técnico da seleção brasileira. Na época eu até falei para o João Areosa, que era o jornalista que estava acompanhando a delegação, - *"eu não acredito, pô! Ele é comentarista da Continental (radio) como é que vai ser escolhido para ser o técnico?"*. O Areosa falou que ia ligar para lá para saber se havia algum engano. Ele ligou e disse - *"Zagallo, está confirmado o Saldanha é o técnico"*. Tudo bem, vida que segue. A comissão técnica da seleção era formada pelo Chirol, que escolheu, veja só! O Carlesso, o Camerino, o Coutinho e o Parreira. Tinha uma comissão e o Saldanha era o técnico. Eu continuei no Botafogo. Quando eu recebi a notícia, eu estava treinando o Botafogo, na Urca porque o Botafogo estava sem campo. Estava no meio do campo,

dirigindo um treinamento da equipe principal, quando o preparador físico Luis Henrique me avisou que o Diretor de Futebol Dr. Antonio do Passo, e o professor físico Admildo Chirol me aguardavam dentro de um carro vermelho, num bairro próximo chamado Praia Vermelha. Sem saber do que se tratava fui ao encontro deles como eu estava ou seja, com o mesmo uniforme de treinamento, por isso pedi que dissessem aos jogadores que estava me ausentando para resolver um problema de renovação do meu contrato com o Botafogo. Assim que cheguei ao local ambos vieram para o meu carro. Dez minutos depois chegaram vários jornalistas vindos por todos os cantos. Pegaram-nos no maior flagrante. O Dr. Antonio do Passo, irritado, chegou a pedir que não tirassem fotos porque nós estávamos apenas conversando. Logo a seguir arrancamos com o carro para tentar fugir da imprensa, mas eles nos seguiam por todos os lados, mais parecia perseguição policial de uma cena de cinema. Num determinado momento, conseguimos nos livrar da imprensa e com mais calma o Dr. Antonio do Passo me perguntou, como eu receberia um convite para ser o técnico da seleção brasileira. Respondi no ato- *"não há nenhum problema, não sou de intimidar-me com dificuldades. Aceito a luta"*. Aí, eu fui comunicado oficialmente que eu seria o treinador. Mas antes eu de ser convidado para ser o treinador, eu gostaria de contar um fato interessante. O Dino Sani havia sido convidado. O Dino Sani foi jogador como eu, na Copa do Mundo de 1958, e ele não aceitou o cargo porque achava que ainda estava verde. Mas como eu tinha sido campeão, bicampeão carioca e campeão da Taça Brasil pelo Botafogo em 1967/68, tudo isso de forma muito rápida, além disso toda a comissão técnica era formada por profissionais do Botafogo, tanto é que quando o Saldanha foi convidado para ser o técnico eu

pensei que fosse eu o escolhido .Para mim tinha sido uma decepção não ter sido chamado.Posteriormente, com os problemas surgidos com o Saldanha na seleção brasileira, eu acabei sendo convidado.Eu aceitei de pronto, sem problema nenhum. E aí, começou a minha vida de treinador da seleção, fazendo vários jogos amistosos.A princípio, até quem ia jogar na ponta esquerda seria o Paulo César Cajú, que era a minha idéia inicial. O Tostão seria reserva do Pelé porque eu queria um ponta de lança *enfiado*.Essa era a minha idéia, tanto é que só tinham 22 jogadores e eu queria cortar alguns e convocar mais cinco jogadores.Naquela oportunidade o Dr. Antonio do Passo disse para mim.- "*Pode convocar, mas você vai ficar com 27 jogadores e só vai cortar os 5 no dia em que nós formos para o México*". Aí eu convoquei o Felix,Leônidas,Dario,Roberto Lopes Miranda e Arilson,portanto, ficamos com 27 jogadores como queria o Dr.Antonio do Passo.Por que eu quis isso? Porque nós não tínhamos *ponta de lança*.Quando eu convoquei o Dario e o Roberto Lopes Miranda eu dispensei, na última semana, o Dirceu Lopes e o Zé Carlos que eram jogadores de meio campo, cujo setor tinha muitos jogadores.Então, a minha idéia inicial era ter mais atacantes dentro do grupo.O Leônidas foi cortado por um problema de coração, ele teve uma parada cardíaca, mas na hora foi dito que era um problema de joelho.No gol foram o Ado e o Felix, eu cortei o Leão. Fomos para o México, lá teve um problema...Estou contando um detalhe depois você bota como quiser.O Rogério, que era o ponta direita titular,teve uma distensão.Eu ao invés de convocar um outro ponta direita, eu trouxe mais um goleiro.Eu trouxe o Leão de volta.Quando convoquei o Felix eu queria um cara com mais experiência, pois os outros dois eram dois garotos.Então, o Felix acabou ficando como o

primeiro goleiro, o Ado o segundo e o Leão o terceiro. Ao começar a Copa eu fiz uma mudança radical. Porque o time jogava num 4-2-4, o Saldanha teve o mérito de classificar o time para a Copa, mas jogavam Piazza e Gerson no meio campo. Quando eu assumi, eu já fiz uma mudança. Passei o Piazza para *quarto zagueiro*, o Clodoaldo e o Gerson que estavam na reserva passaram a titulares. O Paulo César Cajú, que para mim foi o melhor ponta esquerda que eu já vi jogar, estava atravessando uma momento muito difícil e por isso eu fiz o último jogo amistoso com o Rivelino na ponta esquerda. Testei o Tostão como ponta de lança, mas como ele tinha um descolamento de retina eu pensei que não fosse dar certo, mas acabei colocando o Tostão e nós ganhamos esse jogo, que se não me falha a memória fez parte da Mini Copa ou Taça Independência e nós fomos campeões, ganhando por 1X0 de Portugal.

Quando nós chegamos no México, depois dos amistosos que fizemos, a equipe estava pronta para iniciar a Copa com o Clodoaldo, Gerson e Rivelino *fazendo o meio campo*; o ataque com Tostão, Pelé e o Jairzinho. Esse foi o início. Atrás Brito e Piazza, que eu tirei do meio campo e botei de quarto zagueiro. O Everaldo entrou na lateral esquerda no lugar do Marco Antonio que se contundiu e o Carlos Alberto Torres era o lateral. Eu ainda tive um grande problema com o Tostão porque ele teve um derrame muito grande, ficou uma posta de sangue no nosso globo branco, ficou uma posta de sangue. Ele foi para Houston e quando voltou o médico acabou liberando ele para jogar. Eu o coloquei pela sua capacidade e porque eu queria que ele jogasse como um pivô de basquete, mesmo sem ter altura, sem poder ter choque. Ele desempenhou uma função, só saiu num jogo em que teve um probleminha, mas retornou, o que ocorreu com o Gerson e com

o Paulo César Cajú, que jogou umas duas partidas, mas foi time que imaginei inicialmente que acabou sendo tricampeão do mundo em 1970. Mas eu gostaria de destacar que além da qualidade técnica dos jogadores, nós fizemos um bom trabalho de preparação física através dos professores Admildo Chirol, Carlos Alberto Parreira e Lamartine Pereira da Costa, que elaborou os treinamentos em altitude uma vez que os jogos seriam realizados no México. Por causa dessa preparação o time jogou com sobras orgânicas, principalmente no segundo tempo. Entretanto, também tive que usar da minha intuição de psicólogo em determinados momentos. No jogo com o Uruguai, terminou o primeiro tempo em 1X1, o Gerson chegou para mim e disse- "*Zagallo, Zé!*" Ele me chamava de Zé.- "*Zé, será que eu posso dar uma tragadinha ali no banheiro, sozinho, eu fecho a porta?*" Aí eu pensei e disse - "*vai Gerson, vai dar a tua tragadinha*". Aí, ele foi ao banheiro e deu a tragadinha e depois jogou o cigarro fora. Por que é que eu deixei? Por que aquilo era psicológico. Isso ele falou comigo, tenho certeza absoluta, se ele se esquecer desse episódio, faço questão de lembrá-lo. Certa ocasião, falando sobre esse episódio ele desmentiu o Pelé, porque ele disse que esse fato tinha acontecido no jogo contra a Itália, mas isso aconteceu contra o Uruguai. Nesse jogo, ele veio a mim, ele não fez escondido. Ele fez escondido nos outros jogos, mas pediu licença para mim e eu permiti. Pelo lado psicológico, se eu digo não, seria muito pior pelo menos foi o que eu pensei naquele momento. Ele deu sorte, porque apesar de ter tomado uma atitude nada recomendável, fez um gol e ainda deu um passe primoroso para o Pelé, que dominou a bola no peito e fez o gol. Então, tem certos momentos na vida que você tem que ter elasticidade tem que usar da psicologia e

foi o que eu fiz. Ainda no jogo contra o Uruguai, o Lídio (Médico da seleção) entrou no campo para atender um jogador caído, mas eu não deixei o Mario Américo (massagista da seleção) entrar, quem entrou com o balde fui eu. O Pelé, malandro, percebeu que o juiz vinha na minha direção para falar alguma coisa, chegou dizendo para mim- "doctor, doctor, doctor!". O árbitro ficou na dúvida, aí eu pude transmitir aos jogadores o que eu queria. Evidente, que para ser campeão você tem que ter uma parte física muito boa, uma parte técnica excelente com a complementação da parte tática. Eu quero acrescentar que essa equipe, cientificamente, foi preparada com um trabalho de vinte um dias em Guanajuato, que fica a 2300 metros acima do nível do mar. Se nós chegássemos à final, porque nós jogamos em Guadalajara a 1600 metros, nós tínhamos dentro do organismo aquele trabalho realizado em Guanajuato e foi o que aconteceu. Nós estávamos ganhando já ao nível do mar, porque 1600 metros é a mesma coisa que estar ao nível do mar, a maioria dos jogos no segundo tempo. O nosso condicionamento estava excelente e quando fomos jogar contra a Itália, a supremacia foi total no segundo tempo. Então, foi um trabalho científico, de conjunto, entre toda a equipe técnica que acabou conquistando a Copa de 1970. Na época, saiu na manchete de um jornal inglês, "O FUTEBOL DOS SONHOS: BRASIL", quer dizer, uma frase que não é nossa. Essa seleção e a de 1958 foram as duas melhores seleções que eu vi jogar, sendo que a de 1958, infelizmente a tecnologia não pode nos trazer, para que o mundo todo visse. Então, eu enquanto jogador, enalteço a seleção de 1958 e o seu treinador Vicente Feola Feola . Quanto à seleção de 1970, que eu era o treinador eu considero que também foi uma grande seleção que além de ter contado com a

influência da altitude, contou com a participação de excelentes jogadores. Foram duas épocas diferentes. Nessa Copa teve um momento que me emocionou muito. Quando acabou o jogo contra a Itália e fui um dos últimos a sair do campo. Quando entrei no vestiário, logo divisei o Pelé sentado ao lado do Brito; bebia água de uma bolsa térmica. Bati no seu ombro. O Negão, que não tinha me visto, continuou a beber água, talvez imaginando que fosse algum chato atrás de autógrafa. Então, o Brito avisou ao Pelé “-é o Zagallo, Negão!” Virando-se rapidamente para mim, o Negão estendeu os braços, deu-me um abraço apertado e desandou a chorar. Permanecemos abraçados. Eu também não resisti. Chorei pela primeira vez depois de ter acariciado a taça. Ainda chorei mais, quando o Pelé, entre soluços, me disse uma frase que foi o meu maior prêmio pela conquista do Tri “-Zagallo, era preciso estarmos novamente juntos para conquistar esse tri. Só você mesmo”.

COPA DE 1974

Em 1974, eu já sabia que seria o técnico porque o presidente Havellange dava continuidade ao trabalho do técnico e como conquistamos o tricampeonato, eu estaria na próxima na próxima Copa, como aconteceu.

Entretanto, nós perdemos a base da equipe que foi tricampeã do mundo. Não jogaram Gerson, Tostão, Clodoaldo e Carlos Alberto Torres. Na Europa as seleções da Holanda e da Alemanha, que acabou sendo a campeã dessa Copa, contra a própria Holanda, eram as seleções que estavam no apogeu. Uma coisa que me marcou no comando aconteceu no jogo contra a Alemanha Ocidental, que era um time muito forte

fisicamente. Neste jogo, eu tirei o Piazza e coloquei o Paulo César Caju ao lado de Rivelino e Paulo César Carpegiani. A Alemanha tinha uma capacidade muito grande de marcação, mas não tinha desenvolvimento técnico, por isso eu tirei o cabeça de área e coloquei quatro jogadores de alto nível técnico. Isso foi uma coisa que marcou na Copa. Diante da Holanda, nós jogamos de igual para igual só fomos tomar gol no segundo tempo. Tivemos chance, no primeiro tempo, de ganhar o jogo e perdemos para uma novidade tática que foi realizada em 1974. Eles tinham um time com Q.I extraordinário, tanto é que o Rinus Michels voltou ao comando da seleção da Holanda e não conseguiu reeditar o que aconteceu em 1974. Aquilo foi fruto de uma geração de alto nível técnico e de QI elevado. Agora, nós temos que enaltecer a Alemanha que era uma senhora equipe de futebol.

COPA DE 1994

A posição de Coordenador técnico da seleção brasileira não é função fácil. Pela experiência que eu tinha de jogador, sendo bicampeão do mundo em 1958 e 1962, tricampeão do mundo como técnico e chegando em 1994 como coordenador. O Parreira, que já havia trabalhado comigo nas Copas de 1970/74 e dois anos no Kuwait, acabou sendo o técnico e eu o coordenador. Isso, vamos dizer assim, quem inventou foi o Dr. Ricardo Teixeira que queria botar uma dupla. Foi uma malhação geral, achavam que não dava certo porque eram dois treinadores. Mas Parreira e eu nos conhecíamos há muito tempo, já tínhamos trabalhado juntos e conseqüentemente o trabalho foi bem dividido, ele me entendia, eu discordava

dele de vez em quando, porque apesar da amizade tem que haver discordância em determinados momentos, o amigo leal não é aquele que diz *amém* em todas as horas !Então, o que é que acontecia? O problema da escolha de jogadores, nós dois é que decidíamos. Observações em *tape*, para sabermos o melhor caminho para jogar, nós nos trancávamos num apartamento para ver. Então, houve uma evolução, um pensamento em conjunto, não houve melindres, não houve vaidades. Nós fomos muito combatidos pela imprensa, que dizia que o futebol brasileiro não era aquele ali que estava sendo jogado. Porque era um futebol competitivo. Mas nós tínhamos jogadores de excelente capacidade. Nós tínhamos Bebeto, Romário, Leonardo, Cafu, Branco, Raí e ainda o Ronaldinho na Reserva e o Viola no banco. Enfim, nós tínhamos uma excelente equipe mas enalteciam o futebol da Argentina e o da Colômbia que diziam que aquele ali é que era o verdadeiro futebol brasileiro. E quem foi tetracampeão do mundo fomos nós. Então, eu acho que foi uma constatação de que o trabalho é muito importante. Você pode ter uma excelente equipe mas se não estiver bem orientada, ela não vence. Então, houve uma superação dos atletas, houve uma aplicação muito grande, mas com qualidade, porque a qualidade tem que estar acima de tudo, sem qualidade você não ganha nada. Nós tínhamos a qualidade, bem preparada fisicamente e bem orientada porque as funções têm que ser exercitadas. Não adianta ter um grupo de excelentes jogadores que não exerçam suas funções. Você tem que saber se os jogadores, apesar da qualidade, têm condições para exercer um determinado tipo de trabalho, porque as funções são diferentes. Você tem que saber a diferença entre colocar um homem jogando com qualidade, que tenha condições para ir e voltar e colocar um outro que tenha um alto nível técnico

mas que não tenha condições orgânicas para voltar, esse último vai pesar na equipe. E o Brasil foi campeão... Eu me lembro, neste momento, de uma entrevista que dei ao Armando Nogueira e ele me fez a seguinte pergunta"-Por que é que o Real Madrid pode jogar com tantos craques e o Brasil não?". Eu disse"- Armando eu vou lhe responder me reportando à seleção de 1970, em que nós tínhamos Rivelino, Tostão, Pelé, Jairzinho, Gerson. Só tínhamos o Clodoaldo, que não era tão habilidoso, e o Carlos Alberto que atacava. Agora, no meu ponto de vista, porque eu não sou o dono da verdade, a marcação não pode ser por pressão. Nós marcamos todos os nossos jogos, na nossa divisória. Por que? Porque Não havia desgaste físico, nós nos posicionávamos sem dar espaço, só gastávamos energia para atacar, aproveitando alto nível técnico da nossa equipe do meio campo para a frente. Conseqüentemente, a técnica está sempre acima de tudo". E o Brasil foi campeão por isso, porque soube se proteger atrás, bem orientado, bem trabalhado fisicamente e com desenvolvimento técnico.

COPA DE 1998

Um garoto com 21 anos... Não sei a idade dele na época. Um garoto acaba de almoçar, vai para o quarto se deitar... Eu quero frisar aqui que eu não vi nada, eu só fui ver o Ronaldo no vestiário. Eu quero frisar bem isso porque eu fui à CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) e falei. Eles quiseram que eu mudasse de idéia porque o Dr. Lídio, no depoimento antes do meu, quando perguntado "-O Zagallo estava lá, você viu o Zagallo? Ele disse"- Eu vi". Ele me viu mas não no momento em que o Ronaldo teve a

convulsão. Isso aconteceu depois do almoço. Eu só vim a saber às cinco horas da tarde porque estava trancado no meu quarto, que ficava distante, vendo o vídeo do jogo Croácia e França porque sete horas depois nós iríamos jogar contra a França, além disso eu dormi à tarde. Então eu estava com aquilo na cabeça. Quando o Ronaldo foi fazer um exame na clínica, o Edmundo já estava escalado. E, no retorno, havia sempre comunicação telefônica entre o Dr. Joaquim Damatta e o Dr. Lidio para nos informar sobre os exames que estavam sendo feitos, como ressonância magnética, eletroencefalograma enfim, todos os exames estavam sendo feitos. O presidente já tinha subido para a tribuna, o Edmundo já estava escalado e quando nós estávamos reunidos, começando o trabalho de aquecimento, que ficava num local distante, chegou o Ronaldo de calção, meia e tudo. Nós levamos um susto. Aí eu disse "-chama o Dr. Ricardo Teixeira", porque o Ronaldo chegou e falou "- Eu não estou sentindo nada, eu quero jogar". Aí o Lidio perguntou "- Mas você está bem?" o Ronaldo disse "-Estou". Aí deu aquele branco, ninguém disse mais nada. Aí, chegou o Presidente, e tomou conhecimento do que estava se passando. Na presença do Dr. Ricardo Teixeira e do médico da delegação que já tinha liberado o jogador, perguntei "- você não está sentindo nada Ronaldo?", Ele disse "- Zagallo, senti depois do almoço, tive um problema, mas agora nada e se estivesse sentindo eu falaria para você porque eu não vou prejudicar nem o Brasil nem a minha saúde". Então, ele entrou dentro de campo. Eu pensei inclusive, que a entrada dele fosse dar ânimo. Ele entrou em campo e foi uma apatia total, inclusive houve um lance em que ele chocou-se com o goleiro Barthes, todo mundo correu pensando que ele estava tendo outra convulsão ou estresse emocional como foi falado. Eu

quero falar, que no segundo tempo, no intervalo do primeiro para o segundo tempo, eu fui a ele e perguntei."-Como é que você está se sentindo, você está bem?"Se você não estiver bem me fala que eu vou te substituir". Ele disse "_Zagallo, fique tranqüilo eu não estou sentindo nada". Eu assumi uma responsabilidade porque o médico assumiu e o jogador estava querendo jogar. Se não o coloco para jogar, coloco o Edmundo e o time toma de três, iam dizer que o Zagallo era o culpado porque não escalou o melhor jogador do mundo. Agora! "Na preleção eu tive o cuidado de dar um exemplo, porque para mim ele não iria jogar, então eu fiz o planejamento e falei", -olha!Nós fomos bicampeões em 1962, perdendo o Pelé dentro de campo.Nós jogamos toda a Copa com o Amarildo e fomos bicampeões do mundo.Nós estamos com esse problema com o Ronaldo, mas aconteceu com o Pelé.Então, eu quero levantar o moral de vocês aqui, porque nós temos condições". Outra coisa que marcou foi o jogo contra a Holanda, em que nós fomos para uma prorrogação, com morte súbita e eu dando instruções a cada jogador. Eu só soube em casa que aquelas imagens impressionaram as pessoas. Eu acho que o Brasil cumpriu bem o seu papel,entretanto lamento muito porque poderíamos ter sido pentacampeões . Mas a doença, a doença, frisando bem, a doença do Ronaldo trouxe uma apatia geral. Quero aproveitar a oportunidade para enaltecer o trabalho do Aimé Jacquet, técnico da França, que foi muito contestado durante o seu trabalho, e eu não poderia deixar de parabeniza-lo, nesse trabalho que está sendo feito por você Valente. Portanto, eu queria que a minha felicitação à França, pela conquista da Copa do Mundo, ficasse registrada, não que eu não quisesse que o Brasil fosse penta, mas nós temos que ser realistas e eu sou realista.

Como você se vê como treinador?

A princípio, você não pode avaliar se uma pessoa tem capacidade para ser um líder ou não. Eu comecei a sentir a minha liderança quando me chamaram para ser o treinador o treinador dos juniores do Botafogo. Ali, naquela oportunidade, tive que comandar tudo sozinho, pois eu era o supervisor, o preparador físico, o psicólogo. Eu era tudo. Comecei a minha carreira assim, porque naquela época não existia o trabalho de equipe. O técnico trabalhava sozinho, as coisas só foram evoluir mais tarde. Acredito que todos os treinadores deveriam começar dessa forma, ou seja, nas categorias de base, mesmo que o ex-atleta tenha sido uma estrela. Ninguém se transforma em técnico da noite para o dia. Ultimamente isso tem acontecido muito, o treinador que inicia de forma prematura acaba ficando no meio do caminho. O importante é a base do trabalho e eu, felizmente tive esse início de carreira, além de ter contado com a ajuda do experiente ex-jogador Neca, que tinha sido meu companheiro no Flamengo e que foi fundamental na minha vida. Quando comecei no Botafogo, tanto o professor Admildo Chirol quanto o professor Ernesto Santos queriam que eu fizesse o curso de Educação Física, tal era a facilidade que tinha para analisar um jogo de futebol. O Chirol, meu velho companheiro do Botafogo e da seleção brasileira, dizia que eu era um professor sem saber que era professor. Na época, para explicar como queria que a equipe jogasse, eu utilizava palitos de fósforo simbolizando os jogadores em campo. Dessa forma, comecei a fazer as marcações de tiro de meta, marcação por pressão e meia pressão. Eram todas

resultantes de observações pessoais que colocava em prática. Por exemplo, quando a equipe contrária cobrava o tiro de meta pelo lado direito, eu mandava marcar individualmente este lado e marcar por zona o lado esquerdo. Logo que comecei, eu apliquei uma forma de recuperação de bola usando a meia pressão. Intencionalmente eu deixava os adversários com a posse da bola até uma determinada faixa do campo e, surpreendentemente os jogadores de ataque e meio campo da minha equipe, davam um "bote". Isso aconteceu por volta de 1967/68. Essa dinâmica eu chamava de *meia pressão*. Apliquei essa maneira de jogar até na Arábia Saudita, onde eu previa tudo nos mínimos detalhes. Particularmente, eu prefiro a marcação por zona. Acho que o treinador que não souber trabalhar o setor defensivo, não ganha título de forma alguma. Saber armar um sistema defensivo eficiente não significa que você seja *retranqueiro*. Fazer uma marcação consistente independe de você ter uma equipe ofensiva ou não. Mesmo que você faça uma rígida marcação no seu próprio campo, você pode ter uma equipe ofensiva desde que você ataque o adversário com um número razoável de jogadores. Toda equipe de bom nível tem que saber se defender e atacar com seis ou sete jogadores. Eu tenho uma concepção de jogo que jamais coloquei em prática porque depende fundamentalmente do despojamento total da vaidade, da inteligência e de uma grande movimentação dos jogadores. Eu nunca falei desse sistema com ninguém, estou falando pela primeira vez com você, Valente. Eu apliquei isso num treinamento, mas não deu certo pelas razões que já citei. Recordo-me que quando estive na Portuguesa de Desportos, peguei os botões e expliquei aos jogadores o que eu queria que eles tentassem, pelo menos uma ou duas vezes, durante o treino que iríamos

fazer. Não disse mais nada e fui para o campo. Sabe quantas vezes eles fizeram durante o treino? Nenhuma. Não tinham competência. Se isso tivesse vingado eu daria um salto qualitativo na dinâmica de jogo. No futebol, ainda existem varias alternativas que poderão ocorrer. A Holanda, na Copa de 1974, foi a única equipe que apresentou algo novo. Recentemente ouvi o Rinus Michells dizer que ainda é possível se ver o futebol arte, muito embora o próprio Rinus, ao reassumir a seleção holandesa, não conseguiu repetir o mesmo trabalho de 1974. Por que? Porque não tinha a mesma qualidade daquela época. Eu tive o prazer de constatar, no jogo entre a Holanda e o Uruguai, a movimentação fantástica dos jogadores holandeses. No Brasil, logo depois da Copa de 1974, tentaram fazer a mesma coisa, mas de maneira errada, fazendo a linha de impedimento. O objetivo maior dessa maneira de jogar era a recuperação da bola através de uma saída coordenada, rápida e coletiva sobre o jogador adversário que estivesse com a posse da bola. Há anos atrás eu dizia as mesmas coisas que digo agora. Sempre me acusaram de jogar muito defensivamente e eu só ganhando títulos; é sinal que eu sempre andei à frente dos outros. Eu dava meio campo de jogo para o adversário e ficava marcando atrás para explorar os espaços que eles deixavam. Porque quem ataca, corre o maior risco. A partir daí eu disse que o sistema do futuro seria o 4-6-0

O técnico Zagallo encerrou a carreira em 2001, mas retornou às atividades, como coordenador técnico da Seleção Brasileira, em 2003. Ele explica as razões.

A causa do meu retorno ao futebol é porque a minha vida

está muito ligada à seleção brasileira, por tudo aquilo que eu participei, das conquistas, que, aliás, ninguém ganha sozinho. Eu não queria mais ser treinador de futebol e por isso o Dr. Ricardo Teixeira convidou-me para ser o coordenador técnico da seleção brasileira e como a minha vida está muita entrelaçada com o verde e o amarelo, eu achei que era um convite honroso, na minha idade, retornar à seleção brasileira. Foi proporcionada, evidente, pela ida para Portugal, do Felipão que acabava de ser pentacampeão do mundo. Então, abriu um espaço e o Dr. Ricardo Teixeira, que estava com dificuldades para arranjar um treinador, me convidou para ser coordenador geral da seleção e nessa oportunidade ele me disse que o treinador que ele queria, o Parreira, não estava aceitando e isso seria um problema muito grande escolher um outro treinador naquele momento. Então eu perguntei "- O senhor deixa-me conversar com o Parreira?". Então, eu conversei com o Parreira, fui lá no fundo, puxei desde a época de setenta, setenta e quatro, quando eu o convidei para trabalhar comigo no Kuwait, onde trabalhamos juntos dois anos. Acabei convencendo o Parreira, que era o que o Dr. Ricardo Teixeira queria, ou seja, reeditar a dupla tetracampeã visando a Copa de 2006. Em novembro de 2002, eu fiz uma despedida mundialmente, vamos dizer assim, como treinador, no jogo do Brasil contra a Coreia, lá em Seul, em que nós ganhamos por 3X2. Então, ali foi a minha despedida como técnico, mas não da seleção nem do futebol, porque eu estou dentro do futebol como coordenador justamente com o Parreira, por tudo aquilo que nós alcançamos em 1994.

Como a relação com o sagrado entrou na tua vida?

Apareceu na minha vida o número 13. E, na minha vida de treinador os títulos vieram. Já desde os juniores ganhando, fui para o time principal e fui bicampeão carioca, bicampeão da Taça Guanabara em 1967/68, campeão da Taça Brasil em 1969. Em 1970 fui para a Copa do Mundo. A camisa 13 passou a ser adotada por mim quando treinador. Hoje tem jogadores que jogam com a camisa 13, mas naquela época a numeração ia até 11, não tinha substituição, não tinha nada. Então, o que é que aconteceu! Eu passei a usar a 13. Primeiro! Eu casei num dia 13. Por que eu casei num dia 13? Porque minha mulher é devota de Santo Antônio que se comemora no dia 13 de junho. Eu ia casar no dia 13 de junho, mas como a data estava ocupada acabei casando seis meses depois, porque eu perdi o meu sogro naquela época, então eu mudei para janeiro. Então eu casei num dia 13 de janeiro. E como as vitórias vieram, o 13 ficou marcado na minha vida. Aí, quiseram saber o porquê e qual a causa do 13. Então eu falei que era em função da devoção de minha mulher por Santo Antônio. Em todas as Copas do mundo, que é o que marca mais, ela ia à igreja de Santo Antonio pegar pequenos pães bentos e dava para todos os jogadores, para quem quisesse, que fosse católico. Quem não fosse católico, paciência, nós temos que respeitar. Isso acontecia em todas as Copas. Então, a coisa ficou marcada de tal vulto que as coincidências, né... Aí você começa a procurar o porquê das coisas. A causa do 13 eu já disse. Mas, por exemplo, eu nasci em 1931, invertido dá 13; A primeira Copa do Mundo foi em 1958, cinco mais oito são 13; eu fui tetra em 1994, nove mais quatro são 13; moro no décimo terceiro andar; o final da placa do meu carro é 0013; eu voto na décima terceira zona eleitoral. E entrando no futebol novamente, o

Baggio, Roberto Baggio, que perdeu o pênalti que nos deu a vitória, somando o número de letras soma 13. E aí, vem uma infinidade de coincidências. Na verdade, o país já incorporou essa minha afinidade com o 13. Quando fizemos um jogo amistoso, em que a seleção brasileira derrotou a equipe da Hungria, em Budapeste, por 4X1, como preparativo para a fase classificatória da Copa do Mundo de 2006, os jogadores brasileiros entraram em campo com uma camisa que estampava atrás o número 250, comemorativo aos jogos em que estive à frente do Brasil até aquela data, e o número 13 na frente, reatualizando e universalizando uma das minhas crenças. Em agosto, poucos dias após a conquista da Copa América, no Peru, quando tivemos uma vitória memorável sobre a Argentina, nos pênaltis, assim que chegamos ao Brasil fomos recebidos pelo presidente Lula (Luís Inácio Lula da Silva) no Palácio Alvorada, em Brasília. Num determinado momento Lula me chamou num canto e confidenciou-me: *"- Também tenho uma predileção pelo 13. Vendi a casa da minha mãe por treze contos, cheguei em São Paulo num dia 13 e sou um dos fundadores do PT (Partido dos Trabalhadores) cujo número na cédula eleitoral é 13".* Aí, eu respondi: *"- Nós dois somamos 26, o senhor é pé quente como eu"*. Ainda em agosto quando fomos jogar contra o Haiti, em Porto Príncipe, com o objetivo de selar a paz na sangrenta guerra civil que estava assolando o país, na véspera do *Jogo da Paz* como estava sendo chamado, o presidente Lula foi ao nosso Hotel fazer uma visita de agradecimento aos jogadores. Ele disse que aquele jogo era uma demonstração de solidariedade. Quando ele falou essa palavra ele olhou para mim e disse: *"- Zagallo, solidariedade tem 13 letras"*. Eu respondi: *"- Presidente, por essa eu não esperava"*.

Mas você acha que isso te ajuda no resultado?

Não, eu embarquei na onda. Eu acho que não tem nada a ver, mas eu entro pela sorte porque o 13 passou a ser, para mim, um número de sorte.

Você acha que isso influenciou também o torcedor e a imprensa?

Eu acho que sim porque quando eu dou autógrafo, as pessoas pedem para eu botar o 13 em baixo. De fato, o 13 passou a ser uma marca de sorte, porque para muitos o 13 é negativo. Nos Estados Unidos, você pula do décimo segundo andar para o décimo quarto, não tem o décimo terceiro. O 13 para muitos é considerado um número de azar, para mim é um número de sorte. Isso acabou sendo um mito na minha vida, o 13, no lado positivo. Tem que ficar claro que esse 13 é de Santo Antonio e 13 da minha mulher porque ela é muito devota. E eu, como marido, acabei engajado nesse 13 que de fato me deu muita sorte. Agora! Contando só com a sorte, não se ganha. Você não vai ganhar no futebol só com a sorte. Sorte é você ganhar na loteria Esportiva ou na Sena, seja no que for. Isso é sorte. Agora! No trabalho você pode ter o 13 nas costas, mas se você não souber trabalhar não vai a lugar algum, a competência está acima de tudo. É o tal negócio, existe o *pé quente* e o *pé frio*. Eu graças a Deus sou *pé quente* ".

CAPÍTULO V

TRATAMENTO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para que pudéssemos investigar a materialidade lingüística presente no *corpus* da narrativa de Mario Jorge Lobo Zagallo, assim como nos depoimentos dos entrevistados, contamos com o aporte teórico da Análise do Discurso (AD) da Escola Francesa, posto que esta é uma teoria que ocupa um lugar privilegiado, pois trabalha as relações do sujeito com a língua, vista como forma de materialização do discurso e como via de acesso ao sujeito.

Na perspectiva de Orlandi (1997), a Escola Francesa de Análise do Discurso é aquela que não explica nem se propõe a tornar inteligível ou interpretar o sentido, mas que nos oportuniza a melhor compreender o processo de significação, o modo de funcionamento de qualquer exemplar de linguagem para significar. A relação que a AD estabelece com o texto não é para dele extrair um sentido, mas sim para problematizar essa relação, ou seja, para tornar cristalina sua historicidade e constatar a relação de sentidos que aí se instala, em função do efeito de unidade. Orlandi (2003) acrescenta que a AD, como seu próprio nome sugere, não trata da língua, não se ocupa com a gramática, embora todas as coisas lhe interessem. Ela trata do discurso, cujo termo, etimologicamente, tem a idéia de curso, percurso, de correr por, de movimento. O discurso é, pois, a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso

contempla-se o homem falando. A AD concebe a linguagem como mediação fundamental entre o homem, a realidade natural, social e sua história.

5.1 - Sobre a Análise do Discurso da Escola Francesa

De acordo com Ferreira (2002), a AD toma impulso na França no final dos anos 1960, tendo Michel Pêcheux como seu principal articulador. Neste mesmo período, a Europa, especialmente a França, vivencia o auge do estruturalismo, que conduz o verdadeiro paradigma de formatação do mundo, das idéias e das coisas para toda uma geração de intelectuais. Os defensores desse paradigma assistiram placidamente à constante e deliberada exclusão do sujeito, considerado como elemento suscetível de conturbar a análise do objeto científico. Entretanto, no final da década de 1960, na França, novas interrogações surgidas no âmbito das ciências humanas foram fundamentais para subverter o paradigma até então reinante e trazer o sujeito para o centro de um renovado cenário.

Tendo como marco inaugural o ano de 1969, com a publicação de Michel Pêcheux "*Análise Automática do Discurso*", a AD nasce, assim, na perspectiva política de uma intervenção, de uma atitude transformadora que visa combater o excessivo formalismo lingüístico vigente na época, considerado como uma facção de tipo burguês, e vai em busca desse sujeito até então descartado.

É ainda Ferreira (2002) quem ressalta que a AD francesa caracterizou-se, desde o seu início, por assumir uma

posição de ruptura com toda uma conjuntura política e epistemológica, e pela necessidade de articulação com outras áreas das ciências humanas, especialmente a lingüística, o materialismo histórico e a psicanálise. A cada prática de análise se coloca em pauta a natureza de determinadas questões teóricas e se reeditam seus limites, o que faz com que a AD tenha um estatuto diferenciado entre as demais disciplinas, estabelecendo com elas zonas de interface e de tensão constante.

Dentro de uma outra perspectiva, Van Dijk diz que a AD se desenvolveu durante a década de 1960 em função do crescente interesse pelo estudo de novas formas do uso da linguagem, de conversações e de textos, que vem substituindo a utilização do sistema abstrato de um idioma. Isto significa dizer que o estudo da gramática, independente do contexto, que num determinado período era proeminente, fica restrito a uma pequena área da lingüística. O autor destaca que não somente as demais áreas dessa disciplina, como também a maior parte das disciplinas inerentes às ciências sociais e humanas, se voltaram para os problemas fascinantes do texto e da conversação, em interação e cognição com o contexto social ou cultural. Dessa maneira, a utilização das estruturas sintáticas de frases isoladas se dilui diante dos novos procedimentos usados no trato da linguagem, texto, atos discursivos e conversações.

Essa invasão de fronteiras disciplinares em diferentes sentidos promoveu um interesse generalizado na linguagem em uso, isto é, na linguagem usada pelos lídimos usuários em situações sociais reais e em formas verdadeiras de interação, em um discurso que se processava naturalmente.

Numa explicação simplificada, Orlandi (2003) diz que a

AD busca a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, de que forma ele está impregnado de significância para e por sujeitos. Esse entendimento, por sua vez, implica em explicitar de que maneira o texto orchestra os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido, que, por sua vez, produzem novas práticas de leitura. Em síntese, o questionamento em AD não é realizado na direção do "que é isto?", mas sim de "qual o processo de produção disto?". Entretanto, lembra Orlandi que estamos sujeitos à linguagem, a seus equívocos e à sua opacidade. Que não há neutralidade nem mesmo no mais aparentemente elementar dos signos, e que, como somos sempre instados a interpretar, devemos ficar atentos para não cairmos na ilusão de que somos conscientes de tudo.

1 Texto/Discurso

De acordo com Orlandi (1997), para se pensar o discurso é preciso desvincular discurso de texto, porque, quando nos dedicamos à AD, na verdade não é o texto que analisamos.

O texto é visto, enquanto unidade de significação, como o lugar mais favorável para se observar o fenômeno de linguagem. O texto, como objeto empírico da AD, é o ponto de partida para que os significados aflorem, de forma estruturada, e se transformem num enunciado.

Já o discurso é uma construção do analista, sendo, portanto, um objeto teórico de caráter diverso, cuja construção depende das condições de produção:

O que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que este funcionamento não é integralmente lingüístico, uma vez que dele fazem

parte as condições de produção. (Orlandi, 1996, p.117)

Pêcheux (1988) acrescenta que o discurso não é apenas um texto, mas um conjunto de relações que se estabelecem antes e durante a produção desse texto, e também dos efeitos que são produzidos posteriormente à enunciação do mesmo. Ratifica que o texto é entendido como a materialidade lingüística através da qual se pode chegar ao discurso, é a relação da língua com a história.

Devemos ter em conta, também, que o discurso deve ser considerado como efeito de sentido, e não como um mero transmissor de informação. Isto implica na ruptura do modo como o esquema elementar de comunicação dispõe seus elementos definindo o que é mensagem, ou seja, emissor, receptor, código, referente e mensagem. Nesse processo serializado, alguém fala, refere alguma coisa, fundamentando-se num código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a.

Na verdade, a língua não é somente um código entre os demais, não existe essa dicotomia entre emissor e receptor, assim como não há uma ordem onde um fala e depois o outro decodifica. Eles estão simultaneamente realizando o processo de significação. Dessa forma, o que observamos é uma estreita e elaborada constituição de sujeitos e produção de sentidos, afetados pela língua e pela história.

2 Formação Discursiva

Recorremos novamente a Orlandi (2003) para aflorar os processos que alicerçam a linguagem e a produção do

discurso.

Quando pensamos discursivamente a linguagem, é difícil estabelecer os limites estritos entre o mesmo e o diferente. Por isso consideramos que todo funcionamento da linguagem se instala na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre alguma coisa que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa dessa forma um mergulho aos mesmos espaços do dizer, autoriza a produção de um mesmo sentido de várias formas, ou seja, dizer a mesma coisa de diferentes maneiras. Já a polissemia joga com o deslocamento, com o equívoco e com a ruptura de processos de significação. É nesse embate entre a paráfrase e a polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer, que os sujeitos e os sentidos se movem, fazem seus trajetos, significam.

Pêcheux (1990) atribui à Formação Discursiva (FD) a responsabilidade de estabelecer as relações entre os discursos e a sociedade na qual os sujeitos estão vinculados. Cada FD contém o que é possível de ser verbalizado e o que não é possível de ser dito nos discursos dos sujeitos inseridos nela. Uma FD é estruturada dentro de um interdiscurso, que é o lugar de onde o sujeito retira o que é possível e o que não é possível no seu discurso, de acordo com sua FD. Esse interdiscurso é uma espécie de arquivo onde o sujeito descobre um feixe de possibilidades para o seu dizer, e estes podem confundir-se com possibilidades de dizer de outras FDs, gerando assim novos sentidos. As FDs estão submetidas às Formações Ideológicas, que correspondem a um conjunto de atitudes, valores e preceitos que, por sua vez, são regidos pela

ideologia, de acordo com as posições de classe ocupadas. Segundo Orlandi (1996), dentro do conceito de interdiscurso se faz necessária a compreensão da noção de Memória Discursiva, pois é através da Memória que o sujeito busca no seu interdiscurso as palavras do outro, aquelas já proferidas.

3 Incompletude

A incompletude é um princípio basilar da linguagem e do discurso. Referindo-se a algo real ou não, o discurso será sempre incompleto. De uma forma mais objetiva, Maingueneau (1997) esclarece que nunca se pode dizer tudo sobre um determinado objeto, pois sempre há espaços para enunciar.

Na opinião de Orlandi (2003), "A condição de linguagem é a incompletude, nem sujeitos, nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente" (p.52).

As duas noções que definem a incompletude são a intertextualidade e o implícito. A intertextualidade é a interação de um texto com outros textos, e o implícito é o que não está dito e também está significando. Dessa forma, existe sempre algo implícito no texto que não se diz, como outros sentidos que estão além dele.

4 Limitações do Método

Segundo Pêcheux (1990), ninguém tem a capacidade de pensar no lugar de quem quer que seja. Para tal é necessário dar suporte ao que venha a ser pensado, ou seja,

há a necessidade de ousar, pensando por si mesmo. Esse autor diz ainda que todo enunciado é intrinsecamente passível de se transformar em outro, diferente de si mesmo, se mover discursivamente de seu significado para dar origem a outro.

Portanto, a AD é uma disciplina interpretativa que reconhece os limites da interpretação e, sendo assim, dilui seu aspecto linear, isto é, busca atuar nos bordos da interpretação. Por isso, propõe-se a não interpretar, mas sim compreender os processos de significação que dão sustentação à interpretação e que mostram seus contornos instáveis. Portanto, o tratamento e análise da narrativa de Mario Jorge Lobo Zagallo, assim como dos depoimentos dos entrevistados, têm o mesmo procedimento, ou seja, se ocupam com o modo de funcionamento da linguagem para significar, e não com a interpretação direta do enunciado.

5.2 - Compreensão dos Sentidos Contidos na Narrativa de Mario Jorge Lobo Zagallo e nos Depoimentos dos Entrevistados

De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004), na AD o sentido dos enunciados não depende exclusivamente do que é codificado pela língua, mas, igualmente e constitutivamente, do saber que possuem os interlocutores de um ato de linguagem:

Saber que investem na mensagem tanto para produzi-la quanto para interpretá-la, saber que é parte comum desse investimento e que permite que haja

intercompreensão. Defenderemos, portanto, que, de maneira geral, o saber partilhado é necessário à produção-interpretação de todo ato de linguagem.
(p.123)

De fato, independente do manancial midiático inesgotável e de encontros eventuais no campo profissional, o partilhamento de conhecimentos manifestos nesses últimos tempos, que Maingueneau chama de "ambiente cognitivo mútuo", foi determinante para que pudéssemos, com convicção, agregar novos valores ao contrato de fala estabelecido com Zagallo.

Contrato de comunicação ou contrato de fala é um conjunto das condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação (monolocutiva ou interlocutiva, escrita ou oral). É o que permite aos parceiros de uma troca linguageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato, reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade), entenderem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (propósito) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato. (Charaudeau e Maingueneau, 2004, p.132)

Como consequência, constatamos que Mario Jorge Lobo Zagallo se inscreve no objeto empírico do discurso, manifestando a sua voz através de diferentes posições de um sujeito determinado ideologicamente por formações discursivas que o precedem, dentro das quais se constituem os sentidos e seus efeitos.

Sendo assim, após um exaustivo processo de de-superficialização, propusemos, através do dispositivo analítico escolhido, um recorte no texto que aponta para temas centrais como: **A)** O homem Mario Jorge Lobo Zagallo; **B)** O jogador de futebol; **C)** O treinador/coordenador-técnico; e **D)** O *Homo religiosus* (Anexo III).

Em que consiste esse processo de de-superficialização? Justamente na análise do que chamamos materialidade lingüística: o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias etc. Isto é, naquilo que se mostra em sua sintaxe e enquanto processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz) fornecendo-nos pistas para compreendermos o modo como o discurso que pesquisamos se textualiza. (Orlandi, 2003, p.65)

A) O homem Mario Jorge Lobo Zagallo

*** Humildade, gratidão e outros atributos**

"Depois de ter sido vencedor como jogador e como técnico, em 1994 foi campeão como supervisor. Dessa forma, nós temos que aplaudir, reverenciar e fazer com que ele seja um exemplo para todas as gerações. Além disso, é um homem digno, com uma personalidade marcante e um caráter quase impossível de ser superado, eu posso confirmar. Digo mais: não acredito que possam encontrar, dentro do mundo do futebol, uma pessoa com tantas qualidades como o Zagallo. Por isso eu o aplaudo." (João Havellange)

"Além disso, é um sujeito corretíssimo, honesto toda vida, e excepcional amigo e companheiro. O sucesso dele também passa por aí." (Gerson de Oliveira Nunes)

A solidez lapidar das palavras do atual presidente de honra da FIFA, que comandou a entidade mais poderosa do futebol durante 24 anos, e a convicção testemunhal do tricampeão do mundo nos deram a certeza de que, ao atravessarmos a superfície discursiva, iríamos encontrar os atributos constitutivos de um homem com a magnitude do

Zagallo.

Nesse sentido, apesar de falar da posição de um dos mais vitoriosos desportistas do universo do futebol, e de ter a noção da relação de forças que tem o seu discurso, Zagallo demonstra uma profunda humildade diante do saber acadêmico ao iniciar a sua narrativa, cujo foco é a Faculdade do Desporto da Universidade do Porto: *"Para mim é uma satisfação muito grande estar aí com todos vocês"*.

Essa marca lingüística também é referendada por outras vozes:

"O Zagallo acabou se projetando no futebol por todas essas virtudes técnicas e morais, mas das morais, das grandes virtudes que distinguem a pessoa humana, a que mais exalta a figura do Zagallo é a humildade. O Zagallo sempre foi uma pessoa extremamente humilde. Eu me lembro que, voltando de um dos mundiais - e isso, você, Jayme, talvez possa pesquisar melhor, porque talvez tenha sido depois de 1962 - ele, no Botafogo, rerepresentou-se ao Clube, e lá tomou conhecimento de que o Botafogo, naquele final de semana, estava disputando um título, uma final, na categoria de aspirantes, que era o andar de baixo do time profissional, na época dos anos 50. Ao saber que o técnico Paulo Amaral estava com dificuldades na ponta-esquerda, já que o titular, que era o Amarildo, estava machucado, o Zagallo procurou o Paulo Amaral e disse: 'Olha, se você está precisando de um ponta-esquerda para essa partida, pode contar comigo.' E o que aconteceu? O campeão do mundo Zagallo entrou em campo à uma hora da tarde, sob o sol abrasador do Maracanã, não para jogar para uma platéia de Maracanã cheio na primeira divisão do futebol brasileiro, mas para jogar uma partida na categoria inferior, como se tivesse começando a sua carreira, o que prova que ele não deixou que a fama subisse à cabeça. Ele humildemente entrou na ponta-esquerda e se sagrou campeão aspirante pelo Botafogo." (Armando Nogueira).

O jornalista e escritor Armando Nogueira, com dúvidas na linha de tempo de sua memória discursiva, solicita a

participação do autor deste trabalho, que o faz através das palavras do próprio Zagallo, que narra o seu retorno aos campos de futebol após um longo período de inatividade:

"Quando eu voltei, o Paulo Amaral era o técnico dos aspirantes do Botafogo e eu pedi a ele para jogar nos aspirantes. Eu fui campeão de aspirantes depois de ter sido campeão do mundo.[...] Depois eu voltei aos profissionais e fui campeão pelo Botafogo em 1961".

A licença poética usada pelo jornalista e escritor Armando Nogueira ao se referir a um episódio sem ter a certeza quanto à data e ao real acontecimento não desqualifica o despojamento total de vaidades demonstrado por Zagallo ao jogar pela equipe de reservas, na tentativa de se recuperar de uma grave lesão no joelho, ocorrida contra seu ex-clubes, o Flamengo, numa partida pelo Campeonato Carioca logo após a Copa do Mundo de 1958, quando se sagrou campeão mundial pela primeira vez.

Essa virtude também se evidencia nas palavras do chefe da equipe médica da Confederação Brasileira de Futebol, ao ser indagado sobre os fatores que contribuíram para o sucesso profissional de Zagallo:

"[...] o fator número um, indiscutivelmente, é a humildade que ele tem. É extremamente capaz, mas com uma humildade muito grande que faz com que as pessoas que trabalham em volta dele sintam-se bem[...]." (José Luis Runco)

Ao retomarmos o texto, identificamos que a humildade de Zagallo diante do saber acadêmico é decorrente de um conflito interno entre o seu empirismo bem-sucedido e a importância do conhecimento científico, que ele não detém, mas sabe que é fundamental e inerente à sua profissão. Mesmo sendo um grande vencedor, não teve formação superior

ou qualquer curso específico:

"Nunca frequentou escolas ou cursos, aprendeu tudo sozinho, pela intuição. Ele é o maior autodidata da história do futebol". (Carlos Alberto Parreira)

Mas reconhece que o conhecimento e experiência se complementam:

"Agora, claro que a minha base de estudos, de ter feito o primário, o segundo grau e o curso técnico de contabilidade me proporcionaram maior segurança para dirigir a palavra aos jogadores, o que é importante no comando."

De uma forma implícita, se ressentido e se justifica pelo fato de não ter se preparado especificamente, apesar de ter chegado onde chegou:

"Quando eu comecei no Botafogo, tanto o professor Admildo Chirol quanto o professor Ernesto Santos queriam que eu fizesse o curso de Educação Física, tal era a facilidade que eu tinha para analisar um jogo de futebol."

Orlandi (2003) chama a atenção para o fato de que "ao longo do dizer há toda uma margem de não-ditos que também significam [...] consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário" (p.82).

Sendo assim, ao se respaldar nos conceituados professores, membros da comissão técnica da Seleção Brasileira, sobretudo do mestre Ernesto Santos, professor catedrático da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro, considerado o maior teórico do futebol brasileiro à época, Zagallo dá sinais de evidência, mas se omite ao não dizer que gostaria de ter curso superior ou de ser considerado como professor. Ratifica esse sentido ao se reportar às palavras do falecido amigo

de todas as horas e de quase todas as conquistas:

"O Chirol, meu velho companheiro do Botafogo e da Seleção Brasileira, dizia que eu era um professor sem saber que era um professor".

Essa cristalina humildade não poderia vir desacompanhada de uma gratidão quase franciscana para com aqueles que, de alguma forma, foram importantes e contribuíram para a sua vitoriosa trajetória de vida:

"[...] meus pais não queriam que eu fosse profissional. [...] O meu irmão é que interferiu e conversou com o diretor do Flamengo, que veio pedir para eu disputar o campeonato por eles [Flamengo]. Meus pais acabaram cedendo."

Mais uma vez Zagallo desvela o não-dizer ao agradecer, implicitamente, ao seu irmão Fernando Henrique por ter mudado o curso de sua vida ao quebrar a resistência de seus pais, que não queriam que ele fosse um jogador de futebol, pois achavam que o jogador de futebol não era bem visto socialmente.

Num outro episódio, que fatalmente poderia ter alterado a sua vida e a de todos do seu entorno, Zagallo, através de diferentes manifestações simbólicas, expõe sua grandeza interior. Ele inicia o relato da grave lesão sofrida durante um jogo, e sua penosa recuperação, com o rosto transfigurado, com um tom de voz baixo, pausado, e a mão sobre a enorme cicatriz do joelho esquerdo:

"Aí, foi a minha luta. E o que me deu ânimo, me deu força? Foi a minha mulher e meus filhos, foi a minha família."

Ao se expressar de forma interrogativa, chamando o interlocutor para dentro do discurso, estabelece uma

conexão argumentativa que evidencia a necessidade de dar continuidade e extravasar a sua fala de maneira dialógica, que Volochinov (1981) define como sendo uma fala que se opõe à característica monológica do discurso.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p.115), os conectores argumentativos "fazem a ligação das proposições e constituem a força, a alma e a vida do discurso". A relação causa-conseqüência se deixa facilmente reformular em termos de argumento-conclusão.

Nesse sentido, Zagallo evidencia a presença necessária de paciência, carinho, compreensão, e da conjunção de forças da família nessa duvidosa jornada de recuperação física, numa época em que os procedimentos nesse campo eram incipientes, haja vista que fazia a recuperação muscular na sala de sua própria casa:

"Fiquei três meses em casa botando um quilo de açúcar, depois passei para dois, aí tinha uma sapata que botei três quilos, quatro, cinco... as lágrimas corriam. Eu só parava para almoçar e jantar."

Esse intimismo e cumplicidade familiares deram a Zagallo motivação e determinação suficientes para continuar a luta para o retorno aos campos de futebol. Entretanto, ao longo desse caminho, várias foram as incertezas quanto ao seu total restabelecimento, pois tomou conhecimento de alguns comentários preocupantes, após a retirada do gesso que imobilizava sua perna:

"Aí, eles falaram que eu estava inutilizado para o futebol. Bateu no meu ouvido."

Ao colocar a mão sobre a incisão do joelho operado, a memória discursiva aflora a filiação de sentidos contida nesse gesto.

No entendimento de Orlandi (2003), a filiação de sentidos remete a memórias e circunstâncias que revelam que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que elas são produzidas e que não dependem só das intenções dos sujeitos. "Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer do texto também fazem parte dele" (p.30).

Por trás de um ato cirúrgico surgem possíveis desdobramentos como a inutilização para o futebol, a interrupção prematura da carreira e, conseqüentemente, a impossibilidade ou a dificuldade para sustentar a família. Todos esses temores são denotados quando diz:

"Agora, você veja só! Eu, casado, com dois filhos, a minha vida inteira ali..."

Mais uma vez, de forma dialógica, Zagallo sinaliza que tudo que ele tinha construído até aquele momento poderia se perder nessa incerta espera. Portanto, a gratidão de Zagallo à sua família é para lá de justificada.

Num outro momento, Zagallo explicita o seu agradecimento àquele que ensinou os importantes primeiros passos na transição do jogador para o treinador. Aquele que, apesar de ser empírico como ele, tinha a sabedoria da vivência prática:

"Quando eu comecei no juvenil, o Neca, o falecido Neca, falava; 'Zagallo, você tem que ser mais duro!' Então, o Neca foi para mim o meu modelo. E o Neca não foi nenhum treinador de time principal. Ele dirigia a escolinha e o infanto-juvenil. Então, ele me acompanhou, ele acompanhou a minha carreira, e eu

devo muito ao Neca por ter chegado onde cheguei."

Mesmo com a carreira de treinador consolidada pela conquista de um tricampeonato mundial, não deixou que a fama lhe subisse à cabeça, como já dissera Armando Nogueira. Reconhece o mérito e se revela grato aos integrantes da comissão técnica que contribuíram para o seu êxito:

"Gostaria de destacar que, além da qualidade técnica dos jogadores, nós fizemos um bom trabalho de preparação física através dos professores Admildo Chirol, Carlos Alberto Parreira e Lamartine Pereira da Costa, que elaboraram os treinamentos em altitude, uma vez que os jogos seriam realizados no México. Por causa dessa preparação, o time jogou com sobras orgânicas[...] Então, foi um trabalho científico, de conjunto, entre toda a equipe técnica, que conquistou a Copa de 1970."

Finalmente, o inevitável choro emocionado de gratidão e de incontáveis outros recíprocos sentidos aconteceu diante do atleta do século, por tudo que passaram em outras copas, pela amizade de longa data e também pela atuação decisiva, sobretudo na final da Copa de 1970, no jogo contra a Itália, quando o Brasil venceu por 4x1.

"Nessa Copa teve um momento que me emocionou muito. Quando acabou o jogo contra a Itália, eu fui um dos últimos a sair do campo. Quando entrei no vestiário, logo divisei o Pelé sentado ao lado do Brito; bebia água de uma bolsa térmica. Bati no seu ombro. O Negão, que não tinha me visto, continuou a beber água, talvez imaginando que fosse algum chato atrás de autógrafo. Então, o Brito avisou ao Pelé: 'É o Zagallo, Negão'. Virando-se rapidamente para mim, o Negão estendeu os braços, deu-me um abraço apertado e desandou a chorar. Permanecemos abraçados. Eu também não resisti e chorei. Chorei pela primeira vez após ter acariciado a taça. Ainda chorei mais quando o Pelé, entre soluços, me disse uma frase que

***foi o meu maior prêmio pela conquista do tri:
'Zagallo,era preciso estarmos novamente juntos para
conquistar esse tri. Só você mesmo'."***

O patrimônio ético e moral do homem Zagallo vai muito além daquilo que já registramos. A modéstia de sua fala mascara a existência de outras marcas lingüísticas existentes no *corpus*. Mas a função do analista, fundamentado principalmente na sistemática relação interpessoal e referendado por abordagens exógenas ao discurso, é identificar novas pistas reveladoras de uma modelar retidão de conduta ao longo de sua vida.

"Eu, dentro da minha honestidade, acreditei e assinei. Quando acabou o contrato, disseram para mim: 'Você é do Clube, você está preso ao Clube. Já que vocês não acataram aquilo que eu falei, [...] estou retornando, não quero mais saber de futebol, obrigado, vou trabalhar com o meu pai."

Certo de que seus conceitos de integridade moral e honestidade eram suficientes para legitimar um contrato de trabalho entre ele e o Flamengo, Zagallo se decepciona com o logro e com o descumprimento da palavra por parte dos dirigentes do Clube. Sua indignação é tão significativa que assume uma atitude extrema de abandonar o futebol, mesmo que deixe de fazer aquilo que mais gosta e interrompa uma carreira promissora. Para Zagallo, a honra investida na palavra dada é mais importante do que o registrado por escrito: ***"Já que vocês não acataram aquilo que eu falei"***. Ao dizer que está *retornando*, metaforiza a própria casa, evidenciando uma grande desilusão com os valores morais diferentes daqueles aprendidos no seio familiar.

Pelos conceitos da época, o jogador profissional de futebol era tido como uma pessoa desqualificada, de baixo

nível social e cultural.

"[...] meus pais não queriam que eu fosse um profissional. [...] eles não gostavam, porque o jogador de futebol não era bem visto na sociedade [...]."

Vinculado aos preceitos familiares, e por estar namorando uma jovem de classe média alta, que viria a ser sua esposa, Zagallo omitiu que era jogador do Flamengo. Entretanto, facetas do destino à parte, Zagallo foi identificado por um concunhado, que era exímio conhecedor dos jogadores do Flamengo, no momento em que se preparava para entrar no cinema com Alcina:

"'Escuta! Você está namorando um jogador de futebol, é o Zagallo.' [...] Aí, foi um horror. Pai, mãe, tio... todos contra."

Em que pese não ter tido nenhuma reação na hora do episódio, mais tarde Zagallo tentaria resolver o mal entendido:

"'Você joga?' Eu digo: 'De fato, eu joga. Eu joga, mas estou com você há seis meses, e você sabe quem eu sou'."

Essa auto-afirmação, apesar do pecadilho de ter faltado com a verdade simplesmente porque seus valores afetivos estavam acima da razão, identificam um Zagallo consciente de seus atributos pessoais. **Quem eu sou** significa ser, para si próprio, uma pessoa íntegra, respeitadora, educada, inteligente e de caráter. Tudo que aquela relação exigia e que o jogador de futebol, na conceituação da época, não tinha.

O chefe da equipe médica da Confederação Brasileira de Futebol, de forma enfática, explicita suas observações

pessoais quanto às virtudes necessárias de um homem vencedor como Zagallo.

"[...] eu não poderia deixar de destacar o seu caráter, a sua decência [...] valores éticos e morais [...]. É uma pessoa que tem todas as características favoráveis, por isso é visto como o único ser humano do mundo que conseguiu participar e ganhar quatro Copas do Mundo." (José Luiz Runco)

E Arnaldo César Coelho:

"A impressão que ele me deu, tanto na beira do campo quanto na vida particular, é que ele é uma pessoa muito comedida e econômica na forma de usar as palavras, além de ter uma maneira muito disciplinada de agir, daí o seu sucesso."

De acordo com Orlandi (1997), os sentidos não têm donos e migram para outros objetos simbólicos: "Essa errância dos sentidos tem aí o sentido positivo e produtivo de não se deixar aprisionar para não perder a qualidade daquilo que define mais fundamente o discurso, isto é, o seu caráter de 'movimento'" (p.140). Partindo dessa observação, podemos conferir à adjetivação acima utilizada os mesmos significados imputados anteriormente a Zagallo. O comedimento e economia nas palavras representam um procedimento ético e decente de se dirigir ao outro, seja no difícil exercício de suas atividades profissionais, onde as tensões são extremamente indutoras para que se tenha um comportamento não ortodoxo, ou fora dele. A disciplina nas ações pessoais é inerente ao seu caráter.

"Pelos inúmeras qualidades que tem, é um homem que dificilmente poderá ser repetido. Ficará para mim como um exemplo único dentro do futebol brasileiro." (João Havellange)

Pela profunda admiração que tem por Zagallo, o Dr. Havellange, ao repetir no mesmo texto as marcas lingüísticas **qualidade** e **exemplo**, aflora uma ilusão referencial que nos induz a refletir que somente dessa forma podemos dizer aquilo que achamos e nem sempre temos consciência disso.

Orlandi (2003) esclarece que

Ilusão referencial nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. (p.35)

Na difícil tarefa de compreender os sentidos contidos nas palavras do Dr. Havellange, entendemos também que ele, através de sua fala e do afeto demonstrado por Zagallo, referenda qualquer adjetivação que qualifique positivamente o homem Zagallo.

*** A determinação de um vencedor**

"Ele é um vencedor nato, aquele sujeito que nasceu para conquistar, e o faz sem nenhum gesto de orgulho, vaidade e heroísmo." (Carlos Alberto Parreira)

As palavras de Parreira assentam como uma luva na trajetória vitoriosa de Zagallo, onde a determinação em busca de seus objetivos atravessa toda a sua história.

"Nessa situação toda aí, o interessante é que eu comecei jogando pingue-pongue. Me diziam que eu pegava na raquete de forma errada. No futebol eu era

canhoto, mas no pingue-pongue eu jogava com a mão direita. Eu saí da quinta mesa do colégio, que era a última, para a primeira, e acabei sendo campeão do colégio. Ganhei medalhas e fui convidado a ir para o América [...]. Eu fui federado no pingue-pongue. Num ano eu disputei a terceira, a segunda e a primeira divisões. Naquela época existiam três irmãos, [...] Ivan, Wilson e Dagoberto. Eles eram os melhores, eles dominavam o pingue-pongue. Já no final do período escolar, eu estava ganhando deles."

Essa revelação fora do contexto do futebol tem a sua historicidade. Segundo Orlandi (2003),

Fatos vividos reclamam sentidos, e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação. De seu lado, o analista encontra no texto as pistas dos gestos de interpretação, que se tecem na historicidade. (p.68)

Desde cedo Zagallo se mostra um perfeccionista e obstinado na busca de seus objetivos, sejam eles quais forem. Ao registrar a observação feita pelos amigos, de que pegava na raquete de forma errada, acentua uma preocupação em fazer o correto. E assim o fez. Sua determinação em superar seus adversários e suas próprias deficiências se concretizam quando afirma que passou da última mesa para a primeira, assim como a vitória sobre os irmãos Ivan, Wilson e Dagoberto, que provavelmente não seriam lembrados se não tivessem sido um obstáculo a ser transposto por ele.

"Eu sempre pensei no melhor, eu sempre pensei à frente. Naquela época eu tinha 17 anos [...] disse para mim mesmo: 'Vou sair da meia-esquerda, porque na meia a competição é muito grande e para mim não vai dar. Eu vou jogar pela ponta-esquerda.' E fui para a ponta-esquerda".

Ainda jogador juvenil do América Futebol Clube, tomou

uma decisão em função da sua determinação de ser jogador profissional de futebol. Ao dizer para si próprio que iria para a ponta-esquerda, porque na meia a competição era muito grande, admitia que havia jogadores melhores que ele. Somente a sua determinação e persistência poderiam ajudá-lo.

"Além disso, ele sempre demonstrou, ao longo do tempo, determinação, obstinação e uma convicção muito forte nas coisas que planejou." (Bernardo Rocha Resende)

"Sempre foi um lutador pelos seus projetos e objetivos. Eu acho que, inegavelmente, o grande suporte desse sucesso dele foi, no meu modo de ver, o grande espírito de luta que ele tem para atingir seus objetivos." (Ricardo Teixeira).

Convicção, obstinação, espírito de luta, lutador, são traços identificadores de uma férrea determinação.

"Mesmo sendo pequeno e magrinho, era de uma vontade única, um verdadeiro trator." (João Havellange)

A hipérbole usada pelo Dr. Havellange dá a devida dimensão da ânsia de superação e dedicação de Zagallo. Segundo Charaudeau e Mainqueneau (2004), hipérbole, do grego *hyperbolê*, significa excesso: "o termo aplica-se de fato a qualquer formulação excessiva em relação ao que se pode supor a respeito da intenção comunicativa real do locutor" (p.262).

Como contraponto, pela mesma obstinação com que se entregava ao jogo, atacando e defendendo de maneira incansável numa época em que os atacantes só se preocupavam em atacar, ganhou do jornalista Geraldo José de Almeida o apelido de *Formiguinha*, que simboliza uma figura

aparentemente frágil mas com uma paciente capacidade de trabalho.

Até mesmo diante da adversidade, quando esteve à beira da inutilização para o futebol, mostrou a sua obstinação e capacidade de superação numa época em que as condições para uma recuperação pós-cirúrgica eram incipientes.

"Eu fiquei assim durante três meses na minha casa. Depois eu fui para o Clube. Aí, o Paulo Amaral me fazia subir e descer as arquibancadas [...]. Eu saltava barreiras, tudo que era possível. [...] E o tempo passando, né? Aí, deu quatro meses, cinco meses, fui para a beira da piscina, da praia, para fazer flexão dentro d'água. Era a minha superação."

Nem o tempo, as dores e o cansaço foram obstáculos para o retorno de Zagallo aos campos de futebol.

O treinador Carlos Alberto Parreira, numa visão mais poética, justifica que essa determinação do Zagallo tem uma razão de ser:

"Zagallo é exatamente isso, ele vive, respira e transpira futebol há 50 anos. Então, é uma paixão. Hoje, aos 72 anos de idade, ele chega aqui na sede da CBF e conversa conosco com o mesmo entusiasmo, com a mesma paixão que tinha há 30 ou 40 anos atrás. Esse amor e paixão pelo futebol fizeram dele a pessoa determinada que é até hoje."

O jornalista Sergio Noronha e o treinador da Seleção Masculina de Vôlei do Brasil fazem coro com Parreira:

"[...] o Zagallo é um homem absolutamente apaixonado pelo futebol. Ele adora aquilo que faz, adora não só o seu trabalho como o trabalho alheio." (Sergio Noronha)

"E, para que tudo desse certo na carreira do Zagallo, que é um super, hiper vitorioso, existiu o elemento paixão. Eu acredito que o talento, somado à

dedicação, envolvidos pela paixão, seja a equação que define bem o sucesso de um elemento como o Zagallo na história, não somente do futebol, como na história do esporte brasileiro." (Bernardo Rocha de Resende)

A determinação pessoal e o passionalismo pelo futebol demonstrados por Zagallo têm suas imbricações com um latente sentimento nacionalista revelado antes de iniciar a sua vida como profissional de futebol: **"O meu pensamento sempre foi verde e amarelo"**. Mesmo sem saber de suas reais possibilidades no futebol, dentro do seu imaginário já se projetava servindo ao seu país vestindo a camisa da Seleção Brasileira. **"Foi aí que eu tive uma visão."** Por isso, também, resolveu jogar em outra posição, em atendimento à sua patriótica imaginação.

Já profissional consagrado, daria mais uma demonstração de seu patriotismo ao reclamar com um funcionário do hotel onde os jogadores estavam hospedados, em Hindas, próximo a Gottemburgo, cidade sede do grupo do Brasil na Copa do Mundo de 1958, por não ver hasteada a bandeira do seu país junto com as demais:

"Nosso hotel ficava em Hindas, uma cidadezinha que não tinha nada. Na porta do hotel tinha uns mastros com as bandeiras dos países participantes. Nós olhamos para lá e não vimos a bandeira brasileira. Ninguém falava inglês, nem sueco, e na base da mímica falamos que a bandeira do Brasil não estava lá. Ele entendeu o que estávamos falando e, através de gestos, falou que tinha hasteado a bandeira do Brasil. Nos levou para fora e apontou para a bandeira de Portugal. Aí eu disse que nós estávamos orgulhosos de ver a bandeira portuguesa tremulando no m astro, mas era o Brasil, que ia participar da Copa, e a sua bandeira não estava ali, houve um equívoco.[...] Entrou novamente e trouxe a bandeira do Brasil."

Apesar das dificuldades de comunicação oral, Zagallo se fez entender por sinais para pontificar o seu ufanismo.

"Zagallo é um patriota, e eu admiro os patriotas. Patriota é aquele que leva seu país adiante. O Zagallo sempre fez o que pôde para levar o Brasil adiante. Ele mostra isso, não esconde de ninguém que é patriota. Ele se ufana, ele fala com coragem o que pensa." (Sergio Noronha)

As palavras de Noronha, além de ratificarem aquilo que compreendermos dos sentidos contidos na fala de Zagallo, têm o peso de um vaticínio, quando dizem que o Zagallo faz tudo para levar o Brasil para frente. De fato, ao retornar à comissão técnica da Seleção Brasileira de Futebol, com vistas à Copa do Mundo de 2006, Zagallo diz:

"A causa do meu retorno ao futebol é porque a minha vida está muito ligada à Seleção Brasileira, por tudo aquilo que eu participei, as conquistas, que, aliás, ninguém ganha sozinho".

Mesmo já tendo feito mundialmente sua despedida do futebol em novembro de 2002, o prazer de voltar a servir à pátria falou mais alto que a intenção prematura de se afastar do futebol.

"[...] o Dr. Ricardo Teixeira convidou-me para ser o coordenador técnico da Seleção Brasileira, e como a minha vida está muito entrelaçada com o verde e o amarelo, eu achei que era um convite honroso, na minha idade, retornar à Seleção Brasileira."

"Desde que voltou à Seleção Brasileira, nas entrevistas que concede ele sempre fala na 'amarelinha', se referindo à camisa da Seleção, e diz: 'Nós vamos ser campeões', ou simplesmente: 'Vamos ao hexa'." (José Luiz Runco)

*** A referência familiar**

Se rebuscarmos alguns preceitos nas áreas da Pedagogia, Sociologia ou Psicologia, poderemos encontrar determinados conceitos que digam que a construção do ser humano, dentro dos valores éticos, morais e sociais vigentes, se alicerça fundamentalmente dentro da instituição familiar, e que a família é o fio condutor que orienta a formação de bons hábitos e atitudes para a vida.

Não precisamos ir muito adiante. Blanck e Rubin (1983) dizem que

O homem vive nas gerações passadas, bem como na sua própria. E assim, surge uma rede de identificações e de formações ideais que é de grande significação para as formas e modos de adaptação. (p.37)

A psicóloga Rosana Glat (1989) afirma que as relações do homem com a sociedade global não se estabelecem diretamente enquanto unidade isolada, e sim por intermédio da mediação do seu contexto social próximo: os grupos restritos ou primários aos quais ele pertence.

Vilhena (1991) complementa dizendo que "A família favorece um engajamento social que cria para o indivíduo uma espécie de ordem na qual sua vida adquire um sentido, constituindo-o como sujeito" (p.11).

Nessa mesma linha de pensamento, Passos (2001) sugere que "A identidade vai se formando a partir da associação do potencial genético/orgânico, percepção, cultura apreendidos nas identificações e adaptações produzidas pela vivência em família" (p.67).

A hierarquia, o respeito, a história e os afetos

existentes na família são evidenciados por Zagallo quando inicia o relato de sua saga:

"É, eu sou alagoano, nascido em Maceió em 9 de agosto de 1931. Pai, mãe e irmão alagoanos, sendo que eu vim para o Rio de Janeiro com oito meses. Mas, antecedendo esses oito meses, eu gostaria de falar que meu pai foi jogador do CRB (Clube de Regatas Brasil), que é um clube que pertence a Maceió até hoje".

A memória discursiva de Zagallo remete a um período anterior ao seu tempo de vida. Sua assertiva se fundamenta num interdiscurso que foi se constituindo ao longo da história e foi produzindo dizeres.

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido, é preciso que elas façam sentido. (Orlandi, 2004, p.33)

Portanto, ao interromper a narrativa de sua própria história de vida para reatualizar os episódios que lhe foram repassados sobre seu pai, Zagallo demonstra satisfação e prazer em se reportar a ele, por ver nele uma figura modelar:

"Ele estudou na Inglaterra, foi capitão da equipe do colégio onde estudou, o que não é pouco. Ele sempre falou que ser capitão do time num colégio estrangeiro era muita coisa."

Zagallo se refere ao pai de forma envaidecida e enfática, quando diz que ser capitão da equipe não é pouco, pelo contrário, é muita coisa.

"O meu tio, irmão da minha mãe, tinha sociedade numa fábrica de tecidos com a família Peixoto. Então, ele era o doutor Mario Lobo. [...] O papai veio como representante dessa fábrica de tecidos e toalhas

para o Rio de Janeiro".

Mais uma vez, realça a importância do *status* familiar ao fazer questão de dar ênfase ao título de doutor do seu tio Mario. Nesse sentido, a qualificação dos membros da família é motivo de orgulho,

"[...] meu pai acabou entrando como sócio do América Futebol Clube. Depois passou a sócio benemérito e chegou até a contribuir para a colocação dos refletores no campo de futebol, que fica na rua Campos Salles."

assim como o fato de seu pai ter ascendido socialmente no Clube e de ter colaborado para a colocação dos refletores no estádio de futebol.

De forma implícita, Zagallo atribui o seu início no futebol organizado ao próprio pai, pois só teve acesso ao Clube porque o seu pai era sócio. Destaca também a lisura do pai em pagar as mensalidades do Clube, para que ele pudesse jogar sem dever favores a ninguém:

"O meu pai gostava muito de futebol, e, como era sócio do América, ia ver todos os jogos. Aí eu comecei a jogar minhas peladas na rua, e depois fui para o América. [...] Eu era sócio contribuinte, meu pai pagava, evidente. Então, até digo que eu era um jogador que pagava para jogar, porque eu não recebia um tostão, nem em 1949, nem em 1950."

Por mais paradoxal que pareça, os sólidos fundamentos familiares, que até então tinham sido para Zagallo um modelo a ser seguido, se transformaram num conflito interno. Enquanto jogava futebol como amador, não tinha nenhum problema. Mas, ao atingir a idade limite para jogar como amador, teve que se definir:

"[...] meus pais não queriam que eu fosse

profissional. [...] Não que eles não gostassem; eles gostavam de futebol, eles freqüentavam o dia-a-dia do Clube."

Esse episódio viria a ser solucionado internamente, tornando claro que as questões pertinentes à família são resolvidas de maneira conjunta e sensata:

"O meu irmão é que interferiu. Eu tinha um irmão mais velho. Já morreram meu pai, minha mãe e meu irmão, estou eu só, vivo. Na família, éramos quatro: papai, Haroldo Cardoso Zagallo, minha mamãe, Maria Antonieta Lobo Zagallo, e meu irmão, Fernando Henrique."

O sentido familiar instintivo revelado por Zagallo tem uma seqüência lógica. Através de uma **incisa**, remete ao passado para evidenciar a ausência e a falta que os pais e o irmão mais velho fazem. Momentaneamente, mostra um profundo sentimento de perda e de isolamento: **"estou eu só, vivo"**. Os diminutivos referentes aos pais sinalizam os afagos e carinhos vividos na infância.

A presença do pai, denotando um regime patriarcal, se verifica em todos os momentos decisivos da vida do Zagallo, seja numa relação profissional ou afetiva. Exemplos disso são encontrados nos seguintes recortes:

"[...] não quero mais saber de futebol, obrigado, vou trabalhar com meu pai."

" Eu disse que trabalhava com meu pai."

"No dia seguinte eu estava livre, quer dizer, meu pai depositou 30 mil réis. Eu estava livre."

Os valores construídos pelo clã Zagallo tiveram, de alguma forma, influência na constituição de sua própria família. Em defesa e respeito à sua mulher e filhos, tomou

decisões que identificam um Zagallo altruísta e guardião dos afetos, em detrimento dos valores materiais:

"Quis vender o meu passe para o Flamengo porque nasceu a minha filha, em 1956, e minha mulher, logo a seguir, teve gêmeos. Eu estava sem dinheiro naquela época para bancar os gêmeos, sendo que um deles morreu, ficando apenas o que é treinador, o Paulo Jorge."

A preocupação com a perda do filho e a necessidade de suprir as necessidades imediatas decorrentes da gestação da mulher fizeram com que a decisão contratual com o Flamengo ficasse num plano inferior.

"Aí, veio a Portuguesa me oferecendo 3 milhões, apareceu o Palmeiras me oferecendo 5 milhões, e eu acabei aceitando ir para o Botafogo por 3 milhões. Por quê? Porque o Botafogo era um time bom, além disso minha mulher era professora, ela ia perder toda a escolaridade porque não ia poder fazer a transferência dela para São Paulo, então ia ser um desacerto muito grande".

Numa carreira efêmera como a do jogador de futebol profissional, onde o tempo e as contusões são fatores limitantes, o materialismo fala mais alto nos acertos contratuais. Mas, ao assinar um contrato com o Botafogo, que, apesar de ser uma equipe com perspectivas vencedoras, oferecia um valor que representava quase a metade do apresentado pelo Palmeiras, Zagallo preferiu investir no patrimônio afetivo que se desenhava em torno de sua família. Desde aquela época, Zagallo estava certo.

No dia 13 de janeiro de 2005, no Copacabana Palace, um dos mais tradicionais e românticos hotéis do Rio de Janeiro, tivemos o prazer e a honra de compartilhar da comemoração dos 50 anos de casamento do casal Mario Jorge e

Alcina, numa solenidade que reuniu, entre amigos e parentes, mais de trezentas pessoas que testemunharam a razão de ser do "Velho Lobo".

B) O jogador de futebol

*** A inteligência para identificar suas limitações**

" Naquela época eu tinha 17 anos [...] e disse para mim mesmo: 'Vou sair da meia-esquerda, porque na meia a competição é muito grande e para mim não vai dar.' "

De uma forma monológica, Zagallos tem a premonição dos inteligentes. Percebeu, ainda precocemente, a dificuldade que teria caso permanecesse na meia-esquerda. De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004), na AD o discurso monológico é interpretado em diferentes sentidos. No caso em questão, onde o discurso de Zagallos é dirigido a si mesmo, "O locutor pensa em voz alta e produz uma mensagem da qual ele é ao mesmo tempo o único destinatário, por meio de um tipo de desdobramento do sujeito da enunciação" (p.340).

Nos conceitos vigentes na época, de um futebol posicional, onde os jogadores permaneciam basicamente nas suas posições no campo, a meia-esquerda era ocupada pelos mais hábeis na arte de receber a bola, passar, driblar e finalizar bem. Estes eram considerados os engenheiros do jogo. Zagallos, apesar de ser um jogador técnico e driblador, não se via no patamar dos jogadores da elite do

futebol brasileiro, e também não era visto como jogador de excelência.

"Acompanhando como torcedor ou como desportista a trajetória dele a partir de 1970, ou até mesmo a história dele como jogador, acho que ele foi um bom jogador, entretanto, não era acima da média como os demais de sua época, como o Pelé, Garrincha, Nilton Santos e tantos outros. Apesar disso, ele foi um bom coadjuvante daquela brilhante geração das Copas de 1958 e 1962." (Bernardo Rocha de Resende)

" [...] essa vontade dele de vencer é decorrente das dificuldades que teve na vida profissional." (Ricardo Teixeira)

O presidente da CBF corrobora as palavras de Bernardinho. Ao mencionar as dificuldades que Zagallo teve na vida profissional, refere-se pontualmente ao esforço para superar os jogadores que competiam com ele na disputa pela posição, seja no Flamengo, onde teve que mudar suas características, seja na Seleção Brasileira.

"A trajetória do Zagallo é marcada nitidamente pelo que eu chamo de culto da coragem, o culto da determinação, que explica todos os mistérios do esporte." (Armando Nogueira)

Já como profissional, devidamente instalado na ponta-esquerda, novamente teve problemas com sua forma de atuar nessa posição:

"Eu casei em 1955. Nessa época, estava sendo tricampeão pelo Flamengo. Fui campeão em 1953, eu era reserva, quem jogava como titular era o Esquerdinha. Fui titular em 1954 e em 1955. Eu era um jogador que tinha um drible[...] a torcida me adorava. Quando o Fleitas Solich veio para o Flamengo, todas as vezes que eu pegava na bola e driblava ele marcava uma penalidade contra! Aí eu disse assim: 'Eu vou sair da equipe. Ou eu me

modifico, ou vou sair da equipe'."

Mesmo sendo adorado pela torcida e, segundo suas próprias palavras, possuidor de um drible... implicitamente eficiente, resolveu não lutar contra as imposições do disciplinado treinador paraguaio Augustin Fleitas Solich, porque, apesar de se achar um jogador hábil, isso não era suficiente para atender às exigências do técnico.

*** A inteligência para explorar suas potencialidades**

"Como eu tinha uma condição física muito grande, comecei, dentro do Flamengo, fazendo um ponta-esquerda ofensivo, que retornava quando perdia a posse da bola. Intimamente, eu sabia que tinha uma importância tática fundamental para a equipe."

" [...] Ele foi um jogador muito técnico e muito tático, já que ele se prendia aos esquemas táticos, seja como jogador ou treinador.[...] Quando era jogador, ele argumentava com os colegas de equipe sobre o esquema tático e a movimentação dos jogadores." (Gerson de Oliveira Nunes)

A importância tática para a equipe e a capacidade de argumentação com os colegas de equipe, como assinalado por Gerson, são decorrentes do senso de observação que Zagallo desenvolveu para compensar outras carências:

"Eu era um jogador que observava a forma de atuar dos adversários. Quando minha equipe folgava aos domingos, ao invés de ir à praia eu ia ver como jogava meu marcador, suas deficiências e virtudes, para saber como enfrentá-lo no próximo confronto."

A entrega total de suas forças corporais ao serviço da

equipe, o senso de observação, a mudança na dinâmica de jogo e o espírito de equipe revelados por Zagallo fizeram parte de uma transformação inteligente que resultou na sua convocação para a Seleção Brasileira apesar da existência de jogadores de maior prestígio na sua posição.

"Foram convocados quarenta jogadores, tínhamos três meses pela frente e foram convocados três pontas: o Canhoto, o Pepe e eu. Na continuidade dos treinamentos, tive a felicidade de começar jogando contra o Paraguai, no Maracanã diante de duzentas mil pessoas. Eu estava com a saúde em dia, mas o Pepe e o Canhoto, estavam com problemas dentários, e me deram uma brecha, porque eu era sempre cortado."

A hierarquização na ordem de importância dos jogadores convocados para a ponta-esquerda, **"Canhoto, Pepe e eu"**, já revela a posição em que Zagallo se colocava diante deles. Fica evidenciada essa auto-avaliação quando afirma que teve a felicidade de estreiar contra o Paraguai porque estava com a saúde em dia e os prováveis titulares estavam com problemas, por isso **"deram uma brecha"**, ou seja, uma oportunidade para ele aparecer, já que sempre era o jogador cortado naquela posição. Essa situação de inferioridade técnica em relação aos jogadores de sua posição não era registrada apenas por ele:

"Poucos observavam a sua qualidade, porque nós tínhamos um outro jogador da mesma posição, que jogava no Santos, que se chamava Pepe, aliás, também muito bom jogador. Por ter um chute muito forte, chamavam ele de canhão." (João Havellange)

Podemos perceber nas palavras do Dr. Havellange que a técnica individual do jogador tinha uma valoração maior em relação aos atributos coletivos.

"Eu peguei a oportunidade, tive a felicidade, eu que não sou de fazer muitos gols porque eu era de armar as jogadas, eu fiz dois gols nesse jogo que nós ganhamos de 5 x 0, se não me falha a memória, no Maracanã lotado, contra o Paraguai. Aí o Feola passou a me enxergar de maneira diferente, pela maneira que eu jogava fazendo uma dupla função. Dei um trabalho para o Feola resolver."

Pegar a oportunidade é admitir que existiam concorrentes importantes, que a luta pela posição era constante. Mas, ao fazer uma boa apresentação e, sobretudo, mostrar seu espírito de grupo, solidariedade, dedicação, materializados na dupla função - ou seja, atacar quando tinha a posse de bola e ajudar os dois únicos companheiros de meio-campo quando a equipe era atacada -, Zagallo se coloca em condições de competir pela posição, além de criar um problema, que até então não existia, para o treinador: ***"Dei um trabalho para o Feola resolver."***

Em que pese ter subido no conceito da comissão técnica, ainda não se achava merecedor de uma vaga na Seleção Brasileira que iria disputar a Copa do Mundo na Suécia, em 1958.

"O trabalho prosseguiu e, encurtando, chegamos ao último amistoso. Quando olhei a escalação da equipe, lá no Pacaembu, numa pilastra da concentração, e não vi o meu nome, eu disse assim: 'Eu quero ir embora, não quero mais ficar aqui!'."

Fica patente, às vésperas do embarque para a Suécia, que ele ainda não tinha consciência da importância de sua maneira diferenciada de jogar, que viria alterar a concepção de jogo da equipe brasileira.

"Até o Dr. Hilton Gosling falou assim: 'Zagallo, esquece isso aí, rapaz, você já está na Copa, vão jogar o Pepe e o Canhoto, e um deles vai ser"

cortado, fica quieto, fica na tua!’ Aí eu fiquei descansado, né, porque era o último jogo amistoso. No jogo, entrou no primeiro tempo o Canhoteiro e no segundo entrou o Pepe. O Pepe fez gol, nós ganhamos e o Canhoteiro foi cortado”.

A polifonia presente no discurso de Zagallo, quando repete *ipsis litteris* as palavras do médico, dá autenticidade ao reconhecimento das qualidades do jogador Zagallo. Segundo Mainqueneau (1997), há polifonia quando “É possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens: os enunciadores e os locutores” (p.76).

O sorriso incontido de Zagallo, ao dizer que Canhoteiro foi o jogador dispensado da Seleção, não só confirmaria as palavras até então duvidosas do médico da Seleção, como lhe daria tranqüilidade e confiança para continuar a atuar dentro das características que inteligentemente adotou para conquistar o seu espaço.

“Eu me recordarei sempre da Copa de 1958, quando pude me certificar da importância do Zagallo. Da mesma forma que servia um passe para o gol, voltava para ajudar a defesa. Era um exemplo de combatividade, inteligência e personalidade, mesmo sendo pequeno e magrinho, era de uma vontade única, um verdadeiro trator.” (João Havellange)

Zagallo soube explorar as suas principais qualidades, que não eram essencialmente técnicas. A dupla função, apesar de não ser inédita, pois ele já a desempenhava na equipe do Flamengo, só foi registrada a partir do momento em que a executou jogando pela Seleção Brasileira. O Dr. João Havellange ratifica esse fato quando diz que somente na Copa de 1958 teve certeza da eficiência do Zagallo. A metáfora usada, comparando-o a um trator, dá a devida dimensão do trabalho incansável de Zagallo a serviço da

Seleção.

Fundamentando-se em Lacan, Orlandi (2004) afirma que a noção de metáfora, definida como a tomada de uma palavra por outra, é fundamental na AD, onde significa basicamente "transferência", estabelecendo "o modo como as palavras significam" (p.44).

Reiteramos que, quando pensamos discursivamente, temos que considerar a questão levantada por Orlandi (2004), que aponta os processos parafrásticos e polissêmicos como pilares de sustentação do funcionamento da linguagem. É nesse embate entre a paráfrase e a polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o que ainda se pode dizer, que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus trajetos, significam. Daí a noção de metáfora para ilustrar o termo **trator**.

*** Espírito de equipe**

"[...] Zagallo acabou conquistando a posição por sua perseverança, qualidade e, principalmente, espírito de equipe." (João Havellange)

A intuição, a leveza e a mobilidade em campo fizeram com que Zagallo fosse visto como um jogador voltado para o jogo coletivo, o próprio espírito de corpo. Mas essa dedicação e vontade de ser útil ao grupo era tão grande que quase compromete o seu destino.

"Houve um acidente comigo, no Maracanã, no último treino. Eu rasguei o dedo até o osso, levei treze pontos. Aí, pedi ao Dr. Hilton Gosling para não ir, me liberar, pois era como se tivesse rasgado uma

folha de papel, de tão profundo que foi o corte na mão. Porque, naquela época, se o goleiro se machucasse, não tinha substituição, tinha que entrar um jogador que estivesse em campo.,Eu era um dos goleiros substitutos, e no treino em que me machuquei treinei com esse objetivo. Eu de um lado e o Pelé do outro."

Em função das exigências técnicas e biotipológicas que a posição do goleiro requer, Zagallo seria o menos indicado para a função, tendo em vista que era um dos mais baixos e frágeis da equipe. Ele tinha consciência disso ao dizer que sua mão tinha rasgado como uma folha de papel. Nada simboliza tanta fragilidade quanto uma folha de papel.

"Imagine uma bola daquele tamanho pegando num dedo só!"

Ainda mais num chute do vigoroso zagueiro Bellini, capitão da equipe brasileira, que contundiu o dedo do Zagallo. O acidente foi tão grave que pediu para ser dispensado da Seleção. Mas, diante da possibilidade de ser útil, não mediu conseqüências na hora de se disponibilizar para substituir o goleiro em caso de necessidade, pois o regulamento da época não permitia a substituição de qualquer jogador durante a partida.

"Foi delicado, né? eu até pedi para não ir. Aí, o Dr. Hilton Gosling novamente disse: 'Cala a boca, rapaz, você é o titular.' Eu fui com o braço na tipóia, latejava como não sei o que."

O estoicismo de Zagallo fazia parte de sua total entrega ao grupo que ia à Copa. Durante a competição, a tal dupla função, que caracterizava o espírito de equipe

demonstrado por Zagallo, acabou gerando um novo sistema de jogo, não planejado pelo treinador Vicente Feola.

"Aí, nós jogamos o primeiro jogo e ganhamos da Áustria por 3 x 0. O Nilton... esse negócio de apoiar que o Feola mandava ele voltar... essa história do Feola, eu estava dentro do campo e não escutei".

A hesitação do Zagallo em explicar essa situação tem uma justificativa. Circulou nos bastidores do futebol que, quando o zagueiro Nilton Santos progredia com a bola para o campo adversário, durante o jogo contra a Áustria, o treinador, aos gritos, mandou que ele voltasse e não carregasse a bola para o campo adversário. O zagueiro não só contrariou as ordens do Feola, como marcou o primeiro gol da Seleção. Este fato, na época, colocou em dúvida a competência do treinador. Mas Zagallo conta a sua versão:

"Eu só sei que, quando o Nilton passou por mim, que foi como ponta-esquerda, eu falei: 'Vai, Nilton, que eu vou ficar na tua'. E o Newton foi, como homem surpresa; eu fiquei, e ele acabou fazendo o gol, o primeiro gol".

Ao ficar temporariamente na posição do Nilton, que se tornou um fator surpresa, Zagallo demonstrou a sua importância, não somente em relação ao grupo, mas quanto à opinião pública mundial, pois a sua maneira de jogar criou um novo sistema de jogo. No momento desse depoimento, perguntamos ao Zagallo se ele havia recebido alguma orientação para fazer a cobertura do zagueiro Nilton Santos, caso ele fosse para o campo adversário numa ação ofensiva.

"Não! O Feola aproveitou a minha maneira de jogar, ele nunca me disse para jogar atrás ou na frente.

Ele me escolheu por uma característica minha.[...] Porque ele não dizia assim 'Ó, quando perder a bola você volta, quando o Brasil pegar a bola você abre'."

"Como ponta-esquerda na função de armador, ele chegou a ser referência mundial, tanto em 1958 quanto em 1962.[...] Na Seleção Brasileira de 1958 e 1962 ele tinha um papel fundamental de ligação entre a defesa e o ataque, de proteção ao Nilton Santos. Foi ele quem introduziu na Seleção o papel do ponta recuado." (Armando Nogueira)

Ao final da Copa de 1958, estava consagrado um sistema criado por Zagallo.

"Essa Seleção é vitoriosa, e foi quando existiu a transformação de um 4-2-4 para um 4-3-3.[...] O fato de eu ter voltado para marcar caracterizou um sistema, não tenha dúvida quanto a isso, foi a tal da dupla função que a Seleção até então nunca tinha jogado."

"Ele foi um grande jogador; sua condição tática superava a técnica, e isso proporcionou a ele uma visão diferente do futebol, a noção de colocação. Zagallo é o 'Mister 4-3-3'. Este sistema foi criado por ele no futebol." (Carlos Alberto Parreira)

* O reconhecimento

"Em 1962 tivemos mudanças no comando, porque o Feola teve um problema e o Aimoré [Moreira] entrou em seu lugar. Mas eu não posso deixar de falar no Nascimento [Carlos], não posso deixar de falar no Paulo Machado de Carvalho. Evidente que não posso deixar de falar no nosso presidente, João Havellange; esse é hors-concours. O Paulo era o chefe da delegação, era um homem que tinha um astral

excepcional; durante a Copa ele só vestia terno de cor marrom. O Carlos Nascimento era o cara que batia de frente com a imprensa, era o carrasco, vamos dizer assim. Mas era um cara íntegro, com o moral lá em cima, e nos ajudou muito a resolver os problemas internos da Seleção."

Zagallo reconhece que o êxito da equipe não estava somente nas qualidades físicas e técnicas dos jogadores, por isso assinala a importância do suporte administrativo dos integrantes da comissão técnica, onde cada um, dentro de suas personalidades, tinha o seu papel.

* O final de carreira como jogador

Ao retornar da Copa de 1962, Zagallo foi bicampeão pelo Botafogo:

"Foi um grupo fantástico, formado em 1961 e 1962. Eu parei em 1964, mas o treinador Daniel Pinto me pediu para retornar a jogar. Aí, voltei a jogar e fiquei mais sete meses. Muito bem! Aí, o que aconteceu? Eu fiz uma excursão ao México, com o Botafogo, que era dirigido pelo Geninho. E lá ele começou a barrar todo mundo, porque ele estava com a idéia de acabar com os bicampeões do mundo. Ele queria fazer uma limpeza. Ele começou a me barrar, me botava só trinta minutos. Começou a tirar o Didi, o Nilton Santos. O Garrincha estava com o joelho bombardeado... e assim por diante."

Quando percebeu que já não era mais titular absoluto e que o treinador tinha como objetivo afastar os bicampeões mundiais, como Didi, Nilton Santos, Garrincha e ele próprio, que já não correspondiam às demandas de um futebol

mais jovem, tomou uma decisão oportuna:

"Quando retornei dessa excursão, fizeram-me um convite: 'Você aceita ser técnico do Botafogo?'"

C) O treinador / coordenador técnico

*** O início cauteloso**

"Quando eu percebi, aceitei de imediato a proposta para dirigir os juniores do Botafogo, porque sempre tive um pensamento: na vida, nós não podemos dar saltos muito grandes."

Apesar de ter a maturidade e a experiência inerentes ao jogador veterano, e sobretudo por ser um bicampeão mundial, Zagallo tinha consciência de que a função de técnico exige outras valências que vão além da prática desse desporto.

"Primeiro, começar em cima era uma situação muito difícil, porque era passar, de um dia para o outro, a comandar seus próprios companheiros".

Sinaliza que, caso iniciasse a carreira de maneira prematura, teria dificuldades no relacionamento com os ex-companheiros de equipe. A liderança e o domínio sobre o grupo poderiam ficar comprometidos pela intimidade existente com os jogadores, alguns, bicampeões como ele.

"Então, eu ainda não sabia se eu era um líder ou não. Você jogar é uma coisa, porque você depende de si próprio. Você comandar é totalmente diferente. Você tem que ter o visual de um todo, não é? É a maneira de[...] se você sabe transmitir ou não."

Visão de jogo, falar e argumentar com os jogadores”.

Em cima de sua experiência de mais de cinquenta anos de vivências no futebol, Zagallo aponta o que ele acha essencial no comando de uma equipe: liderança, visão de jogo, comunicação com os jogadores e, implicitamente, o conhecimento técnico e tático do jogo. Entretanto, na época dessa transição de jogador para treinador, sabia dessas exigências mas não se sentia seguro sobre se era ou não possuidor dessas qualidades. Sendo assim, decidiu começar, de forma menos arriscada, a carreira de técnico de futebol na categoria de juniores do Botafogo, onde teve como orientador um outro companheiro de equipe que também trabalhava nas categorias de base do clube: o Neca.

“Então, a base é tudo na vida. Quando comecei no juvenil, o Neca, o falecido Neca, é que falava: ‘Zagallo, você tem que ser mais duro’.[...] Quanto à liderança, eu não sabia se tinha. Só passei a saber que eu era um líder comandando os juniores, o que para mim foi excelente”.

Zagallo dá ênfase ao seu início cauteloso como técnico, sem precipitações, porque é contra a prática de se transformar ex-jogadores de futebol em treinadores de equipes principais sem a maturação necessária nas categorias de base. A filiação de sentidos, expressa pelas batidas sucessivas da mão no tampo de vidro da mesa que estava à sua frente, quando fala que só descobriu que era líder dirigindo os juvenis, revela esse sentimento. Seria o mesmo que questionar: Eu, que sou bicampeão do mundo, bicampeão pelo Botafogo, comecei por baixo, por que os outros não? Esse sentido se confirma quando diz:

“Quando galguei a equipe principal, já era senhor de

mim, mesmo porque eu já era campeão do mundo e campeão pelos juniores[...] Eu já era bicampeão dirigindo gente com quem eu havia jogado, como Gerson, Leônidas e Manga, por exemplo. Isso tudo me deu um moral muito grande."

Dá ênfase às suas conquistas para chancelar que uma escalada gradual no processo de formação, aliada à experiência, são fundamentais no exercício da função de treinador:

"Eu vi outros treinadores com nome, com prestígio, que não tiveram sucesso. Vou dizer: Nilton Santos, Zizinho, Junior... O Carlos Alberto Torres não é ganhador.[...] São jogadores com prestígio, que não têm visão, não é deles[...]. Então, essa base que eu tive, que estava nas minhas mãos, foi um negócio fantástico."

Zagallo, além de ratificar que a base, ou seja, o início gradativo na carreira de treinador é fundamental,

"Ninguém se transforma em técnico da noite para o dia. Ultimamente isso tem acontecido muito. O treinador que inicia de forma prematura acaba ficando no meio do caminho",

chama a atenção para o fato de que, apesar do prestígio, nem todos os jogadores podem ser treinadores de futebol. Justifica que não é da natureza deles. Seria uma questão vocacional.

Na posição de Analista do Discurso, sempre ficamos atentos ao fato de que o discurso não é apenas um texto, mas um conjunto de relações que se complementam, antes e durante a construção desse texto e, conseqüentemente, dos efeitos que são produzidos depois da enunciação. Mais ainda, que os habituais encontros com Zagallo fazem com que a produção de sentidos seja dinâmica. Portanto, mesmo já

tendo perguntado a ele como se via como treinador, fomos ainda mais incisivos. Aproveitando os encontros informais em torno do lazer esportivo, precisamente no dia 23 de novembro de 2005 solicitamos ao "Velho Lobo" que vencesse a modéstia e nos dissesse quais são as suas principais virtudes como treinador. Depois de uma acentuada pausa, colocando a mão sobre a cabeça, e de maneira tímida, como lhe é peculiar fora do ambiente de futebol, começou a fazer o rol de suas qualidades. A partir daí, num trabalho que se repetiu constantemente, varremos o texto em busca das marcas reveladoras que, de maneira direta ou implícita, ratificassem o autoconhecimento profissional de Zagallo.

*** Simplicidade**

"Ele ouvia as opiniões dos jogadores da defesa, meio-campo e ataque. E, a partir daí, juntava o que víamos com o que ele via e sentia fora do campo. [...] Isso ajudou muito ao Zagallo, porque sabia conversar de igual para igual com os jogadores."
(Gerson de Oliveira Nunes)

As palavras de Gerson revelam uma das estratégias de Zagallo no comando de suas equipes. Falar de igual para igual é, ao mesmo tempo, respeitar os seus comandados e dividir a responsabilidade com eles pelo andamento da partida. É democratizar a decisão tomada em relação à forma de atuar da equipe. É dividir o ônus da derrota ou da vitória, sem perder a autoridade.

*** Comando**

Zagallo, apesar de dizer que ao iniciar a carreira não sabia se tinha ou não liderança, não abre mão dela.

"Não há nenhum problema, não sou de intimidar-me com dificuldades. Aceito a luta".

Ao ser convidado para comandar a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970, em substituição ao jornalista / técnico de futebol João Saldanha, que teve o mérito de classificar o Brasil para a Copa, promoveu alterações tanto na relação dos jogadores quanto na estrutura da equipe:

"A princípio, até, quem ia jogar na ponta-esquerda seria o Paulo César Caju, que era a minha idéia inicial. O Tostão seria reserva do Pelé, porque eu queria um ponta-de-lança enfiado. Essa era a minha idéia, tanto é que só havia vinte e dois jogadores, e eu queria cortar alguns e convocar mais cinco jogadores[...] Aí, convoquei o Félix, o Leônidas, o Dario, o Roberto Lopes Miranda e o Arilson.[...] Por que eu quis isso? Porque nós não tínhamos ponta-de-lança.[...] Fomos para o México. Lá, teve um problema: o Rogério, que era titular, sentiu um problema. Eu, ao invés de convocar um outro ponta-direita, trouxe mais um goleiro. Quando convoquei o Félix, eu queria um cara mais experiente, pois os outros eram dois garotos. Ao começar a Copa, fiz uma mudança radical, porque o time jogava num 4-2-4[...]passei o Piazza para quarto zagueiro, o Clodoaldo e o Gerson que estavam na reserva, passaram a titulares. O Paulo César Caju, que foi o melhor ponta-esquerda que eu vi jogar, estava atravessando um momento muito difícil, por isso eu fiz o último amistoso com o Rivelino na ponta-esquerda. Testei o Tostão como ponta-de-lança".

A mudança radical a que ele se refere só poderia ser feita por um treinador que tivesse coragem e autoridade sobre os jogadores e a comissão técnica. Suas decisões se

tornaram muito mais arrojadas e difíceis à medida que encontrou uma Seleção já classificada e um grupo de vinte e dois jogadores com a certeza de que iriam participar da competição. A convocação de mais cinco jogadores poderia causar insegurança e insatisfação naqueles atletas que se sentissem ameaçados pela dispensa. Ter mudado o sistema 4-2-4, adotado pelo treinador anterior, para o sistema 4-3-3, não seria tão relevante se fosse a troca pura e simples de dois ou três jogadores. Entretanto, ele desfigurou a equipe através de mudanças nas características individuais dos jogadores. O meio-campista Piazza passou a ser zagueiro. Clodoaldo e Gerson passaram de reservas a titulares. O Rivelino, que era jogador de meio-campo, foi para a ponta-esquerda fazer o mesmo papel que Zagallo fez nas Copas de 1958 e 1962. A mudança mais significativa seria o aproveitamento do jogador Tostão, que também era meio-campista, na função de ponta-de-lança. Aliás, este jogador estava com descolamento de retina, fato que, além de comprometer a sua visão, significava que bastaria um golpe mais duro na cabeça para ele ter de deixar o campo. Sem falar no goleiro Félix, que foi o titular apesar de ter sido convocado depois. Tais mudanças e riscos só poderiam acontecer com um treinador que tivesse comando.

Nessa mesma Copa, falou-se de episódio que até hoje suscita dúvidas quanto à autoridade de Zagallo: circulava no meio desportivo que Zagallo havia convocado o jogador Dario por imposição do então presidente do Brasil, o General Emilio Garrastazu Médice, que era admirador do futebol desse jogador.

"Houve quem dissesse que ele convocou o Dario por imposição do presidente Médici. Eu nunca soube dessa imposição, e se o presidente Médici tivesse imposto

o Dario, não seria para ele ser reserva. O Dario foi convocado porque ele era um artilheiro e o Zagallo precisava ter um elenco com capacidade de fazer gol." (Armando Nogueira)

Esse episódio não ficou bem digerido, haja vista que o jornalista Armando Nogueira, neste depoimento, levanta a bandeira em defesa de Zagallo. Procuramos tirar essa dúvida perguntando ao próprio Zagallo sobre a veracidade dos comentários. Disse-nos que jamais se submeteria a esse capricho, ainda que o pedido partisse da Presidência da República.

Num outro acontecimento de grande repercussão internacional, Zagallo daria outra demonstração de bom senso e autoridade, quando escalou o jogador Ronaldo Fenômeno, que havia tido uma convulsão, para o jogo contra a equipe da França, na Copa do Mundo de 1998.

"Como você está se sentindo, você está bem? Se você não estiver bem, me fala que eu vou te substituir. Ele disse: 'Zagallo, fique tranquilo, eu não estou sentindo nada.' Eu assumi uma responsabilidade porque o médico assumiu e o jogador estava querendo jogar."

Zagallo sinaliza que em determinadas situações o bom senso tem que ser usado. Sua decisão não se reportava somente às questões técnicas ou táticas. A integridade física do jogador estava em jogo. Dessa forma, achou necessária a participação do médico e do próprio jogador para que pudesse tomar a decisão final sem perder o controle da situação.

"Se não o coloco para jogar, coloco o Edmundo, e o time toma de três, iam dizer que o Zagallo era o culpado porque não escalou o melhor jogador do mundo."

Esse raciocínio ratifica o bom senso do Zagallo em consultar as pessoas de sua equipe, mesmo sabendo que a responsabilidade pelos erros e acertos será sempre do treinador.

*** Competência / visão de jogo**

Zagallo fica constrangido em se dizer competente, mas logo a seguir se justifica:

"Eu tenho títulos, né?"

"Eu considero o Zagallo um dos mais competentes jogadores e, posteriormente, treinadores que o futebol já teve." (Armando Nogueira)

As palavras do escritor e jornalista Armando Nogueira revelam uma seqüência lógica na carreira de Zagallo, onde o senso de observação e a competência vêm se cristalizando desde o tempo em que era jogador, quando se preocupava em observar os adversários nos domingos em que estava de folga.

"Quando era jogador, ele argumentava com os colegas de equipe sobre o esquema tático e a movimentação dos jogadores." (Gerson de Oliveira Nunes)

Nesse sentido, ainda como jogador já dava sinais de sua vocação para uma promissora carreira de treinador, que se consolidaria tempos depois.

"Na época, para explicar como eu queria que a equipe jogasse, eu utilizava palitos de fósforo simbolizando os jogadores. Dessa forma comecei a fazer as marcações de tiro de meta, marcação por pressão e meia pressão. Eram todas resultantes de

observações pessoais que colocava em prática."

Zagallo enfatiza que a sua competência está alicerçada na capacidade de observação, que desenvolveu de maneira própria.

"O Zagallo idealizava um sistema de jogo e fazia variações sobre o sistema que criava. Esse procedimento, de mexer nos jogadores como peças de um tabuleiro de xadrez, é próprio de quem conhece futebol. O treinador tem que saber o que está fazendo, porque existem jogadores que questionam o próprio técnico sobre o que ele está pretendendo fazer." (Gerson de Oliveira Nunes)

Pelo fato de termos jogado na mesma equipe com o jogador Gerson, sabemos que existem esses jogadores que questionam o técnico, porque o Gerson era um deles: sempre queria saber o porquê das decisões do técnico. Portanto, Zagallo deve ter travado bons diálogos com o "Canhotinha de Ouro".

"Também existem jogadores que, à revelia do técnico, trocam de posicionamento ou alteram a forma de jogar da equipe. O técnico, por suas próprias observações, tem de saber o que se passa dentro do campo. No Botafogo, e na própria Seleção Brasileira, quando a situação estava complicada, fazíamos algumas alterações por nossa conta. No vestiário, após o término do primeiro para o segundo tempo, o Zagallo, através de pequenos botões sobre um tabuleiro, ia logo apontando o que tínhamos feito e como o adversário tinha reagido." (Gerson de Oliveira Nunes)

O depoimento do jogador Gerson traça um perfil do treinador Zagallo. Identifica um profissional atento a tudo que se passa dentro do campo, que controla não somente a movimentação de seus jogadores como a dos jogadores adversários, e mais, que propõe soluções de forma

democrática, mas com domínio absoluto sobre o grupo, como afirma ao falar que:

**"Ele ouvia as opiniões dos jogadores de defesa, meio-campo e ataque. E a partir daí, juntava o que víamos com o que ele via e sentia fora do campo."
(Gerson de Oliveira Nunes)**

Além da competência e da visão de jogo demonstradas, Zagallo pensava à frente do tempo, sempre propondo inovações em benefício de uma nova dinâmica de jogo.

"O Zagallo é o 'Mister 4-3-3'. Este sistema foi criado por ele no futebol, então ele faz parte mesmo da história do futebol. Quando se fala da evolução dos sistemas de jogo, se fala do 4-3-3 brasileiro, e o Zagallo é parte integrante disso. De acordo com o depoimento do próprio Zagallo, o Brasil nunca jogou no 4-2-4 puro Na Copa de 1958 ele já fazia o papel do terceiro homem no meio campo, voltando pela ponta-esquerda." (Carlos Alberto Parreira)

Falando da posição de técnico da Seleção Brasileira, de instrutor itinerante da FIFA, e chancelando com o depoimento do próprio Zagallo, as palavras de Parreira reforçam as assertivas em torno do "Velho lobo" quanto à sua competência e atitude renovadora.

"Na Copa de 1962 isso aconteceu com muito mais ênfase. O Zagallo foi o primeiro treinador a usar dois pontas-de-lança avançados; foi o primeiro a fazer a marcação do tiro de meta; o primeiro a fazer com que a equipe voltasse para se defender no seu próprio campo, dando espaço para o adversário para explorar o contra-ataque em velocidade no espaço deixado pela equipe contrária. Hoje todos fazem isso, e Zagallo já fazia desde 1968. Para mim, ele é o grande homem do futebol mundial.[...] Eu não me lembro de ninguém que tenha tido tanta influência na dinâmica de jogo quanto Zagallo." (Carlos Alberto Parreira)

Num discurso atualizado, próprio de quem tem a obrigação de estar informado pelos cargos que ocupa tanto no futebol brasileiro quanto na FIFA, o professor Parreira remete a sua memória discursiva aos anos 1960 para explicitar os conceitos que Zagallo usava e que até hoje são aplicados. Dessa forma, o treinador Parreira justifica a razão pela qual considera o "Mister Futebol" um homem à frente de seu tempo pelas concepções futuristas que aplicava no futebol.

"Eu tenho uma concepção de jogo que jamais coloquei em prática, porque depende fundamentalmente do despojamento total da vaidade, da inteligência e de uma grande movimentação dos jogadores. Eu nunca falei desse sistema com ninguém, estou falando pela primeira vez com você, Valente. Eu apliquei isso num treinamento, mas não deu certo, pelas razões que já citei".

Essa confiança, antes de tudo, nos envaidece pelo privilégio, confiança e respeito ao trabalho acadêmico que estamos desenvolvendo. Por outro lado, o caráter polissêmico dessa revelação aponta para a existência de outros sentidos contidos na fala de Zagallo. As exigências para o êxito de um sistema de jogo do futuro foram amalgamadas em função de suas próprias potencialidades. O despojamento total de vaidades nada mais é do que o enfoque simplista que ele próprio dá aos desafios do futebol, sejam eles quais forem. A movimentação constante é comparável à determinação altruísta que sempre teve dentro do campo, em benefício do jogo coletivo, apesar de sua compleição física não ser favorável a essa forma de atuação. A inteligência aflora na medida em que você passa a fazer uso de suas potencialidades em detrimento de suas limitações.

"Sempre me acusaram de jogar muito defensivamente, e eu só ganhando títulos. É sinal que eu sempre andei à frente dos outros. Eu dava meio campo de jogo para o adversário e ficava marcando atrás, para explorar os espaços que eles deixavam, porque quem ataca corre o maior risco. A partir daí, eu disse que o sistema do futuro seria o 4-6-0."

Zagallo registra um certo desconforto com as acusações de que é um técnico que se preocupa demasiadamente com as ações defensivas de sua equipe. Mas os fatos e as estatísticas provam que ele é um vencedor. Sem se importar com os críticos, vaticinou que o sistema do futuro será o 4-6-0. Essa distribuição no campo de jogo nada mais é do que uma configuração que sempre aplicou informalmente nas suas equipes, no momento em que estas eram atacadas. Quando sua equipe perdia a posse da bola, os jogadores voltavam para a sua própria metade do campo, objetivando atrair o adversário e, conseqüentemente, aproveitar os espaços deixados na defesa contrária para realizar o contra-ataque. Ratificando o que ele disse, quem ataca corre o maior risco, se expõe mais. Ele tinha suas razões quando fez essa afirmação há algum tempo atrás.

Por ocasião do 2º Congresso Internacional de Futebol, realizado nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro de 2005, no Rio de Janeiro, tivemos a oportunidade de constatar pessoalmente que a profecia de Zagallo está próxima de acontecer. O técnico da Seleção Brasileira, Carlos Alberto Parreira, ao proferir uma palestra sob o título "O Brasil nas Copas do Mundo", diante de mais de 600 conferencistas, emissoras de TV e vários treinadores internacionais, inclusive Luiz Felipe Scolari, de Portugal, e Jürgen Klinsmann, da Alemanha, disse que o futuro do futebol pode estar num sistema sem atacantes fixos: o 4-6-0.

"Riram muito do Zagallo quando ele disse que o futuro era o 4-6-0. Mas estamos muito perto disso."
(Carlos Alberto Parreira, *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 dez. 2005, Caderno de Esportes, p.36)

* Prazer pelo trabalho

"Paixão e fé, fundamentalmente essas duas coisas, foram a mola propulsora do sucesso do Zagallo, e eu vou tentar explicar. A paixão é porque o Zagallo é um homem absolutamente apaixonado pelo que faz. Ele adora aquilo que faz, adora não só o seu trabalho como também o trabalho alheio." (Sergio Noronha)

O termo paixão usado por Noronha é uma forma exacerbada de revelar o prazer contido de Zagallo pelas coisas que faz dentro do futebol. A sua simplicidade, humildade e timidez talvez tenham impedido que Zagallo, através de uma licença poética, pudesse fazer uma explícita declaração de amor pelo futebol, tendo em vista a sua trajetória esportiva.

"E, para que tudo desse certo na carreira do Zagallo, que é um super hiper vitorioso, existiu o elemento paixão. Eu acredito que o talento, somado à dedicação, envolvidos pela paixão, seja a equação que define bem o sucesso de um elemento como o Zagallo na história, não somente do futebol, como na história do esporte brasileiro." (Bernardo Rocha de Resende)

"O Zagallo é exatamente isso: ele vive, respira e transpira futebol há 50 anos. Então, é uma paixão. Hoje, aos 72 anos de idade, ele chega aqui na sede da CBF e conversa conosco com o mesmo entusiasmo, com a mesma paixão que tinha há 30 ou 40 anos atrás. Esse amor e paixão pelo futebol fizeram dele a pessoa determinada que é até hoje." (Carlos Alberto

Parreira

Movido pelo prazer e pela paixão, como afirmam os depoimentos acima, é que Zagallo, após ter encerrado uma brilhante carreira em 2001, digna do Olimpo, como já disse Jorge Olímpio Bento (2003), volta à cena como coordenador técnico da Seleção Brasileira ao lado do treinador Carlos Albert Parreira, dizendo que:

"A causa do meu retorno ao futebol é porque a minha vida está muito ligada à Seleção Brasileira, por tudo aquilo que eu participei, as conquistas, que, aliás, ninguém ganha sozinho".

Implicitamente, essa ligação da própria vida com a Seleção Brasileira está impregnada de prazer, amor e paixão desde 1958, quando começou a se entregar de corpo e alma às alegrias, tristezas, dores físicas e morais que invariavelmente tomam posse de todos aqueles que embarcam nessa imprevisível aventura desportiva. Alheio a tudo isso, ou apesar disso, Zagallo se reencontra numa nova função como se estivesse no início de sua carreira.

*** A fé como atributo**

"Acho que a fé é um complemento importante da competência, visão de jogo, liderança etc. De nada vale a fé se você não souber trabalhar corretamente. Acho também que, se você não tiver fé naquilo que faz, não chega a lugar nenhum."

Numa primeira instância, Zagallo enfatiza que o trabalho sério e planejado está acima de qualquer sentido. Entretanto, não descarta a influência da fé no resultado final. Podemos inferir que, além do caráter religioso, essa fé citada por Zagallo está impregnada de uma férrea

determinação e, sobretudo, convicção de que, ao iniciar qualquer empreendimento, tudo vai acabar bem. Numa linguagem própria do futebol, a fé não ganha jogo, mas ajuda bastante.

D) O *Homo religiosus*

O homem das sociedades tradicionais é, por assim dizer, um Homo religiosus, mas seu comportamento enquadra-se no comportamento geral do homem e, por conseguinte, interessa à antropologia, à filosofia, à fenomenologia, à psicologia. (Eliade, 2001, p.20)

*** A manifestação do sagrado**

Rudolf Otto (1992) diz que

O sagrado é, antes de mais nada, uma categoria de interpretação e de avaliação que, como tal, só existe no domínio religioso. Esta categoria é complexa; compreende um elemento com uma qualidade absolutamente especial, que escapa a tudo o que chamamos racional, constituindo como tal uma arrêton, algo de inefável. (p.13)

Segundo Eliade (2001), "o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano" (p.17). Nesse sentido, sendo filho de pais católicos, Zagallo tomou conhecimento do sagrado, inicialmente, no seio familiar.

"[...] depois eu fui para o Externato São José, na Rua Barão de Mesquita, colégio de maristas, onde fiz

o admissão e os quatro anos de ginásio."

Também por influência da família, estudou no tradicional e conservador Colégio São José, cujo processo é conduzido por padres maristas. Nesse colégio, além de consolidar os fundamentos cristãos, participou de um dos principais ritos de passagem da religião católica: a primeira comunhão.

O casamento foi outra experiência dentro dos preceitos religiosos.

"[...] eu casei num dia 13. Por que eu casei num dia 13? Porque minha mulher é devota de Santo Antônio, que se comemora no dia 13 de junho."

Desta feita, o encontro com o sagrado se daria por intermédio de sua esposa, dona de uma personalidade marcante e de uma inabalável devoção por Santo Antônio. Portanto, essa fixação do Zagallo em torno do número 13 tem suas raízes na religião católica.

"Em todas as Copas do Mundo, que é o que marca mais, ela ia à Igreja de Santo Antônio pegar pequenos pães bentos, e dava para todos os jogadores, para quem quisesse, que fosse católico. Quem não fosse católico, paciência, nós temos que respeitar. Então, a coisa ficou marcada de tal vulto que as coincidências, né... Aí você começa a procurar o porquê das coisas."

As coincidências às quais Zagallo se refere só começaram a ser notadas a partir das Copas de 1958 e 1962:

"Vou falar das duas promessas que fiz. Uma foi na Fontana de Trevi: eu joguei a moedinha para trás e pedi para ser campeão do mundo. Isso foi em 1958. Ainda em 1958, nós saímos para um treinamento de rotina. As camionetas que faziam o transporte dos jogadores até o campo de treino, que ficava a cerca

de 500 metros do nosso hotel, estavam lotadas. Aí, o preparador físico Paulo Amaral, que também tinha sobrado, propôs que fôssemos correndo até ao estádio. Eu topei, e ainda aproveitei para amaciar uma chuteira nova, com travas de atarraxar. Quando cheguei ao estádio, percebi que uma das travas tinha caído no caminho, que era bastante acidentado. Tive que treinar com as chuteiras velhas. Quando acabou o treinamento, resolvi voltar a pé pelo mesmo caminho, com o objetivo de achar a tal trava. E o que parecia impossível aconteceu: eu achei a tal trava. Aproveitei e fiz o mesmo pedido que tinha feito na Itália. Em 1962, perdi a medalhinha de Santo Antônio no campo. Procurei, procurei, mas não achei. No dia seguinte, fomos treinar no mesmo campo e acabei achando a medalhinha de Santo Antônio."

Louve-se a memória discursiva de Zagallo pela riqueza de detalhes de fatos passados há quase 50 anos. Na realidade, foram três pedidos em função de três hierofanias. Eliade (2001) tem uma explicação para o significado de hierofania:

Esse termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões - desde as mais primitivas às mais elaboradas - é constituída por um número considerável de hierofanias pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania - por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore - e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. (p.17)

As hierofanias ocorridas durante as Copas, as vitórias e a devoção de sua esposa por Santo Antônio reforçaram o comportamento sincrético de Zagallo.

"[...] como as vitórias vieram, o 13 ficou marcado em minha vida. Aí, quiseram saber o porquê e qual a

causa do 13. Então, falei que era em função da devoção de minha mulher por Santo Antônio."

A partir daí, as associações em torno no número 13 passaram a ser evocadas de uma maneira mais freqüente, atreladas à subjetividade da sorte ou do azar.

"De fato, o 13 passou a ser uma marca de sorte, porque para muitos o 13 é negativo."

Podemos inferir que, para Zagallo, o número 13 é o símbolo da sorte. Eliade (2001) explica que

O símbolo torna o mundo aberto, mas também ajuda o homem religioso a alcançar o universal. Pois é graças aos símbolos que o homem sai da sua situação particular e se abre para o geral universal. Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do mundo. (p.172)

Nesse sentido, em todas as ocasiões ou circunstâncias onde o número 13 possa ser evocado, Zagallo o faz avidamente, até mesmo através de operações matemáticas onde o resultado final seja 13. A começar pela camisa 13, escolhida para iniciar a carreira de treinador:

"A camisa 13 passou a ser adotada por mim quando treinador.[...] naquela época a numeração ia até 11, não tinha substituição, não tinha nada. Então, o que é que aconteceu? Eu passei a usar a camisa 13."

De forma explicativa, Zagallo justifica a razão pela qual acabou usando a camisa 13. Mas, de maneira implícita - ***"não tinha substituição, não tinha nada"*** -, revela uma satisfação íntima em poder usar esta camisa sem objeções ou concorrência.

Além desse episódio, outros eventos envolvendo o número

13 foram sendo registrados por Zagallo como sendo coincidências.

"Aí você começa a procurar o porquê das coisas. A causa do 13 eu já disse. Mas, por exemplo, eu nasci em 1931, invertido dá 13; a primeira Copa do Mundo foi em 1958, cinco mais oito são 13; eu fui tetra em 1994, nove mais quatro são 13; moro no décimo terceiro andar; o final da placa do meu carro é 0013; eu voto na 13ª zona eleitoral. E, entrando no futebol novamente, o Baggio, Roberto Baggio, que perdeu o pênalti que nos deu a vitória, somando o número de letras, soma 13. E aí, vem uma infinidade de coincidências."

"Aí você começa a procurar o porquê das coisas". Esse ato falho cometido por Zagallo evidencia que as coincidências, na verdade, são obsessivamente perseguidas por ele em qualquer oportunidade que tenha, seja fora ou dentro do âmbito do futebol. Ele já incorporou, para a sua vida, o número 13, que ele se vangloria de ter mudado o estigma de número que traz o azar.

"[...] para muitos, o 13 é negativo. Nos Estados Unidos, você pula do décimo segundo andar para o décimo quarto, não tem o décimo terceiro."

*** A institucionalização e universalização do número 13
como símbolo do Zagallo**

"Na verdade, o País já incorporou essa minha afinidade com o 13. Quando fizemos um jogo amistoso em que a Seleção Brasileira derrotou a equipe da Hungria, em Budapeste, por 4x1, como preparativo para a Copa do Mundo de 2006, os jogadores brasileiros entraram em campo com uma camisa que

estampava atrás o número 250, comemorativo dos jogos em que estive à frente do Brasil até aquela data, e o número 13 na frente, reatualizando e universalizando uma de minhas crenças."

Não há dúvida de que essa homenagem feita a Zagallo pela Confederação Brasileira de Futebol, sobretudo num jogo internacional transmitido para o mundo todo através de vários meios de comunicação, denota não somente a apreensão institucional, como a tentativa de universalizar essa crença de Zagallo.

"[...] poucos dias após a conquista da Copa América, no Peru, quando tivemos uma vitória memorável sobre a Argentina, nos pênaltis, assim que chegamos ao Brasil fomos recebidos pelo presidente Lula, no Palácio Alvorada, em Brasília. Num determinado momento, Lula me chamou num canto e confidenciou-me: 'Também tenho uma predileção pelo 13. Vendi a casa da minha mãe por 13 contos; cheguei em São Paulo num dia 13 e sou fundador do Partido dos Trabalhadores, cujo número na cédula eleitoral é 13.' Aí eu respondi: 'Nós dois somamos 26, o senhor é pé quente como eu'."

A revelação intimista do presidente da República, cercada de uma certa cumplicidade com Zagallo em torno de sua crença, nos dá a devida dimensão da polarização causada por sua fixação pelo número 13. Zagallo não só aceita a adesão do presidente, como compartilha com ele a subjetividade da sorte: **"Nós somamos 26, O senhor é pé quente como eu"**. Ser pé quente, na linguagem popular, é ter sorte; portanto, o presidente Lula também tem a sorte do Zagallo.

Numa outra oportunidade, entre os mesmos personagens, fato semelhante se repetiria, reforçando ainda mais essa marca do Zagallo, que é como ele gosta de se referir ao número 13.

"[...] quando fomos jogar contra o Haiti, na véspera do Jogo da Paz, como estava sendo chamado, o presidente Lula foi ao nosso hotel fazer uma visita de agradecimento aos jogadores. Ele disse que aquele jogo era uma demonstração de solidariedade. Quando ele falou essa palavra, ele olhou para mim e disse: 'Zagallo, solidariedade tem 13 letras'."

Segundo Orlandi (2003), podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do ele diz:

Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (p.40)

Por analogia, as palavras do líder de uma nação têm uma autoridade determinada sobre o povo. Portanto, ao fechar uma cumplicidade com Zagallo, aderindo ao pensamento supersticioso de seu interlocutor, o presidente Lula involuntariamente reforça a opinião pública em torno dessa hierofania do "Velho Lobo".

*** O êxito desportivo e o sagrado**

"Não, eu embarquei na onda. Eu acho que não tem nada a ver, mas entro pela sorte, porque o 13 passou a ser para mim um número de sorte."

Esta formação discursiva de Zagallo nos direciona a dois momentos sócio-históricos diferentes. Como afirma Orlandi (2003),

As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

(p.43)

Num primeiro momento, ao dizer que **embarcou na onda** - que é o mesmo que aderir a alguma coisa sem convicção -, Zagallo nos remete ao início de sua vida profissional, quando não tinha muito o que comemorar. Dessa forma, por afinidade e afeto, acabou acompanhando os hábitos religiosos de sua esposa. Entretanto, quando diz que **entrou pela sorte**, porque o 13 é o seu número de sorte, já nos transporta para uma época mais recente, onde as vitórias já haviam ocorrido e poderiam ser creditadas à sorte que o número 13 lhe dá,

"Quando dou autógrafos, as pessoas pedem para eu botar o 13 embaixo."

e que possa passar aos seus admiradores.

"A importância da religiosidade que Zagallo tem pelo Santo Antônio, que ele carrega para os jogos, ou pela crença de que o número 13 traz a sorte para ele, é muito maior para os seus comandados e para os torcedores de um modo geral, porque transmite confiança. Ao transmitir essa confiança, faz com que as pessoas inseguras se sintam fortalecidas diante da plena convicção que Zagallo tem de que as coisas vão dar certo." (Arnaldo César Coelho)

O depoimento do ex-árbitro da FIFA nos leva a crer que a religiosidade do Zagallo tem uma importância vital principalmente para aqueles que estão ao seu redor. A confiança de que a vitória poderá ser alcançada aumenta a determinação em direção aos objetivos traçados.

"Eu sou a pessoa menos indicada para falar sobre isso, porque sou confessadamente um ateu. Mas, no caso do Zagallo, acho que a sua fé, associada à sua paixão, à qual já me referi, fazem com que ele busque coisas que parecem impossíveis e aceite qualquer tipo de desafio.[...] A religiosidade dele,

seja na hora em que reza ou na hora que segura a imagem de um santo de devoção, faz com que acredite que tudo vai dar certo.[...] eu não tenho religião, mas admito que a religião é fundamental para algumas pessoas.[...] Ele é uma figura que deve ser respeitada[...].É um homem que merece uma estátua exatamente por isso: como eu disse, por sua paixão e fé. E sem essas coisas o ser humano é um pouco aleijado." (Sergio Noronha)

O jornalista Noronha, apesar de confessadamente ateu, paradoxalmente admite que o ser humano sem fé naquilo que faz é incompleto. Sendo assim, destaca a figura do Zagallo exatamente pela religiosidade que transita pela sua vida pessoal, e notadamente na vida profissional, e que lhe dá a motivação necessária para acreditar que o possível se faz agora e o impossível leva um pouco mais de tempo.

"O Zagallo tem uma formação que, coincidentemente, eu tive no Colégio Marista São José. Ele sempre coloca Deus como sendo o grande objetivo. Aliás, também concordo com ele.[...] Acho que Zagallo juntou todos os atributos das pessoas que vencem na vida, ou seja, competência, valores éticos e morais, e a religiosidade que encoraja e dá confiança às coisas que faz.[...] Essa convicção de que as coisas vão dar certo e a sua religiosidade são extremamente importantes no resultado final. Quanto à sua admiração pelo número 13, de certa forma tornou-se um pouco folclórica, porque todas as coisas boas do Zagallo aconteceram sempre ligadas ao 13, a começar pelo casamento, que foi num dia 13, e em breve ele estará completando cinquenta anos de casado. Isso tudo para ele é muito importante e faz com que ele seja cada vez mais forte. (José Luiz Runco)

O médico da Seleção Brasileira, que coincidentemente vivenciou os fundamentos religiosos preconizados pelo Colégio São José, onde Zagallo também estudou, com propriedade fala dos atributos pessoais do Zagallo, que, associados aos preceitos religiosos, fazem com que ele seja

uma pessoa determinada em executar com êxito aquilo que planejou. Apesar de dizer que a fixação do Zagallo pelo número 13 é folclórica, não se arrisca a discordar que a convicção dele em torno desse número o transforma numa pessoa cada vez mais fortalecida.

"Eu admito que sim, porque uma pessoa que acredita em alguma coisa adquire um certo tipo de poder. Acho que a religião tem uma influência muito grande no dia-a-dia do Zagallo, pois o encoraja a dizer aquilo que pensa, a realizar o que pretende e a ter forças para passar seus ensinamentos. Zagallo acredita no ditado de que 'A fé remove montanhas', pois se apegou a certas crenças que lhe trouxeram resultados favoráveis e tiveram uma influência muito grande no seu sucesso." (Arthur Antunes Coimbra)

Nas palavras de Zico, a crença de Zagallo se desmembra em fluidez nas palavras para dizer o que pensa; em determinação e coragem para executar o que planeja; e em inteligência para transmitir os conhecimentos que detém. O sucesso do Zagallo também se alicerça nessas virtudes.

"[...] o grande termo que nós temos que usar é que ele é um lutador pelos seus objetivos. Essa religiosidade, essa vontade dele de vencer é decorrente das dificuldades que teve na vida profissional.[...] Agora, está novamente na função de coordenador técnico e, se Deus quiser, vamos ter sucesso. Então, essa auréola dele de vencedor é constituída de luta e da fé que ele adquiriu a partir das dificuldades que teve como jogador[...]. Mas acho que a religiosidade teve uma influência positiva na sua vida." (Ricardo Teixeira)

O presidente da Confederação Brasileira de Futebol, exímio conhecedor da trajetória de vida de Zagallo, indica que a luta pelos objetivos e a obstinação pelas vitórias pessoais são as responsáveis pelo seu êxito profissional. Mas não descarta a ajuda de Deus e da auréola de Zagallo,

quando se refere aos empreendimentos futuros da entidade que dirige.

"É evidente que você não consegue realizar uma carreira de tantos desafios[...] se você não tiver uma profunda fé. Pouco importa a inspiração da fé, o que importa é o que a fé encerra de perseverança, o que a fé encerra de otimismo.[...] Além disso, esse personagem é possuidor de uma soberba superstição, que é uma fonte riquíssima de estímulo à agonística, à competição.[...] O futebol sempre teve com Zagallo uma admirável parceria que honra esse esporte do qual o brasileiro é um devoto, a começar pelo próprio Zagallo." (Armando Nogueira)

Com poucas chances de errar, podemos avaliar que esteja implícito nas palavras poéticas do jornalista que os desafios profissionais também existem nas funções de técnico e de coordenador técnico. Não poderia ser diferente. Dessa forma, enfatiza que o comportamento sincrético de Zagallo é o fio condutor que energiza a vontade de vencer dentro dos limites éticos e morais que Zagallo sempre soube respeitar.

"Quando falamos em competência, *know how*, confiança e determinação, isso tudo vem muito dessa fé.[...] É impressionante como essa crença, essa fé de que as coisas vão dar certo, associadas à sua competência e autodidatismo, canalizam energia positiva. Hoje em dia, a psicologia explica que o pensamento positivo traz coisas boas." (Carlos Alberto Parreira)

O depoimento do técnico da Seleção Brasileira segue a mesma linha de raciocínio dos demais entrevistados, ou seja, afirma que a obstinação de Zagallo, a competência autodidata e a crença de que o seu planejamento está no rumo certo se transformam em energia e pensamento positivos, que contribuem para um resultado final favorável.

"Diria mesmo que, além de tudo, Zagallo é um pouco místico. E ele tem consciência disso. Basta dizer que quase todos têm medo do número 13, entretanto, para ele representa a sorte. Ele também é católico, mas no seu espírito as duas coisas podem caminhar juntas e devem ser respeitadas, porque em determinados domínios a religião, seja ela qual for, é uma necessidade e leva à paixão, e o futebol é permanentemente uma paixão." (João Havellange)

O presidente de honra da FIFA caracteriza o comportamento sincrético de Zagallo ao dizer que ele também é católico. Dessa forma, evidencia a relação dele com o sagrado num aspecto mais amplo, onde diferentes manifestações religiosas coexistem sem conflitos. Ao dizer que a religião em determinados domínios é necessária, implicitamente admite que a religiosidade do Zagallo também é decorrente da hostilidade existente no universo do futebol, que nem sempre permite que se ganhe apenas de maneira lícita ou à custa do próprio trabalho. Por isso, para se ter êxito, também são imperativas as presenças da paixão e da fé.

Num dos últimos encontros que tivemos com Zagallo antes de terminarmos o nosso trabalho acadêmico, precisamente no dia 14 de dezembro de 2005, às 11 horas da manhã, mais uma vez tivemos a oportunidade de conversar sobre a relação existente entre o seu êxito profissional e suas crenças:

"Dentro do futebol, que é o nosso assunto, a qualidade, a técnica e a sorte estão juntas. Você tem que ter uma estrela na vida, você tem que ser um iluminado, a fé te ajuda. Eu até mexo com os outros porque nasci às 18 horas, que é a hora da Ave-Maria. Então, já nasci iluminado. Eu acho que isso tudo ajuda. Deus ilumina, a fé vem com tudo, e a sorte está aí."

Pela primeira vez Zagallo se despoja de um certo

formalismo e dá uma demonstração explícita do seu profundo apego ao sagrado. Até então, a fé, a simbologia do 13 e a sorte estavam num plano abaixo dos seus atributos pessoais e profissionais. Mas se dizer um ser iluminado porque nasceu às 18 horas, que na religião católica é o tempo em que os sinos dobram em louvor à Santa Maria, Mãe de Deus, é o mesmo que se ajoelhar, se penitenciar pela revelação até então reprimida, e agradecer contritamente a Deus por ter sido o artesão principal na construção de sua vencedora carreira profissional.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos este trabalho, motivados pelo zelo acadêmico e pela vitoriosa carreira profissional de Zagallo, que justificou a nossa intenção de pesquisa, não tínhamos a dimensão do que representa, para diferentes segmentos do universo desportivo, a figura humana do “Velho Lobo”, como é carinhosamente chamado na intimidade.

Pudemos constatar, por intermédio de sua própria narrativa, dos depoimentos dos entrevistados, e de diferentes meios de comunicação, como a sua humildade no trato com pessoas de diferentes níveis sociais ou intelectuais; a competência profissional forjada no absoluto autodidatismo; a determinação compulsiva em atingir seus objetivos; o elo familiar e a certeza de que a religiosidade protege suas convicções, foram fundamentais na construção de uma trajetória profissional vencedora.

Ao longo de mais de quatrocentos encontros com Zagallo, ao redor dos mais variados assuntos, tivemos o prazer e o privilégio de conviver e conhecer um pouco mais na intimidade um homem que é um exemplo de conduta ética e moral. Que é uma lição de vida.

Em maio de 2005, ano que antecedeu o da sua sétima Copa do Mundo, sem que o destino lhe avisasse foi submetido a uma longa e delicada intervenção cirúrgica que o deixou hospitalizado por 39 dias. Numa das visitas que fizemos a ele, ainda no hospital, em que pese o incômodo de uma sonda

nasogástrica pela qual se alimentava, nos deu uma demonstração de sua tenacidade e vontade de superar as adversidades e foi logo dizendo:

"Me pegaram de jeito, mas eu vou sair dessa. Fui internado no dia 3 e fui operado no dia 10, 3 mais 10 são 13. Já viram o número do meu quarto? É 49, 4 mais 9 são 13."

Sua determinação, fé e vontade de trabalhar pelas causas do futebol promoveram sua total recuperação física e conseqüente retorno à comissão técnica da Seleção Brasileira de Futebol.

Quando retornou de Leipzig, onde esteve para participar do sorteio dos grupos e dos jogos relativos à Copa do Mundo de 2006, numa conversa particular que teve conosco fez uma observação.

"Nós estaremos contra a Croácia no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, e a soma das letras dos dois países é 13. Quando chegar perto da Copa, vou divulgar isso."

Assim é Mario Jorge Lobo Zagallo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. (2004). *História e histórias de vida*. Porto Alegre: Dipucrs.
- ALBERTI, V. (2004). *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV.
- ALVES, R. (2001). *O que é religião*. São Paulo: Loyola.
- AMARAL, L. (2000). *Carnaval da alma - comunidade, essência e sincretismo na nova era*. Petrópolis: Vozes.
- ARAÚJO, L. B. L. (1996). *Religião e modernidade em Habermas*. São Paulo: Loyola.
- ARMSTRONG, K. (1999). *Uma história de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BARROS, G. N. M. de. (1996). *As grandes olimpíadas na Grécia antiga*. São Paulo: Pioneira.
- BAUMAN, Z. (1995). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BECKER, H. S. (1966). *The life history in scientific mosaic - introduction a la réédition de Cliffor, the Jack-Roller*. Chicago: University of Chicago.
- BELLOS, A. (2003). *Futebol: Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BENTO, J. O. (1998). *Desporto e humanismo*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- _____. (2002). *Lembranças incômodas. Desporto Madeira, Funchal, Portugal, 27 dez.*
- _____. (2003). *À conversa com Zagallo. A Bola, Porto, Portugal, 20 jul., Um Olhar do Norte.*

BERGER, P. (1971). *La religion dans la conscience moderne*. Paris: Centurion.

BERTAUX, D. (1976). *Histoire de vies ou récits de pratiques? Methodologie de l'approche biographique en sociologie*. Lausanne: L'Age d'Homme.

_____. (1980). *Sociétés paysannes et depaysannisation. Études par l'approche biographique*. Rennes: Université de Haute-Bretagne.

BLANCK, G.; RUBIN. (1983). *Psicologia da ego*. Tradução de José Luiz Caon. Porto Alegre: Artes Médicas.

CABRAL, L. A. M. (2004). *Os jogos olímpicos na Grécia antiga*. São Paulo: Odysseus.

CAILLOIS, R. (1950). *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70.

CALAZANS, F. (2001). Fim de uma geração. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, 18 nov.

CAMPBELL, J. (1995). *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix.

_____. (2001). A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, 1, 9-23.

CANEVACCI, M. (1996). *Sincretismos (uma exploração das hibridações culturais)*. São Paulo: Studio Nobel.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

COSTA, A. S. (1997). *À volta do estádio*. Porto, Portugal: Campo das Letras.

CUPITT, D. (1999). *Depois de Deus*. Rio de Janeiro: Rocco.

DaMATTA, R. (1982). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheque.

_____. (1986). *Explorações - ensaio de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco.

_____. (1989). *O que faz o Brasil Brasil?* (12ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.

DENZIN, N. (1970). *Research act*. Chicago: Aldine.

DICIONÁRIO HOUISS DA LÍNGUA PORTUGUESA (2002). Rio de Janeiro: Objetiva.

DURKHEIM, É. (1967). *De la division du travail social*. Paris: Presses Universitaires de France.

_____. (1989). *Formas elementares da vida religiosa (O sistema totêmico na Austrália)*. São Paulo: Paulinas.

ELIADE, M. (1998). *Tratado de história das religiões* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2001) *O sagrado e o profano - a essência das religiões* (5ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA DO BRASIL. (1982). Rio de Janeiro: Bloch.

ENCYCLOPÉDIA E DICCIONÁRIO INTERNACIONAL - v. VI. (s.d.). Rio de Janeiro / New York: W. M. Jackson.

FERREIRA, M. C. L. (2002). *Da ambigüidade ao equívoco - a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FREITAS, S. M. de (2002). *História oral- possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Imprensa Oficial.

FREUND, J. (1975). La confessionalisation en politique. *Respublica* - Revue de l'Institute Belge de Science Politique, 3.

FREYNE, S. (1989). Cristianismo primitivo e ideal atlético grego. *Revista Concilium*, Petrópolis, 99 [691] 106 [698].

GARAMBONE, S. M. (2001). *Zagalho bom de briga. Isto é*, Rio de Janeiro, 6 maio.

GIDDENS, A. (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP.

GIDDENS, A.; PIERSON, C. (2000). *Conversas com Anthony Giddens - o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

GIULLIANOTTI, R. (2002). *Sociologia do futebol* (dimensões históricas e culturais do esporte das multidões). São Paulo: Nova Alexandria.

GLAT, Rosana (1989). *A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão*. Questões atuais em educação especial - v. I. (2ª ed). Rio de Janeiro: Sette Letras.

GODOY, L. (1996). *Jogos olímpicos na Grécia antiga*. São Paulo: Nova Alexandria.

GOLDEMBERG, M. (1997). *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record.

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM SOCIOLOGIA DO ESPORTE - Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás. *Manifesto ao II Fórum Social Mundial*. Disponível em: <http://www.tet.utg.br/manifesto-forum-social-pa-html> Acesso em: 8 jul. 2002.

GUERRA, L. D. *A lógica do mercado na esfera da religião*. Disponível em:

<http://sites.uol.com.br/yesod/cedernos/edicao1/logica.htm>
Acesso em: 20 set. 2002.

GUIZZARDI, G.; STELLA, R. (2000). *Teorias da secularização*. São Paulo: Paulinas.

HAGUETTE, T. M. F. (1987). *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes.

HELAL, R. G. (1990). *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense.

_____. (1997). *Passes e impasses - futebol e cultura de massas no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

_____. (2001). Festa e magia do futebol. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 dez.

HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. (2001). *A invenção do país do futebol, mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad.

HEERDT, Mauri. *A grande busca*. Disponível em: <http://www.pime.org.br/pimenet/missaojovem/mjreggeralbusca.htm> Acesso em: 5 ago. 2002.

HOUTART, F. (1994). *Sociologia da religião*. São Paulo: Ática.

HUIZINGA, J. (2001). *Homo ludens - o jogo como elemento da cultura* (5ª ed.). São Paulo: Perspectiva.

IÑIGUEZ, L. (2004). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes.

JACQUET, Aimé (1999). *Ma vie pour une étoile*. Paris: Robert Laffon-Plon.

KLINTOWITZ, J. (2001). Um povo que acredita. *Veja*, São Paulo, 1731, 124-129, 19 dez.

LEPARGNEUR, H. (1971). *A secularização*. São Paulo: Duas Cidades.

LEWIS, I. (1971). *Êxtase religioso*. São Paulo: Perspectiva.

LÜDKE, H. ; ANDRÉ, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

MACEDO, C. C. (1989). *Imagem do eterno: religiões no Brasil*. São Paulo: Moderna.

MAINGUENEAU, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes.

MARROU, H. I. (1973). *História da educação na Antigüidade*. São Paulo: Casanova / EPU / EDUSP.

MARTINS, M. (2001). Aposentadoria antecipada. *Jornal Ataque*, Rio de Janeiro,

MOLTMANN, J. (1989). Olímpia entre política e religião. *Revista Concilium*, Petrópolis, 107 [699] 115 [707].

MURAD, R.; HELAL, R. (1995). *Alegria do povo e Don Diego - reflexões sobre êxtase e a agonia de heróis do futebol*. Rio de Janeiro: Uerj/SR-3.

NOGUEIRA, A. (2000). *A chama que não se apaga*. Rio de Janeiro: Qualitymark.

NOVAES, R. (2003). Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: BIRMAN, P. (Org.) *Religião e espaço público* [pp.25-39]. São Paulo: Attar (Coleção de Antropologia: Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo).

OLIVEIRA, M. C. L. (1996). *Futebol na imprensa: uma releitura*. Rio de Janeiro: Uerj/SR-3.

ORLANDI, E. P. (1996). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso* (4ªed.). Campinas :Pontes.

_____. (1997). *As formas do silêncio* (4ªed.). Campinas: Pontes.

_____. (2003). *Análise do discurso - princípios & procedimentos* (5ªed.). Campinas: Pontes.

OTTO, R. (1992). *O sagrado*. Lisboa: Edições 70.

PASSOS, O. O. R. (2001). *Um outro olhar*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

PÊCHEUX, M. (1998). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed.da Unicamp.

_____. (1990). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.

PEREIRA, A. M. A. (2002). *Excelência profissional em educação física e desporto em Portugal*. Viseu: Instituto Superior Politécnico de Viseu.

PLATÃO (2004). *A república*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret.

PRANDI, R.; PIERUCCI, A. F. (1996). *A realidade social das igrejas no Brasil*. São Paulo: Hucitec.

RAMOS, R. (1984). *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes.

RODRIGUES, N. (1994). *A pátria de chuteiras - novas crônicas de futebol (7ª reimpr.)*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. *À sombra das chuteiras imortais - crônicas de futebol*. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras.

ROSENDHAL, Z. (1999). O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.), *Manifestações da cultura no espaço* [pp.231-243]. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.

ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) (1999). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.

ROSENFELD, A. (1993). *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva.

RUBIO, K. (2003). Do Olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. *Revista Paulista de Educação Física*, 2, 130-143.

SIRONNEAU, J.-P. (2000). *A privatização e o fim do teológico político*. Conferência proferida no II Encontro

sobre Imaginário, Cultura e Educação. São Paulo: FEUSP, maio (mimeo.).

SORTE e azar fazem a cabeça (2004). *Galileu*, São Paulo, 01415-9856, 30-37.

SPAEMAN, R. *Mandruva*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur4/liberdade.htm> Acesso em: 4 ago. 2002.

TEIXEIRA, R. (2001). *Plano de modernização do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

THIOLLENT, M. (1980). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis.

TORRES, C. A. *Carlos Alberto Torres faz justiça a Zagallo e conta os bastidores da campanha do México*. Disponível em: <http://cbfnews.uol.com.br/destaques/ult972u759.jhtm> Acesso em: 5 nov. 2004.

TOURAINÉ, Alain (1994). *Crítica da modernidade* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Vozes.

VATTIMO, G. (2002). *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes.

VILHENA, Junia (Org.) (1991). *Escutando a família: uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

VOLOCHINOV, V. N. (1981). *La structure de l'enoncé*. Paris: Les Éditions du Minuit.

VOTRE, S. J.; OLIVEIRA, A. B. C. de (2003). Hinos e gritos de guerra no futebol - construindo e reconstruindo o imaginário. In: TEVES FERREIRA, N.; COSTA, V. L. M. (Orgs.) *Esporte, jogo e imaginário social* [pp.89-111]. Rio de Janeiro: Shape.

ZAGALLO, M. J. L. (1971). *As lições da Copa* (5ªed.). Rio de Janeiro: Bloch.

_____. (2001). Comunicação pessoal em 23 de maio.

_____. (2002). Comunicação pessoal em 10 de agosto.

_____. (2004). Comunicação pessoal em 5 de maio.

_____. (2004). Comunicação pessoal em 11 de agosto.

_____. (2004). Comunicação pessoal em 25 de agosto.

_____. (2005). Comunicação pessoal em 14 de dezembro.

ANEXO I

ENTREVISTAS

ENTREVISTAS

As perguntas propostas aos dez entrevistados que participaram do presente estudo foram:

- 1^a) **Quais os fatores que contribuíram para o sucesso profissional de Zagallo?**

- 2^a) **Todos nós sabemos da religiosidade de Zagallo. Você acredita que isso possa ter causado alguma influência na sua vida profissional?**

1 - JOÃO HAVELLANGE

Data da entrevista: 3 de abril de 2002.

O advogado Jean-Marie Fautin Godefroid Havellange, ou apenas João Havellange, nasceu no Rio de Janeiro em 8 de março de 1916. É considerado uma das grandes personalidades brasileiras que marcaram o século XX, por ter estado durante 24 anos à frente da FIFA, uma das maiores entidades esportivas do mundo, que congrega 205 países filiados, ultrapassando até mesmo a ONU (Organização das Nações

Unidas). Desde que assumiu o cargo em 1974, aproximou o futebol dos patrocinadores, popularizou esse esporte em lugares antes inimagináveis e abriu espaço para as mulheres no mundo das chuteiras. Representou o Brasil em duas oportunidades, em 1936 como nadador e em 1952 como jogador de pólo aquático. Atualmente é presidente de honra da FIFA e Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Porto.

Resposta à 1ª pergunta:

Antes de responder essa pergunta, gostaria de fazer algumas observações. Eu tive o Zagallo como jogador, em 1958, para a Copa do Mundo na Suécia. Poucos observavam a sua qualidade, porque nós tínhamos um outro jogador da mesma posição, que jogava no Santos, que se chamava Pepe, aliás também muito bom jogador; por ter um chute muito forte, chamavam ele de canhão. Mas apesar disso Zagallo acabou conquistando a posição por sua perseverança, qualidade e, principalmente, espírito de equipe. Eu me recordarei sempre da Copa de 1958, quando pude me certificar da importância do Zagallo. Da mesma forma que servia um passe para um gol, voltava para ajudar a defesa. Era um exemplo de combatividade, inteligência e personalidade. Mesmo sendo pequeno e magrinho, era de uma vontade única, um verdadeiro trator. O Zagallo como jogador deve ficar como uma marca registrada de respeito, qualidade e valor.

Como treinador, Zagallo me faz recordar a Copa de 1970. A Seleção do Brasil havia sido convocada e preparada por um técnico (João Saldanha), e num determinado momento tivemos que substituí-lo, e aí foi chamado o Zagallo. Indiscutivelmente, foi a surpresa mais agradável, mais

desejada e mais aplaudida a atuação dele como técnico. Todos se lembram, e têm a mesma opinião, que aquela Seleção foi a melhor equipe do Brasil em copas do mundo, haja vista a final (4X1) contra a Itália, que foi um jogo inesquecível. O jogo contra o Peru, cuja equipe era dirigida pelo Didi, outro fenômeno como jogador nas Copas de 1958 e 1962, ficou na história como um dos jogos mais completos tecnicamente, e com um número mínimo de faltas. Com muita lisura ganhamos por 4X2, revelando a qualidade e a grandeza de Zagallo. Se pudesse acrescentar mais alguma coisa, diria que jamais teremos um outro tetracampeão. Depois de ter sido vencedor como jogador e como técnico, em 1994 foi campeão como supervisor. Dessa forma, nós temos que aplaudir, reverenciar e fazer com que ele seja um exemplo para todas as gerações. Além disso, é um homem digno, com uma personalidade marcante e um caráter quase impossível de ser superado, eu posso confirmar. Digo mais: não acredito que possamos encontrar, dentro do mundo do futebol, uma pessoa com tantas qualidades como o Zagallo. Por isso eu o aplaudo.

Com relação à pergunta, eu diria que, primeiro, a sua dedicação a tudo que faz. Como jogador da Seleção era o primeiro a chegar, sempre bem fisicamente, para se colocar à disposição da Comissão Técnica. Tanto como presidente da C.B.D. (atual Confederação Brasileira de Futebol) quanto da F.I.F.A., pude observar o Zagallo. Era perfeito em todos os seus momentos de trabalho, seja na preparação e organização quanto nas preleções que fazia para a equipe, porque, além do conhecimento, era extremamente observador. Pelas inúmeras qualidades que tem, é um homem que dificilmente poderá ser repetido. Ficará para mim como um exemplo único dentro do futebol brasileiro.

Resposta à 2ª pergunta:

Diria mesmo que, além de tudo, Zagallo é um pouco místico. E ele tem consciência disso. Basta dizer que quase todos têm medo do número 13, entretanto, para ele representa a sorte. Ele também é católico, mas no seu espírito as duas coisas podem caminhar juntas e devem ser respeitadas, porque em determinados domínios a religião, seja ela qual for, é uma necessidade e leva à paixão, e o futebol é permanentemente uma paixão.

2 - CARLOS ALBERTO GOMES PARREIRA

Data da entrevista: 7 de abril de 2004.

O atual técnico da Seleção Brasileira de Futebol nasceu no Rio de Janeiro no dia 27 de fevereiro de 1943.

Foi campeão do mundo como preparador físico da equipe brasileira dirigida por Zagallo em 1970 e bicampeão em 1994, desta vez na função de treinador e tendo novamente o Zagallo como coordenador técnico. Orgulha-se de ter sido treinador das seleções nacionais de outros quatro países: Gana, Emirados Árabes, Arábia Saudita e Kuwait. Neste último, foi duas vezes campeão do Golfo Pérsico e campeão asiático, além de ter participado de duas Olimpíadas. Por ter ficado envolvido com diferentes seleções durante 17

anos, não teve muito tempo para se dedicar ao trabalho em clubes. Mesmo assim, foi campeão carioca e brasileiro com o Fluminense, campeão paulista e brasileiro com o Corinthians e campeão turco com o Fenerbach.

É observador permanente da FIFA desde 1971, quando foi indicado por João Havellange.

Resposta à 1ª pergunta:

Eu não diria um fator isolado, porque vários fatores foram determinantes.

A obra e o conjunto são exatamente isso aí, inúmeros fatores contribuem para que as pessoas tenham sucesso ou não. E o sucesso do Zagallo vem, como todo artista, do amor e da paixão que ele tem pelo futebol. Eu não conheço uma pessoa bem-sucedida que não tenha tido amor e paixão pelo que faz.

Eu me recordo de um bem-sucedido treinador de voleibol da Holanda, cujo nome não me ocorre agora, que dizia em sua autobiografia: "*Eu sou o voleibol, eu vivo, respiro e transpiro o voleibol*". Zagallo é exatamente isso, ele vive, respira e transpira futebol há 50 anos. Então, é uma paixão. Hoje, aos 72 anos de idade, ele chega aqui na sede da CBF e conversa conosco com o mesmo entusiasmo, com a mesma paixão que tinha há 30 ou 40 anos atrás. Esse amor e paixão pelo futebol fizeram dele a pessoa determinada que é até hoje. Evidentemente que o sucesso vem acompanhado com conhecimento e *know how*. Sem esses dois elementos ninguém chega a lugar algum, e Zagallo teve essa facilidade, acredito eu, de ter sido um grande autodidata, talvez o maior do mundo. Nunca frequentou escolas ou cursos, aprendeu tudo sozinho, pela intuição. Ele é o maior

autodidata da história do futebol. Seu aprendizado começou nas categorias de base do Botafogo, como uma preparação para chegar à equipe de profissionais. O italiano Capelo, é bom citar, além de ter sido um excelente jogador, ficou sete anos nas categorias de base do Milan, um ano estagiando com o treinador Arrigo Sacchi, depois é que se tornou técnico de futebol. Com Zagallo é isso que você vê, essa determinação e conhecimento técnico. Ele foi um grande jogador; sua condição tática superava a técnica, e isso proporcionou a ele uma visão diferente do futebol, a noção de colocação. O Zagallo é o "*Mister 4-3-3*". Este sistema foi criado por ele no futebol, então ele faz parte mesmo da história do futebol. Quando se fala da evolução dos sistemas de jogo, se fala do 4-3-3 brasileiro, e o Zagallo é parte integrante disso. De acordo com o depoimento do próprio Zagallo, o Brasil nunca jogou no sistema 4-2-4 puro. Na Copa de 1958 ele já fazia o papel do terceiro homem no meio campo, voltando pela ponta-esquerda. Na Copa de 1962 isso aconteceu com muito mais ênfase. O Zagallo foi o primeiro treinador a usar dois *pontas-de-lança* [centroavantes] avançados; foi o primeiro a fazer a marcação do tiro de meta; o primeiro a fazer uma equipe sair jogando a partir da defesa; o primeiro a fazer com que a equipe voltasse para se defender no seu próprio campo, dando espaço ao adversário para explorar o contra-ataque em velocidade no espaço deixado pela equipe contrária. Hoje todos fazem isso, e Zagallo já fazia desde 1968. Para mim, ele é o grande homem do futebol mundial. Pena que aqui no Brasil não se dê o valor necessário. Eu não me lembro de ninguém que tenha tido tanta influência na dinâmica de jogo quanto o Zagallo. Além disso, é otimista, confiante, determinado, perseverante, e acredita sempre na vitória. É um *cara de bem com a vida*, com uma personalidade muito

forte, muito marcante, sabe o que quer para buscar seus objetivos. Esses fatores fizeram com que Zagallo tivesse o sucesso que tem até hoje como profissional de futebol e como homem.

Resposta à 2ª pergunta:

Quando falamos em competência, *know how*, confiança e determinação, isso tudo vem muito dessa fé. Eu acho que temos que acreditar em nossos objetivos. Zagallo tem esse lado favorável, ele é otimista e acredita nas suas possibilidades e nos fatores que trazem coisas boas e energias positivas. Eu acho impressionante essa crença que ele tem no sucesso, essa fé de que as coisas vão dar certo. Lembro-me de um episódio que admito que possa ilustrar isso que estou falando. Em 1971 ele era técnico do Fluminense e eu trabalhava com ele na preparação física da equipe. Faltavam três rodadas para terminar o Campeonato Carioca, e o Botafogo, líder da competição, estava com cinco pontos na nossa frente. Naquela época o Botafogo era chamado de *selefogo*, pois tinha jogadores como Carlos Alberto, Paulo César, Jairzinho, Roberto Miranda e Rogério, todos da Seleção Brasileira. Era um excelente time. O jogador Flávio era o centroavante do Fluminense, mas estava na suplência. Na época, o nosso diretor de futebol, o já falecido João Boueri, nos convocou para uma reunião e disse: "*Não estou impondo nada, mas o Flávio é o nosso grande jogador, nós precisamos vendê-lo, e por isso ele tem que jogar para ser visto. Afinal, o campeonato já acabou, ainda mais que o Botafogo vai jogar contra duas equipes mais fracas, além de estar com cinco pontos de vantagem*". Nesse momento o Zagallo respondeu que o campeonato ainda não tinha acabado,

que ainda poderíamos ser campeões, e que iria *brigar* pela conquista desse título. Na rodada seguinte, o Botafogo enfrentaria a fraca equipe do Bonsucesso e, tendo em vista a fragilidade do adversário, deu até volta olímpica para comemorar antecipadamente a conquista do campeonato. Este jogo foi realizado exatamente num dia 13, que era o número do Zagallo e dia de Santo Antônio. O Bonsucesso ganhou por 2X0. A diferença que era de cinco, passou para três pontos. No jogo seguinte, contra o Flamengo, nova derrota do Botafogo por 1X0. O Fluminense, que ganhou dos seus dois adversários, foi jogar seu último jogo justamente contra o Botafogo, precisando da vitória, pois o adversário ainda tinha um ponto de vantagem. Ganhamos o jogo por 1X0, com um gol do Lula aos 43 minutos do segundo tempo. Essas coisas só acontecem com o Zagallo. O professor Admildo Chirol é que dizia: "*O homem nasceu com o traseiro virado para a lua*". É impressionante como essa crença, essa fé de que as coisas vão dar certo, associadas à sua competência e autodidatismo, canalizam energia positiva. Hoje em dia, a psicologia explica que o pensamento positivo traz coisas boas.

Outro exemplo dessa energia positiva que o Zagallo possui aconteceu num jogo decisivo no Maracanã. Para ganhar o Campeonato Carioca de 2001, o Flamengo, cuja equipe era dirigida por ele, precisava ganhar do Vasco por dois gols de diferença. O Flamengo ganhava o jogo por 2X1, e já nos minutos finais o jogador Petckovich se preparava para bater uma penalidade próxima da grande área do Vasco. No momento em que o atleta caminhava para chutar a bola, Zagallo se levanta do banco de reservas com uma imagem de Santo Antonio na mão, e diz: "*É agora ou nunca*". O jogador fez o gol e o Flamengo se sagrou campeão.

O Zagallo é isso aí, um conjunto de competência e fé!

3 - ARNALDO CÉSAR COELHO

Data da entrevista: 13 de setembro de 2004.

Nascido em 1943, o professor de Educação Física e jornalista Arnaldo César Coelho arbitrou jogos de futebol durante 25 anos, dos quais 21 como árbitro da FIFA. Participou de duas Olimpíadas, três campeonatos mundiais de juniores e duas Copas do Mundo: em 1978 na Argentina, e em 1982 na Espanha, quando atuou como árbitro no jogo final entre Itália e Alemanha. Encerrou suas atividades como árbitro em 1989 e no ano seguinte iniciou a carreira de jornalista como comentarista de arbitragem na TV Globo, onde está até hoje. Nesta função participou de quatro Copas do Mundo. Arnaldo César Coelho é autor do livro *A regra é clara*.

Resposta à 1ª pergunta:

Eu nunca tive um contato muito direto com o Zagallo, pois ele estava à margem do campo e eu dentro, apitando os jogos. Apesar disso, minha relação com ele sempre foi muito cordial, e a impressão que ele me passa, como treinador, é a de ser uma pessoa muito metódica, disciplinada e cuidadosa com suas conquistas. Eu cheguei a ver o Zagallo jogar futebol, mas quando iniciei a minha carreira como árbitro ele já era treinador. Tanto pelas equipes de clubes

que ele comandou quanto pela Seleção Brasileira, tenho sua imagem como sendo um homem organizado e perfeccionista. Durante alguns encontros que tive com ele, em viagens e aeroportos, sempre mostrou um grande interesse em saber detalhes e pormenores das regras de futebol. Na Copa de 1974, ainda como árbitro, eu tive o privilégio de trabalhar como jornalista, e nessa oportunidade me impressionou a forma dinâmica como a Holanda jogava. Eles tiravam partido da lei do impedimento, avançando seus zagueiros de forma organizada, rápida e surpreendente, deixando os atacantes em posição de impedimento. Quando observei essa forma de atuação dos holandeses, me preocupei em avisar ao Zagallo sobre essa manobra tática. Infelizmente, fui impedido de entrar na concentração do Brasil para dar essa informação. A equipe brasileira, ao jogar contra a Holanda, foi surpreendida por não saber sair da armadilha preparada pelos adversários. Isso me frustrou muito, por não ter podido ajudar ao Zagallo através de uma conversa antes daquele jogo. Ao contrário, já na Copa de 2002, Felipão teve a curiosidade e a humildade de escutar alguma coisa sobre as regras de futebol que têm muito a ver com a composição.

Voltando ao Zagallo, a impressão que ele me deu, tanto na beira do campo quanto na sua vida particular, é que ele é uma pessoa muito comedida e econômica na forma de usar as palavras, além de ter uma maneira muito disciplinada de agir, daí o seu sucesso.

Resposta à 2ª pergunta:

A importância da religiosidade que Zagallo tem pelo Santo Antônio, que ele carrega para os jogos, ou pela

crença de que o número 13 traz a sorte para ele, é muito maior para os seus comandados e para os torcedores de um modo geral, porque transmite confiança. Ao transmitir essa confiança, faz com que as pessoas inseguras se sintam fortalecidas diante da plena convicção que Zagallo tem de que as coisas vão dar certo. Ele, ao dizer "*Vocês têm que me engolir*", ou por ocasião da Copa do Mundo de 1994, quando afirmou "*Nós vamos ser tetracampeões*", era muito mais um desafio e um sopro de esperança para aqueles que só pensavam na derrota do Brasil. Logicamente que um dia as coisas não vão dar certo para ele, como na Copa do Mundo de 1998, na França, mas Zagallo nunca perdeu a confiança e essa religiosidade que carrega com ele. Para mim, isso tudo é muito mais psicológico. Eu me lembro perfeitamente que o árbitro Armando Marques fazia um verdadeiro ritual antes dos jogos. Aquilo me dava uma sensação de segurança incrível, quando atuava como seu auxiliar nos jogos em que ele arbitrava. No futebol isso é importante, ou seja, a segurança de que tudo vai dar certo, associada à convicção e à vontade de vencer. Nunca devemos esmorecer, pois existe um chavão no futebol que diz: "O jogo só termina depois do apito final do árbitro". Enquanto o jogo não acabar, tem sempre a possibilidade de acontecer algo sobrenatural, e às vezes acaba acontecendo, porque você tem convicção de que aquilo vai ocorrer. Portanto, é muito importante essa crença, esse pensamento positivo que Zagallo transmite aos seus comandados. Eu acredito que a carreira vitoriosa dele é também decorrente de uma crença que inteligentemente usa para influenciar aqueles que estão ao seu redor.

4 - SERGIO BARROS DE NORONHA

Data da entrevista: 11 de novembro de 2004.

Sergio Noronha é jornalista com experiência em todos os meios de comunicação. Foi secretário geral do *Jornal do Brasil* e do *Correio da Manhã*; comentarista esportivo das rádios *Tupi* e *Globo*, e colunista do *Jornal do Brasil*, *Jornal dos Sports*, *Última Hora* e *O Globo*. Atualmente é comentarista esportivo da Rede Globo de Televisão.

Resposta à 1ª pergunta:

Paixão e fé, fundamentalmente essas duas coisas, foram a mola propulsora do sucesso do Zagallo, e eu vou tentar explicar. A paixão é porque o Zagallo é um homem absolutamente apaixonado pelo futebol. Ele adora aquilo que faz, adora não só o seu trabalho, como o trabalho alheio. Na Copa do Mundo de 2002, quando ele atuou como comentarista da TV Globo, tive a oportunidade de conversar durante algumas madrugadas com ele e percebi o quanto é bem humorado e falante. Constatei também o quanto se dedica pelo que faz. Revelou-me que, apesar de ter sido campeão do mundo como jogador, não se negou a ficar no banco de reservas da equipe do Botafogo. Por quê? Paixão! Paixão pelo Botafogo, pelo futebol, paixão pelo país dele. Zagallo é um patriota, e eu admiro os patriotas. Patriota é aquele que leva o seu país adiante. O Zagallo sempre fez o que pôde para levar o Brasil adiante. Ele mostra isso, não

esconde de ninguém que é patriota. Ele se ufana, ele fala com coragem o que pensa. Eu tenho uma admiração muito grande pelo Zagallo, sobretudo pela paixão que demonstra por tudo que faz.

Resposta à 2ª pergunta:

Olha! Eu sou a pessoa menos indicada para falar sobre isso, porque eu sou confessadamente um ateu. Mas, no caso do Zagallo, acho que a sua fé, associada à sua paixão, à qual já me referi, fazem com que ele busque as coisas que parecem impossíveis e aceite qualquer tipo de desafio. Além disso, o Zagallo tem um apetite e uma disposição que muito jovem de 20 anos não tem. É impressionante trabalhar ao lado dele ou simplesmente ficar ao lado dele. Você acaba ficando contagiado pela vontade que ele tem de fazer as coisas e de vencer. Ele é um vencedor nato, aquele sujeito que nasceu para conquistar, e o faz sem nenhum gesto de orgulho, vaidade ou heroísmo. A religiosidade dele, seja na hora em que reza ou na hora que segura a imagem de um santo de devoção, faz com que acredite que tudo vai dar certo. Eu acho que isso ajudou muito a ele. Repito, eu não tenho religião, mas admito que a religião é fundamental para algumas pessoas. É o apoio que as pessoas precisam para enfrentar certos problemas na vida. O Zagallo tem isso como característica, ou seja, a religiosidade leva-o a acreditar mais ainda no que faz. Ele *parte para cima* com uma gana, uma vontade e uma fé inabaláveis. Ele é uma figura que deve ser respeitada, honrada e estudada. É um homem que merece uma estátua exatamente por isso: como eu disse a você, por sua paixão e fé. E sem essas coisas o ser humano é um pouco aleijado.

5 - JOSÉ LUIZ RUNCO

Data da entrevista: 22 de dezembro de 2004.

José Luis Runco é formado em Medicina, com especialização em traumatologia e ortopedia voltada principalmente para as lesões de joelho. Além de presidente do Comitê de Trauma do Desporto da Sociedade Brasileira de Trauma-Ortopedia, é coordenador da equipe médica do departamento de futebol do Clube de Regatas do Flamengo - onde exerce a medicina desportiva há 23 anos - e chefe da equipe médica da Confederação Brasileira de Futebol. Em 1985 chefiou a equipe médica da Seleção Brasileira de Juniores que se sagrou campeã mundial. Em 1986 foi contratado pela Federação Iraquiana para prestar serviços médicos à Seleção de futebol que participou da Copa do Mundo no México. Em 2002 foi o coordenador da equipe médica da Seleção Brasileira de Futebol que conquistou o pentacampeonato mundial, no Japão.

Resposta à 1ª pergunta:

Eu diria que o fator número um, indiscutivelmente, é a humildade que ele tem. É extremamente capaz, mas com uma humildade muito grande, que faz com que as pessoas que trabalham em volta dele sintam-se bem à vontade. Evidentemente que não vamos nem discutir a qualidade técnica dele como jogador profissional, como treinador ou como coordenador. O Zagallo transmite muita força para as

pessoas que trabalham com ele. Eu, quando faço minhas palestras, sobretudo uma cujo título é "O médico no esporte", onde eu falo que um departamento médico deve ser bastante flexível e permitir que outras pessoas participem de forma interdisciplinar ou multidisciplinar, cito o Zagallo como o maior exemplo disso. Apesar da experiência que tem, aceita opiniões de sua equipe, e isso faz com que todos se sintam bem. Além disso, quando fala alguma coisa o faz com tanta vibração que suas colocações se tornam cada vez mais fortes. Então, eu acho que a humildade é o ponto mais importante. Entretanto, não poderia deixar de destacar o seu caráter, a sua decência e o seu profissionalismo. É uma pessoa que tem todas as características favoráveis, por isso é visto como o único ser humano do mundo que conseguiu participar e ganhar quatro copas do mundo.

Resposta à 2ª pergunta:

O Zagallo tem uma formação que, coincidentemente, eu também tive no Colégio Marista São José. Ele sempre coloca Deus como sendo o grande objetivo - aliás, também concordo com ele. Acredito que todos temos que ter esse objetivo na vida. Acho que Zagallo juntou todos os atributos das pessoas que vencem na vida, ou seja, competência, valores éticos e morais, e a religiosidade que encoraja e dá confiança às coisas que faz. Quando traça um objetivo, e consegue chegar até o final, ele vibra, dando mostras de que o seu planejamento estava correto e que superou as dificuldades inerentes ao desporto de competição e às adversidades do dia-a-dia. Ele demonstra claramente a sua satisfação em tudo que faz. Desde que voltou à Seleção Brasileira, nas entrevistas que concede ele sempre fala na

"amarelinha", se referindo à camisa da Seleção, e diz: "Nós vamos ser campeões", ou simplesmente "Vamos ao hexa". Essa convicção de que as coisas vão dar certo, e a sua religiosidade, são extremamente importantes no resultado final. Quanto à sua admiração pelo número 13, de certa forma tornou-se um pouco folclórica, porque todas as coisas boas do Zagallo aconteceram sempre ligadas ao 13, a começar pelo casamento, que foi num dia 13, e em breve estará completando cinquenta anos de casado. Isso tudo para ele é muito importante e faz com que seja cada vez mais forte.

6 - ARTHUR ANTUNES COIMBRA

Data da entrevista: 11 de janeiro de 2005.

Arthur Antunes Coimbra, conhecido no universo desportivo como Zico, o "Galinho de Quintino", foi o maior ídolo de todos os tempos do centenário Clube de Regatas do Flamengo, clube que congrega cerca de 40 milhões de torcedores. Como jogador de futebol do Flamengo, foi campeão mundial interclubes, campeão da Copa Libertadores, quatro vezes campeão brasileiro, sete vezes campeão carioca, seis vezes campeão da Taça Guanabara e duas vezes campeão da Taça Rio, marcando um total de 689 gols em 849 jogos. Jogou ainda pelo Udinese da Itália, pelo Kashima Antlers do Japão e pela Seleção Brasileira. Em toda a sua carreira participou de 1.180 jogos, marcando 826 gols. Além disso, foi Secretário Nacional de Esportes, coordenador

técnico da Seleção Brasileira, coordenador e diretor técnico do Kashima Antlers, presidente/fundador do Clube de Futebol Zico e presidente do Comitê Organizador Brasil 2006. Atualmente é técnico da Seleção do Japão.

Resposta à 1ª pergunta:

Eu acho que foram vários. Em primeiro lugar vem o conhecimento que ele adquiriu durante a carreira como jogador, mesmo porque acredito que ele tenha passado pelas mãos de diversos treinadores que passaram coisas boas para ele. Depois, o próprio dom natural para ser treinador. Entretanto, independente do conhecimento técnico e tático, Zagallo tem uma habilidade muito grande para incentivar os jogadores. Por acreditar naquilo que faz, ele sabe muito bem motivar, empolgar e tirar do atleta aquilo que ele tem de melhor. Quando eu fui coordenador técnico da Seleção Brasileira, eu tive a oportunidade de constatar a competência que o Zagallo tem para fazer com que os jogadores realizem com muita convicção aquilo que é proposto. Acho que essa é uma de suas maiores virtudes.

Resposta à 2ª pergunta:

Eu admito que sim, porque uma pessoa que acredita em alguma coisa adquire um certo tipo de poder. Acho que a religião tem uma influência muito grande no dia-a-dia do Zagallo, pois o encoraja a dizer aquilo que pensa, a realizar o que pretende e a ter forças para passar seus ensinamentos. Zagallo acredita no ditado de que "A fé remove montanhas", pois se apegou a certas crenças que lhe

trouxeram resultados favoráveis e tiveram uma influência muito grande no seu sucesso.

7 - GERSON DE OLIVEIRA NUNES

Data da entrevista: 23 de janeiro de 2005.

Gerson, conhecido como "Canhotinha de Ouro", foi tricampeão mundial de futebol em 1970, no México. Foi também campeão em todos os clubes onde jogou, ou seja, Flamengo, São Paulo e Fluminense. Em 1974, quando encerrou a carreira de atleta, iniciou a de radialista na Rádio Tupi. Trabalhou também na TV Globo, TV Bandeirantes, e atualmente é comentarista esportivo da Rádio Globo.

Resposta à 1ª pergunta:

Em primeiro lugar, ele foi um jogador muito técnico e muito tático, já que ele se prendia aos esquemas táticos, seja como jogador ou treinador. Isso ajudou muito ao Zagallo, porque sabia conversar de igual para igual com os jogadores. Quando era jogador, ele argumentava com os colegas de equipe sobre o esquema tático e a movimentação dos jogadores. O Zagallo idealizava um sistema de jogo e fazia variações sobre o sistema que criava. Esse procedimento, de mexer nos jogadores como peças de um tabuleiro de xadrez, é próprio de quem conhece futebol. O

treinador tem que saber o que está fazendo, porque existem jogadores que questionam o próprio técnico sobre o que ele está pretendendo fazer com a equipe. Também existem jogadores que, à revelia do técnico, trocam de posicionamento ou alteram a forma de jogar da equipe. O técnico, por suas próprias observações, tem de saber o que se passa dentro do campo. No Botafogo, e na própria Seleção Brasileira, quando a situação estava complicada, fazíamos algumas alterações por nossa conta. No vestiário, após o término do primeiro tempo, o Zagallo, através de pequenos botões sobre um tabuleiro, ia logo apontando o que tínhamos feito e como o adversário tinha reagido. O Zagallo tinha uma maneira peculiar de decidir sobre a forma de atuação da equipe. Ele ouvia as opiniões dos jogadores de defesa, meio-campo e ataque. E, a partir daí, juntava o que víamos com o que ele via e sentia fora do campo. Daí o sucesso do Zagallo em todos os lugares por onde passou. Além disso, é um sujeito corretíssimo, honesto toda vida, e excepcional amigo e companheiro. O sucesso dele também passa por aí.

Resposta à 2ª pergunta:

Em tudo na vida você tem que acreditar naquilo que faz. Mas você tem que ter fé em alguma coisa, pois sem ela, seja qual for, nada acontece. E ele tem uma fé inquebrantável, como eu também tenho, pois sou católico apostólico romano. Eu confesso, comungo e assisto à missa todos os domingos. Eu acho que sem fé você não dá um passo e, se der, será em falso. A fé que o Zagallo tem ajuda a ele até hoje. A fé fez com que ele atingisse suas metas. Você tem que acreditar em Deus, pois sem ele nada disso funciona.

8 - BERNARDO ROCHA DE RESENDE

Data da entrevista: 10 de fevereiro de 2005.

Bernardinho, como é conhecido no universo desportivo, nasceu no Rio de Janeiro em 1959. Como jogador de voleibol, fez parte da geração de prata que foi vice-campeã olímpica em Los Angeles. Quando técnico da Seleção Brasileira Feminina de Voleibol, participou de 24 competições internacionais, conquistando seis terceiros lugares, seis vices e dez primeiros lugares, dentre os quais: um Campeonato Mundial, uma Copa do Mundo, um Sul-americano, quatro Gran Prix e duas medalhas de bronze nas Olimpíadas de Atlanta e Sidney.

Em 2001 assumiu a Seleção Brasileira Masculina, e com esta equipe venceu quatorze competições internacionais, entre elas: uma Copa América, três campeonatos da Liga Mundial, um Sul-americano, um Pan-americano, uma Copa do Mundo e uma medalha de ouro nas Olimpíadas de Atenas, em 2004.

Bernardinho, considerado o mais bem-sucedido treinador de voleibol do Brasil e talvez do mundo, foi eleito em 2004, pelo Comitê Olímpico Brasileiro, pela terceira vez consecutiva, o melhor técnico do Brasil dentre todas as modalidades.

Resposta à 1ª pergunta:

Acompanhando como torcedor ou como desportista a trajetória dele a partir de 1970, ou até mesmo a história dele como jogador, acho que ele foi um bom jogador, entretanto, não era acima da média como os demais de sua época, como o Pelé, Garrincha, Nilton Santos e tantos outros. Apesar disso, ele foi um bom coadjuvante daquela brilhante geração das Copas de 1958 e 1962, pela importância da função tática que desempenhava como poucos para a equipe. Eu me vejo, quando jogava na Seleção, semelhante a ele, um jogador que não era hiper habilidoso, mas que participou de uma geração vitoriosa que me ajudou a observar a importância de uma liderança dentro do campo. Eu não tinha um talento excepcional, mas, digamos assim, um talento médio. Mas aprendi que existem espaços tanto para os jogadores que têm talento como para aqueles que têm consciência de sua função ou atribuição tática dentro do campo. Portanto, eu acredito que, a partir do momento que ele passou de jogador a treinador, soube usufruir bem dos talentos à sua disposição, ou seja, o talento dos grandes virtuosos, como ele teve na geração de 1970, mas também daqueles que completavam bem sua equipe. Além disso, ele sempre demonstrou, ao longo do tempo, determinação, obstinação e uma convicção muito forte nas coisas que planejou. E, para que tudo desse certo na carreira do Zagallo, que é um super hiper vitorioso, existiu o elemento paixão. Eu acredito que o talento, somado à dedicação, envolvidos pela paixão, seja a equação que define bem o sucesso de um elemento como o Zagallo na história, não somente do futebol, como na história do esporte brasileiro.

Resposta à 2ª pergunta:

Isso é uma coisa muito pessoal, e se nós analisarmos como cientistas do esporte, não acredito, na prática, que tenha causado alguma influência. Mas cada pessoa depende de elementos diversos para dar segurança às suas convicções, e, dentre esses elementos, como a obstinação, perseverança e determinação, ele agregou o elemento fé. Ele acredita, acredita e acredita na sua capacidade de trabalho, mas sempre associada à sua religiosidade, à sua fé. E isso, volto a dizer, é uma questão muito pessoal, e ele utilizou muito bem para alimentar suas convicções, para dar segurança às crenças dele, mesmo nos momentos de dificuldades e de derrotas, até porque não existem desportistas que não sintam o sabor da derrota, a não ser aqueles que não jogam. E o Zagallo sempre soube dar a volta por cima pautado na sua obstinação e capacidade de superação, alicerçada e reforçada por uma fé muito grande que carrega consigo.

Portanto, eu acredito que, para ele, a fé tenha sido importante. Mas, observando de fora, os valores mais importantes são as características pessoais que o identificam como um batalhador, um obstinado, e com uma grande capacidade de superação. Eu, particularmente, faço fé no trabalho, ou seja, planejar e executar com afinco aquilo que você traçou para buscar os seus objetivos. É aquela história: se apenas a fé fosse o elemento mais importante, nós teríamos que nos dedicar muito mais às orações do que ao treinamento. Respeito tremendamente as pessoas que têm o elemento fé como um forte componente, mas não acredito que isso seja a questão mais importante, acredito que seja apenas uma questão pessoal que tem de ser respeitada e utilizada por aqueles que têm uma meta a cumprir.

9 - RICARDO TERRA TEIXEIRA

Data da entrevista: 1º de março de 2005

Dr. Ricardo Teixeira nasceu no Rio de Janeiro em 20 de junho de 1947. É, desde 1989, presidente da Confederação Brasileira de Futebol. Sob sua gestão a Seleção principal do Brasil conquistou duas copas do mundo, três campeonatos sul-americanos e vários títulos mundiais nas categorias sub-16 anos, sub-17, sub-19 e sub-20.

Resposta à 1ª pergunta:

Se for o Zagallo, eu diria que é o número treze, mas enfim, não basta a sorte. Não! Acho que o Zagallo tem um mérito, um grande mérito na vida, que é, digamos assim, atingir os objetivos dele. Quer dizer, ele é um sujeito que luta por aquilo que quer, desde lá quando jogador, e nesses períodos todos que passou comigo na Seleção, quer como coordenador, quer como técnico. Sempre foi um lutador pelos seus projetos e objetivos. Eu acho que, inegavelmente, o grande suporte desse sucesso dele foi, no meu modo de ver, o grande espírito de luta que ele tem para atingir seus objetivos.

Resposta à 2ª pergunta:

Certamente positiva, no meu modo de ver. Mas eu volto à pergunta anterior para dizer que o grande termo que nós temos que usar é que ele é um lutador pelos seus objetivos. Essa religiosidade, essa vontade dele de vencer, é decorrente das dificuldades que teve na vida profissional. Para ele ocupar a ponta-esquerda da Seleção de 1958, ele teve que lutar bastante. E, se nós observarmos bem, constatamos que ele esteve em quase todas as seleções de sucesso do Brasil. Em 1958 e 1962 foi bicampeão do mundo como jogador, em 1970 foi campeão como treinador, em 1994 foi campeão como coordenador técnico, e em 1998 foi vice-campeão. Agora, está novamente na função de coordenador técnico e, se Deus quiser, vamos ter sucesso. Então, essa auréola dele de vencedor é constituída de luta e da fé que ele adquiriu a partir das dificuldades que teve como jogador, que você sabe que não é uma profissão das mais fáceis. Mas acho que a sua religiosidade teve uma influência bastante positiva na sua vida.

10 - ARMANDO NOGUEIRA

Data da entrevista: 18 de março de 2005.

Armando Nogueira nasceu no estado do Ceará em 1927. Aos 17 anos veio para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito. Em 1950 iniciou uma brilhante carreira jornalística, com passagem nos principais órgãos de

imprensa do País. Como repórter, fez a cobertura de todas as copas do mundo a partir de 1954. De 1966 a 1990 foi diretor da Central Globo de Jornalismo da Rede Globo de Televisão, onde também dirigia o departamento de esportes. Atualmente é apresentador do programa "Armando Nogueira" no canal SPORTV/Globosat, cronista da Radio Bandeirantes de São Paulo e colunista do *Jornal do Brasil*, sendo que sua coluna, "Na Grande Área", é publicada em outros 67 jornais. Armando Nogueira é autor de oito livros, todos sobre esportes; alguns deles são adotados em cursos de português e literatura, tanto no segundo grau como no circuito universitário.

Resposta à 1ª pergunta:

Sou testemunha histórica da carreira de Zagallo, desde quando ele se transferiu do América para o Flamengo. E depois, quando ele se consagrou bicampeão do mundo em 1958 e 1962, como jogador, e tricampeão do mundo, já então como treinador, em 1970.

A trajetória do Zagallo é marcada nitidamente pelo que eu chamo de culto da coragem, o culto da determinação, que explica todos os mistérios do esporte.

O Zagallo era um driblador, com grande habilidade na perna esquerda. E então, quando meia, era um armador na equipe do América. Como ponta-esquerda na função de armador, ele chegou a ser referência mundial, tanto em 1958 quanto em 1962.

O Zagallo sempre foi um jogador completo do ponto de vista técnico, embora fisicamente fosse franzino, até meio frágil. Mas acontece que ele sempre teve muito equilíbrio físico e mental. Ele tinha, como jogador, uma obstinação

típica dos predestinados para a vitória. Na Seleção Brasileira de 1958 e 1962 ele tinha um papel fundamental de ligação entre a defesa e o ataque, de proteção ao Nilton Santos. Foi ele quem introduziu na Seleção o papel do ponta recuado. Ocorre que Zagallo não se limitava a recuar; como marcador, ele atacava incisivamente, fazia gol como autêntico ponta.

Eu considero o Zagallo um dos mais competentes jogadores e, posteriormente, treinadores que o futebol já teve. Ele merece toda a reverência que o Brasil passou a ter por ele depois de injusticá-lo, por razões puramente políticas, ideológicas, quando em 1970 a esquerda brasileira, num surto de intolerância, classificou o Zagallo como uma espécie de ponta-de-lança da ditadura militar na Seleção Brasileira. Pura invencionice. Houve quem dissesse que ele convocou o Dario por imposição do presidente Médici. Eu nunca soube dessa imposição, e se o presidente Médici tivesse imposto o Dario, não seria para ele ser reserva. O Dario foi convocado porque ele era um artilheiro e o Zagallo precisava ter um elenco com capacidade de fazer gol. Então ele convocou dois jogadores de área: um era o Roberto, do Botafogo, e o outro, o Dario.

Não há medidas para você falar da carreira heróica, épica, de Mario Jorge Lobo Zagallo.

Resposta à 2ª pergunta:

É evidente que você não consegue realizar uma carreira de tantos desafios, como a carreira de atleta, se você não tiver uma profunda fé. Pouco importa a inspiração da fé, o que importa é o que a fé encerra de esperança, o que a fé

encerra de perseverança, o que a fé encerra de otimismo. O Zagallo acabou se projetando no futebol por todas essas virtudes técnicas e morais, mas das morais, das grandes virtudes que distinguem a pessoa humana, a que mais exalta a figura do Zagallo é a humildade. O Zagallo sempre foi uma pessoa extremamente humilde.

Eu me lembro que, voltando de um dos mundiais - e isso, você, Jayme, talvez possa pesquisar melhor, porque talvez tenha sido depois de 1962 - ele, no Botafogo, reapresentou-se ao clube, e lá tomou conhecimento de que o Botafogo, naquele final de semana, estava disputando um título, uma final, na categoria de aspirantes, que era o andar de baixo do time profissional na época dos anos 50. Ao saber que o técnico Paulo Amaral estava com problemas na ponta-esquerda, já que o titular, que era o Amarildo, estava machucado, o Zagallo procurou o Paulo Amaral e disse: *"Olha, se você está precisando de um ponta-esquerda para essa partida, pode contar comigo"*. E o que aconteceu? O campeão do mundo Zagallo entrou em campo à uma hora da tarde, sob o sol abrasador do Maracanã, não para jogar para uma platéia de Maracanã cheio na primeira divisão do futebol brasileiro, mas para jogar uma partida de categoria inferior, como se estivesse começando a sua carreira, o que prova que ele não deixou que a fama lhe subisse à cabeça. Ele humildemente entrou na ponta-esquerda e se sagrou campeão aspirante pelo Botafogo.

Além disso, esse personagem é possuidor de uma soberba superstição, que é uma fonte riquíssima de estímulo à agonística, à competição. O Zagallo sempre foi um atleta na mais perfeita, na mais grega das acepções. Tenho por ele o maior respeito; aliás, temos todos por ele o maior respeito. O futebol sempre teve em Zagallo um admirável

parceiro que honra esse esporte, do qual o brasileiro é um devoto, a começar pelo próprio Zagallo.

ANEXO II

**MARIO JORGE LOBO ZAGALLO:
DADOS SOBRE A ATIVIDADE PROFISSIONAL**

MARIO JORGE LOBO ZAGALLO
DADOS SOBRE A ATIVIDADE PROFISSIONAL

JOGOS DISPUTADOS PELA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

Jogos disputados - ATLETA	
n° de jogos	37
n° de vitórias	30
n° de empates	04
n° de derrotas	03
n° de gols a favor	99
n° de gols contra	29
saldo de gols	70
total de gols feitos	06

Jogos disputados - COORDENADOR TÉCNICO	
n° de jogos	95
n° de vitórias	52
n° de empates	32
n° de derrotas	11
n° de gols a favor	202
n° de gols contra	75
saldo de gols	127

Jogos disputados - TÉCNICO	
n° de jogos	154
n° de vitórias	110
n° de empates	33
n° de derrotas	11
n° de gols a favor	354
n° de gols contra	122
saldo de gols	232

Jogos disputados - RESUMO GERAL	
n° de jogos	286
n° de vitórias	192
n° de empates	69
n° de derrotas	25
n° de gols a favor	655
n° de gols contra	226
saldo de gols	429

Fonte: CBF - Confederação Brasileira de Futebol,
Departamento de Seleções (dados atualizados
até 31/01/2006).

TÍTULOS CONQUISTADOS COMO JOGADOR PROFISSIONAL

Ano	Clube	Títulos
1952	C.R.Flamengo	Torneio Início.
1953	C.R.Flamengo	Campeonato Carioca.
1954	C.R.Flamengo	Campeonato Carioca, Torneio Triangular do Rio de Janeiro.
1955	C.R.Flamengo	Campeonato Carioca, Torneio Gilberto Cardoso.
1960	Botafogo F.R.	Torneio Quadrangular de Bogotá (COL).
1961	Botafogo F.R.	Campeonato Carioca.
1962	Botafogo F.R.	Torneio Rio-São Paulo, Campeonato Carioca, Torneio Pentagonal do México.
1963	Botafogo F.R.	Torneio Internacional de Paris (FRA).
1964	Botafogo F.R.	Torneio Rio-São Paulo, Torneio Jubileu de Ouro da Associação de Futebol da Bolívia, Torneio Quadrangular do Suriname, Torneio Governador Magalhães Pinto (MG).

TÍTULOS CONQUISTADOS COMO TREINADOR

Ano	Clube	Títulos
1966	Botafogo F.R.	Campeonato Carioca (Juvenil).
1967	Botafogo F.R.	Campeonato Carioca, Taça Guanabara.
1968	Botafogo F.R.	Campeonato Carioca, Taça Guanabara.
1969	Botafogo F.R.	Taça Brasil (1968).
1971	Fluminense F.C.	Campeonato Carioca.
1972	C.R.Flamengo	Campeonato Carioca, Taça Guanabara.
1973	C.R.Flamengo	Taça Guanabara, Vice-Campeonato Carioca.
1976 a 1979	Seleção Kuwait	Copa do Golfo da Arábia.
1978 a 1979	Clube El Helal (SAR)	Campeonato Árabe.
1980	C.R. Vasco da Gama	Taça Rio.
1981 a 1984	Seleção da Arábia Saudita	Torneio Pré-Olímpico.
1984	C.R. Flamengo	Taça Guanabara.
1989 a 1990	Seleção dos Emirados Árabes	Classificação Copa do Mundo (Itália).
2001	C.R. Flamengo	Taça Guanabara, Campeonato Carioca, Copa dos Campeões.

CONDECORAÇÕES

- Medalha e Diploma do Mérito Desportivo outorgada pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República.
- Medalha Mérito Legislativo Câmara dos Deputados (Congresso Nacional - Brasil).
- Medalha de Ouro na Copa do Mundo - Estados Unidos - 1994.
- Medalha de Prata na Copa do Mundo - França - 1998.

Fonte: CBF - Confederação Brasileira de Futebol,
Departamento de Seleções.

ANEXO III

MATRIZ ANALÍTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO

MATRIZ ANALÍTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO

TEMAS CENTRAIS	SUBTEMAS
O homem Mario Jorge Lobo Zagallo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Humildade, gratidão e outros atributos ➤ A determinação de um vencedor ➤ A referência familiar
O jogador de futebol	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A inteligência para identificar suas limitações ➤ A inteligência para explorar suas potencialidades ➤ Espírito de equipe ➤ O reconhecimento ➤ O final de carreira como jogador
O treinador / coordenador técnico	<ul style="list-style-type: none"> ➤ O início cauteloso ➤ Simplicidade ➤ Comando ➤ Competência / visão de jogo ➤ Prazer pelo trabalho ➤ A fé como atributo
O <i>Homo religiosus</i>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A manifestação do sagrado ➤ A institucionalização e universalização do número 13 como símbolo do Zagallo ➤ O êxito desportivo e o sagrado